

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CAROLINE ANDRADES

As táticas utilizadas pelas Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva para consumir informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço

**São Borja - RS
2019**

CAROLINE ANDRADES

**AS TÁTICAS UTILIZADAS PELAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E
AUDITIVA PARA CONSUMIR INFORMAÇÕES DO BOLETIM DE PREVISÃO DO
TEMPO DO JORNAL DO ALMOÇO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof^o. Dr. Marco Bonito

**São Borja - RS
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

A292t Andrades, Caroline

As táticas utilizadas pelas Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva para
consumir informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço /
Caroline Andrades. 108 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pampa, Habilitação
em Comunicação Social - JORNALISMO, 2019. "Orientação: Marco Bonito"

1. Previsão do tempo. 2. Telejornalismo. 3. Pessoas com Deficiência. 4.
Meteorologia. I. Título.

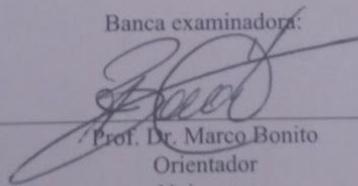
CAROLINE ANDRADES

AS TÁTICAS UTILIZADAS PELAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E
AUDITIVA PARA CONSUMIR INFORMAÇÕES DO BOLETIM DE PREVISÃO DO
TEMPO DO JORNAL DO ALMOÇO

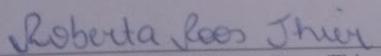
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Jornalismo da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em comunicação social habilitação em
Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04. dezembro de
2019.

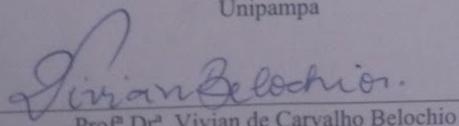
Banca examinadora:



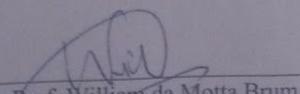
Prof. Dr. Marco Bonito
Orientador
Unipampa



Prof. Dr. Roberta Roos Thier
Unipampa



Prof. Dr. Vivian de Carvalho Belochio
Unipampa



Prof. William da Motta Brum
Unipampa

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a todas às
Pessoas com Deficiência e para você, que adora saber se
irá chover hoje ou fazer sol.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de conclusão de curso foi produzido com a ajuda de uma das coisas que mais amo na vida: a música. Muitos foram os dias escrevendo enquanto escutava minhas bandas favoritas. Eu não iria conseguir iniciar esse agradecimento sem lembrar da importância da música na minha vida. Também queria lembrar do autor de fantasia mais adorador por mim: John Ronald Reuel Tolkien. Em suas obras, especialmente em Senhor dos Anéis, Tolkien me faz refletir sobre a amizade e o quanto é essencial termos pessoas ao nosso lado para nos apoiar.

Durante o meu caminho até aqui, tive a sorte de contar com pessoas gentis e que sempre dedicaram um pouco do seu tempo para me ouvir. Meus avós paternos partiram muito cedo, mas ainda lembro de diversos momentos que vivemos juntos. O meu avô Bernardo despertou em mim a curiosidade em saber sobre a meteorologia, ele sempre dizia antes de uma viração no tempo que “vento norte é chuva forte” e eu nunca me esqueci. Também deixo registrado meu agradecimento a minha avó materna Nely, que acabou perdendo sua visão por causa de um glaucoma. Ter convivido com ela durante essa fase difícil de sua vida, talvez tenha despertado em mim o interesse em pesquisar sobre Pessoas com Deficiência.

Queria também agradecer aos meus pais por sempre apoiarem as minhas escolhas e principalmente, a minha graduação em jornalismo. Durante o desenvolvimento deste TCC, minha mãe sempre estava ali fazendo algo que gosto ou apenas para me ouvir, ela é o meu maior exemplo de força e coragem. Já meu pai sempre comentava feliz sobre o caminho que segui e sei que ele teria seguido comigo até o final. Muito desse trabalho foi produzido enquanto sentia sua falta.

Assim como no livro ou filme de A sociedade do Anel, contei com amigos que estiveram ao meu lado durante este caminho, que nem sempre contou com dias ensolarados e temperaturas agradáveis. Não irei dizer em detalhes o quanto eles foram inspirações na minha vida, mas quero deixar registrado todo o meu amor e gratidão. Começando pela Jaqueline Soares, minha amiga de infância e também ao Henrique, que ainda não chegou, mas já trouxe muita luz para o meu caminho. Ao Giovani Garcez por acreditar em mim até quando eu mesma não acredito, a Maiara Lopes por ser minha irmã de coração e estar sempre presente e também a Caciele Barbosa por estar comigo nessa jornada desde antes da primeira série do ensino fundamental.

Durante minha caminhada, também contei com o carinho de pessoas que por mais que não estejam diariamente comigo, estão sempre me enchendo de alegria e esperança, obrigada Fernanda Weirich, Everton Silva, Joseane Fonseca, Alexandre Disconzi, Laisla Lopes e Milene Marchezan. Também agradeço ao Victor Eduardo por me auxiliar nas entrevistas fazendo a interpretação em Libras.

Assim como Frodo Bolseiro, também tive a minha própria sociedade, os companheiros mais fiéis durante minha aventura: meus colegas de profissão, amigos que levarei para sempre comigo: Luís Noal, Paula Flores, Eduarda Reolon, Mila Vançan, Anna Furlanetto, Barba Cristina e Juliana Tamaki, essa de forma especial, porque construímos um laço de amizade honesto e real. Se fosse pensar em uma amizade da literatura para representar a nossa, eu pensaria em Sam e Frodo ou Merry e Pippin.

E antes de encerrar esse agradecimento, não poderia deixar de registrar o meu muito obrigada ao meu orientador, professor Marco Bonito. Ele é um pesquisador e professor que me inspira todos os dias! Além de aceitar compartilhar desta aventura comigo, o Marco possui um talento para capturar os melhores pôr-do-sol. Em meu último aniversário, ele me lembrou da importância das nuvens: elas são responsáveis por compor os mais lindos crepúsculos. Seguirei minha jornada, desejando sempre um belo crepúsculo e um Sol Invictus cheio de energias para o Marco. Por fim, também agradeço aos professores que foram importantes para o meu crescimento durante a graduação: Sara Feitosa, Vivian Belochio, Livia Saggin e a querida profa. Mara Ribeiro.

“Raízes profundas não são atingidas pela geada.”

— **J.R.R. Tolkien**

RESUMO

A presente pesquisa é referente a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizado no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Essa monografia é uma pesquisa de recepção, que busca compreender como Pessoas com Deficiência (PcD) Visual e Auditiva consomem as informações da previsão do tempo do quadro do Jornal do Almoço (JA). Depois de delimitar o tema, que se refere ao boletim meteorológico do JA, apresentamos sua problemática, que está relacionada com a falta de acessibilidade em conteúdos sobre previsão do tempo no telejornalismo, e discorremos de forma sintetizada sobre a ciência meteorológica no Brasil. Também foi feita a problematização teórica conceitual, onde expomos seis conceitos que foram relacionados com o objeto de estudo, alguns deles: meios e mediações de Jesus-Martín Barbero, cidadania comunicativa (MATA, 2006) e acessibilidade comunicativa (BONITO, 2015). Para atingir o objetivo proposto, foi necessário organizar encontros com cinco voluntários e utilizar princípios da técnica de observação participante durante cada reunião. Após realizar essa etapa, buscamos descrever e analisar o campo empírico.

Palavras-Chave: telejornalismo, meteorologia, acessibilidade comunicativa, Pessoas com Deficiência, previsão do tempo, Jornal do Almoço.

RESUMEN

Esta investigación se refiere a un trabajo de finalización del curso (TCC), realizado en el curso de periodismo de la Universidad Federal de Pampa (Unipampa). Esta monografía es una investigación de recepción que busca comprender cómo las personas con discapacidades visuales y auditivas consumen la información del pronóstico del tiempo de la de Jornal do Almoço (JA). Después de delimitar el tema, que se refiere al informe meteorológico de JA, presentamos su problema, que está relacionado con la falta de accesibilidad en el contenido del pronóstico del tiempo en el periodismo televisivo, y discutimos brevemente la ciencia del clima en Brasil. También se realizó la problematización teórica conceptual, donde expusimos seis conceptos relacionados con el objeto de estudio, algunos de ellos: medios y mediaciones de Jesús-Martín Barbero, ciudadanía comunicativa (MATA, 2006) y accesibilidad comunicativa (BONITO, 2015). Para lograr el objetivo propuesto, fue necesario organizar reuniones con cinco voluntarios y utilizar los principios de la técnica de observación participante durante cada reunión. Después de realizar este paso, buscamos describir y analizar el campo empírico.

Palabras clave: noticias de televisión, meteorología, accesibilidad comunicativa, personas con discapacidad, pronóstico del tiempo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração do CPTEC para alerta meteorológico	28
Figura 2 – Imagem do primeiro boletim de previsão do tempo da RBS TV	34
Figura 3 – Boletim meteorológico do Jornal do Almoço de 1998 e 2005	36
Figura 4 – Primeira previsão do tempo apresentada por Brunna Colossi	37
Figura 5 – Modelo atual do boletim meteorológico do Jornal do Almoço	39
Figura 6 – Ilustração evidenciando as variações de temperatura no Brasil	43
Figura 7 – Imagem do aplicativo SOS Chuva	46

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Audiodescrição

CPTEC – Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos

JA – Jornal do Almoço

IAG – Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas

Inpe – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

INEMA – Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

INMET – Instituto Nacional de Meteorologia

NASA – National Aeronautics and Space Administration

NOAA – Administração Nacional Oceânica e Atmosférica

OMM (WMO) – Organização Mundial de Meteorologia

PcD – Pessoas com Deficiência

PDA – Pessoa com Deficiência Auditiva

PDV – Pessoa com Deficiência Visual

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 Problema	17
1.2 Delimitações do tema	19
1.3 Objetivos	21
1.3.1 Objetivo Geral	21
1.3.2 Objetivos Específicos	21
1.4 Justificativa	22
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	25
2.1 Pessoas com Deficiência visual e auditiva	29
2.2 A meteorologia no telejornalismo	31
2.4 O boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço	33
2.3 As mudanças climáticas	40
3. PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA	45
3.1 Jornalismo meteorológico	45
3.2 Comunicação e cidadania	49
3.3 Sujeitos comunicantes	51
3.4 Acessibilidade comunicativa	52
3.5 Estratégias e táticas do cotidiano	53
3.6 Dos meios às mediações	54
4. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	56
4.1 Pesquisa exploratória	56
4.2 Pesquisa da pesquisa	58
4.3 Pesquisa bibliográfica	59
4.4 Pesquisa teórica e conceitual	60
4.5 Pesquisa empírica	61
4.6 Pesquisa de campo	62
4.7 Observação participante	63
4.8 Pesquisa de recepção	63
5. DESCRIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO	64
5.1.1 ALINE SILVEIRA	65
5.1.2 Primeiro encontro	66

5.1.3 Segundo encontro	66
5.1.4. Terceiro encontro	67
5.2.1 TATIANA CARDOSO	68
5.2.2 Primeiro encontro	69
5.2.3 Segundo encontro	69
5.2.4 Terceiro encontro	70
5.3.1 GUILHERME MARTINS	71
5.3.1 Primeiro encontro	71
5.3.2 Segundo encontro	72
5.3.4 Terceiro encontro	73
5.4.1 KÁTIA KIRINUS	73
5.4.2 Primeiro encontro	74
5.4.3 Segundo encontro	75
5.4.4 Terceiro encontro	76
5.5.1 EDUARDO QUOOS	76
5.5.2 Primeiro encontro	77
5.5.3 Segundo encontro	78
5.5.4 Terceiro encontro	78
5.6.1 WESLEY BERNARDES	79
5.6.2 Primeiro encontro	80
5.6.3 Segundo encontro	80
5.6.4 Terceiro encontro	81
6. ANÁLISE DO CAMPO EMPÍRICO	82
7. CONSIDERAÇÕES GERAIS	85
POSFÁCIO: PROPOSIÇÕES FUTURAS	90
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICES	94

1. INTRODUÇÃO

A proposta desta monografia surgiu após uma pesquisa exploratória acadêmica e não acadêmica, no qual foi possível observar que no Brasil não há boletins de previsão do tempo, no telejornalismo e também na internet, com acessibilidade comunicativa para as Pessoas com Deficiência (PcD) Visual e Auditiva. Então, através de dados do último Censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fizemos um recorte do objeto de estudo e elaboramos uma pergunta problema que norteou toda pesquisa.

O quadro de previsão do tempo que faz parte do objeto deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é o do Jornal do Almoço (JA), telejornal da RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul. Essa investigação possui como principal estratégia metodológica a pesquisa de recepção, tendo em vista que para atingir o objetivo geral proposto, que é compreender como Pessoas com Deficiência (PcD) Visual e Auditiva consomem as informações do quadro meteorológico, foi necessário realizar encontros e utilizar princípios da técnica de observação participante.

No primeiro capítulo apresentamos o problema e sua problemática, que estão relacionados com a falta de recursos acessíveis no boletim meteorológico e o impedimento das Pessoas com Deficiência (PcD) exercerem sua cidadania. Também tratamos do nosso objetivo geral, que é compreender como Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva consomem as informações da previsão do tempo do Jornal do Almoço. Para justificar este trabalho, refletimos sobre leis que visam dar autonomia e cidadania para as PcD e também tratamos da relevância das informações sobre tempo e clima para as diversas atividades da sociedade. O próximo capítulo, refere-se a contextualização dessa pesquisa, nele abordamos questões sobre Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva, fazendo uma distinção entre deficiente auditivo e surdo. Logo depois, discorremos sobre o histórico da meteorologia no telejornalismo e por fim, colocamos em evidência o boletim meteorológico do Jornal do Almoço (JA).

Já no terceiro capítulo, desenvolvemos a problematização teórica e destacamos os conceitos teóricos que trouxemos para esta pesquisa. Primeiro refletimos sobre jornalismo meteorológico e explicamos o uso deste termo e depois, tratamos de comunicação e cidadania, sujeitos comunicantes, acessibilidade comunicativa (BONITO, 2015), estratégias e táticas do

cotidiano de Michel Certeau (1980) e meios e mediações de Jesus-Mártin Barbero (1987). Todos foram relacionados com o objeto de estudo desta investigação e foram essenciais para ajudar na reflexão sobre o tema e alcançar os objetivos propostos inicialmente.

Em nosso quarto capítulo, indicamos as estratégias metodológicas que utilizamos ao longo do trabalho, sendo que algumas delas são: pesquisa exploratória, pesquisa da pesquisa, pesquisa bibliográfica, empírica, pesquisa de campo e de recepção. Os processos metodológicos escolhidos foram fundamentais para ajudar a compreender todas as nuances do tema proposto e também de seu objeto. Por fim, apresentamos de forma descritiva os encontros realizados com os seis voluntários desta pesquisa. Em outro tópico, expomos a análise do campo empírico e finalmente, realizamos uma reflexão e respondemos a pergunta problema que norteou nossa pesquisa.

1.1 Problema

Em uma pesquisa acadêmica, “definir um problema significa especificá-lo em detalhes precisos e exatos [...] deve haver clareza, concisão e objetividade” (MARCONI & LAKATOS, 2003). Além do mais, as autoras ainda refletem questões de valoração de um problema, ou seja, questões de viabilidade, relevância, novidade e oportunidade. Já Duarte e Barros (2010), destacam que durante essa etapa, é essencial formular uma pergunta ou várias, pois elas irão nortear o pesquisador ao longo da produção do trabalho.

A partir da escolha do tema e objeto desta monografia, foi necessária uma reflexão profunda sobre o assunto, buscando formular um problema que seja relevante e também possua viabilidade. Primeiramente, os boletins de previsão do tempo possuem uma característica de prestação de serviço, pois são informações de interesse público (MORAES e REIS, 2010), mas será que esses dados são acessíveis? Será que sua narrativa é didática? Todos os telejornais da TV aberta no Brasil possuem os quadros meteorológicos, entretanto, nenhum deles conta com ferramentas de acessibilidade para as Pessoas com Deficiência (PcD) Visual e Auditiva.

Para que um conteúdo seja acessível para as PcD é necessário que ele disponibilize recursos de audiodescrição¹, janela de LIBRAS² e legenda oculta³. A TV Brasil, canal do governo, por exemplo, disponibiliza a janela de LIBRAS em sua programação para as Pessoas com Deficiência Auditiva, entretanto, o recurso não é disponível no informativo de previsão do tempo. Já no telejornal Repórter Brasil, também da TV Brasil, mas voltado para as Pessoas com Deficiência Visual, não há o quadro meteorológico.

No Brasil, as leis existentes para dar suporte para essas pessoas, não dão conta de todas as suas necessidades (BONITO, 2012). No capítulo II, da lei nº 131.46 de 2015, do “acesso à informação e à comunicação”, diz que todo conteúdo publicado em sites na internet deve conter recursos de acessibilidade. Já no artigo Art. 65, ainda do capítulo II, diz que as empresas de serviços de telecomunicações devem garantir total acesso à pessoa com deficiência, disponibilizando a janela de LIBRAS, legenda oculta e audiodescrição. Entretanto, como já foi apresentado, nada disso acontece, até mesmo em canais associados ao governo, já que nem toda sua grade de programação contém esses recursos.

Os boletins de previsão do tempo sofreram diversas mudanças estéticas e também em sua estrutura ao longo dos anos. Contudo, a narrativa do quadro é visual e acaba dificultando o acesso aos dados pelas Pessoas com Deficiência Visual. Diferente de uma informação de um aplicativo de smartphone, o boletim meteorológico da televisão, permite uma explicação da apresentadora, que na maioria dos casos, é uma jornalista que estuda e tem acompanhamento de meteorologistas, para assim, passar informações mais didáticas e completas.

Além das leis não serem seguidas, o fato de não haver ferramentas acessíveis, tira o direito de cidadania das Pessoas com Deficiência. Para os autores Signates e Moraes (2016), quando negamos a comunicação para uma pessoa, dentro de uma sociedade de direitos, estamos tirando a cidadania desse sujeito, ou seja, impedimos uma pessoa de exercer sua cidadania. A falta de recursos acessíveis nas informações de previsão do tempo pode fazer as

¹ A audiodescrição é um recurso que permite acessibilidade em conteúdos audiovisuais para Pessoas com Deficiência Visual. Esse recurso consiste na explicação das imagens que estão aparecendo na tela em um segundo canal de áudio.

² A janela de LIBRAS é um recurso acessível fundamental para Pessoas com Deficiência Auditiva que são alfabetizadas com a língua brasileira de sinais.

³ A legenda oculta ou *closed caption* é um recurso acessível, principalmente, para Pessoas com Deficiência Auditiva alfabetizadas em português.

Pessoas com Deficiência (PcD) serem ainda mais dependentes, o que vai contra os objetivos das leis.

Entende-se que essa pesquisa possui relevância e também novidade, por dois motivos: primeiramente, é relevante pelo fato de tratar de um direito de cidadania das Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva. Por segundo, a questão da novidade se dá pelo motivo de não existir uma pesquisa acadêmica no Brasil que busque entender a falta de acessibilidade nos boletins meteorológicos. A partir de toda reflexão feita até aqui e entendendo a importância das informações meteorológicas para a vida da sociedade, a pergunta problema que irá nortear essa monografia é: quais são as táticas utilizadas pelas Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva para consumir as informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço?

1.2 Delimitações do tema

O tema de uma pesquisa, de acordo com Duarte e Barros (2010), precisa estar delimitado no seu espaço, tempo, mídia e foco, pois quando não há uma delimitação, a temática acaba se tornando ampla, prejudicando o pesquisador que pode acabar se perdendo ao longo do caminho. Segundo os autores, o objeto precisa ser restrito e bem formulado a partir do tema proposto. Após essas considerações, ao longo deste tópico, será descrito o corpus da presente pesquisa e o que ela pretende trabalhar.

Primeiramente, o tema da pesquisa trata da meteorologia no jornalismo de telejornais. A partir desta temática, o recorte dado é para o quadro de previsão do tempo do Jornal do Almoço, telejornal da RBS TV, no ar no Rio Grande do Sul desde 1972. O critério para escolher o boletim foi pela sua abrangência estadual, e por esse motivo, o critério dos dados do IBGE sobre Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva, também será estadual.

Com a fase inicial do trabalho, foi observado que assim como todos os demais quadros de previsão do tempo dos telejornais, tanto de nível nacional como estadual, não há ferramentas que possibilitem acessibilidade para as PcD. Então, a pesquisa busca compreender como as Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva, consomem essas informações que são inacessíveis. O resultado será obtido através da técnica de entrevista em profundidade. É válido ressaltar que esta monografia se trata de uma pesquisa de recepção.

Antes do contato com os cinco voluntários da pesquisa, será feita uma análise do boletim de previsão do tempo do JA. Tal atividade busca traçar um histórico com as principais reformulações do quadro ao longo dos anos, como, por exemplo, arte/infografia e duração da apresentação. Ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, há um tópico apresentando as mudanças do quadro do JA.

Além disso, é necessário ressaltar que essa pesquisa trata apenas do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço. Não são consideradas informações de aplicativos de smartphones, rádio, jornal ou página na Internet. Os voluntários foram convidados para assistir ao quadro meteorológico do JA e apenas as informações sobre esse quadro foram consideradas. Outro ponto destacado, é que os encontros foram realizados de forma individual, nenhum dos voluntários assistiu junto e debateu sobre suas dificuldades. Por fim, após a realização dos encontros, da observação e da entrevista com os cinco voluntários, três deficientes visuais e dois surdos, foi feita uma análise dos resultados obtidos, buscando responder a pergunta problema que norteia este trabalho.

1.3 Objetivos

Em uma pesquisa, são os objetivos que irão delimitar o foco do estudo (DUARTE e BARROS, 2010). O presente trabalho possui um objetivo geral e também específicos. Para Bonin (2006), o objetivo geral se refere sobre o que a pesquisa deseja alcançar. Depois de toda problematização, justificativa e contextualização do objeto, a presente pesquisa tem como objetivo geral, entender como as Pessoas com Deficiência visual e auditiva, consomem as informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço, telejornal da RBS TV, afiliada da emissora Rede Globo, no Rio Grande do Sul.

É necessário ressaltar que a pesquisa terá como foco apenas os boletins de previsão do tempo da televisão. Por este motivo, não será considerado informações de aplicativos de celulares e também de redes sociais, que não pertençam ao quadro de previsão do tempo do JA.

Quando pensamos em objetivos específicos, de acordo com Bonin (2006), devemos lembrar que eles também são importantes na construção da pesquisa. Além disso, é nesse momento em que se expõe “todas as ações necessárias para responder às questões apontadas

na problemática da pesquisa” (DUARTE e BARROS, 2010). Com a reflexão sobre os propósitos deste trabalho, o objetivo geral e específicos serão:

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar e compreender quais são as táticas que as Pessoas com Deficiência visual e auditiva utilizam para consumir as informações da previsão do tempo do Jornal do Almoço.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Para atingir o objetivo geral, será necessário utilizar e analisar dados do IBGE sobre Pessoas com Deficiência.

- Através dos dados, determinar perfis para melhor representar as PcD;

- Após criar os perfis, procurar cinco Pessoas com Deficiência;

- Encaminhar a pesquisa para aprovação no Conselho de Ética da Unipampa.

- Encontrar cinco PcD, sendo três deficientes visuais e duas auditivas/surdas

- Organizar encontros onde será feita a observação participante e também entrevista em profundidade com essas pessoas.

1.4 Justificativa

Ao refletir sobre o nosso papel enquanto estudante de universidade pública e de comunicação, penso que é necessário olhar para a nossa sociedade e buscar por um tema que não seja apenas para satisfazer um interesse próprio. O pesquisador Efendy Maldonado, diz que “não é pertinente, nem justificado formular projetos que não contribuam para melhorar as sociedades pelas quais são sustentados” (MALDONADO, 2011). Caminhando nesta mesma direção, Jiani Bonin (2011), destaca que a realidade na qual estamos inseridos deve orientar também nossas decisões enquanto pesquisadores de comunicação.

Segundo o último Censo (2010), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, cerca de 45 milhões de brasileiros, ou seja, 24% da população, possui algum tipo de deficiência. De acordo com os dados, no Rio Grande do Sul, há mais de 10 milhões de

peessoas, sendo que pouco mais de dois milhões possuem algum tipo de deficiência. No estado gaúcho, mais de 1.440 mulheres responderam ao censo que possuem alguma deficiência, o dado é maior que de homens que chega a 1.106. Ainda sobre os resultados do IBGE, mais de 28 mil gaúchos responderam que não conseguem enxergar de modo algum e 18 mil pessoas são totalmente surdas.

No Brasil existem diversas leis que procuram garantir os direitos das Pessoas com Deficiência, entretanto, tais leis acabam não sendo seguidas e nem cobradas pelas autoridades. Um exemplo é a lei do acesso à informação, que exige dos veículos de comunicação, acessibilidade em sua programação, ou seja, ferramentas como audiodescrição, janela de LIBRAS e legenda oculta. No entanto, quase não há recurso de acessibilidade nos conteúdos, especialmente jornalísticos, o que acaba excluindo essas pessoas de consumir tais informações.

Após constatar a falta de acessibilidade nos conteúdos jornalísticos e refletindo sobre os problemas que a nossa sociedade está enfrentando nos últimos anos, foi observado que as informações meteorológicas estão em evidência e precisam ganhar nossa atenção enquanto pesquisadores de comunicação. Então, a partir da fase inicial da pesquisa, foram feitas diversas leituras e análises sobre a temática, o que possibilitou uma compreensão mais aprofundada do assunto e a construção de sua problemática. É válido ressaltar nesse momento, que nem mesmo veículos de comunicação do governo, que possuem acessibilidade em toda sua grade de programação, não possibilitam recursos acessíveis no quadro de previsão do tempo.

Nós estamos diariamente consumindo informações meteorológicas, seja para saber se haverá chuva ou se será necessário carregar um casaco para a volta do trabalho. As mudanças climáticas é uma realidade no mundo e já está influenciando no clima. A cada dia, tempestades mais severas vão afetando grandes ou pequenas cidades, vão destruindo casas, cidades e até mesmo tirando a vida de pessoas. São fenômenos naturais, que a cada momento vão surgindo com mais intensidade e estar preparado para uma situação de risco é fundamental.

A pesquisa vai trabalhar com um boletim meteorológico estadual, porque o Rio Grande do Sul, juntamente com o pampa Argentino, faz parte de uma região onde ocorre as tempestades mais severas de todo o mundo, segundo o projeto Relâmpago. Esse experimento surgiu com o objetivo de estudar as condições atmosféricas desse local e entender como se

formam essas tempestades. O Relâmpago foi um estudo internacional, instalado na Argentina, que reuniu pesquisadores de diversos países e contou com apoio da Nasa, Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço, e da NOAA, Administração Nacional Oceânica e Atmosférica, dos Estados Unidos. No Brasil, o projeto foi chamado de Relâmpago SOS Chuva, onde uma equipe de pesquisadores se instalou em São Borja de outubro a dezembro de 2018, com apoio da Fapesp e do Inpe, para estudar as tempestades que já chegam maduras ao território gaúcho.

No Rio Grande do Sul há vários registros de temporais ao longo do ano. Na fronteira oeste, por exemplo, os meses de outubro, novembro e dezembro, é o período onde há maior incidência de tempo severo, segundo o Relâmpago SOS Chuva. Por esse motivo, buscar formas de melhorar a produção da previsão do tempo e também a emissão de alertas é fundamental para toda a sociedade. Dentro do jornalismo, as informações meteorológicas fazem parte da “prestação de serviço”, conforme Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo Lima explicam no livro *Manual do Telejornalismo*. Com essa característica, os autores afirmam que tais notícias devem sempre primar pela qualidade e clareza em sua apresentação.

É notório que nos últimos anos, os quadros de previsão do tempo passaram por várias reformulações e estão ganhando a cada dia mais atenção. Um dos motivos, certamente, é a questão das mudanças climáticas e o aumento de temporais com cada vez mais intensidade, atingindo cidades e prejudicando pessoas. Entretanto, os boletins ainda não disponibilizam nenhum recurso acessível para as PcD, acabando por excluí-las de tais informações.

Existem poucas pesquisas na comunicação, que trabalhem questões de meteorologia no telejornalismo. Analisando a falta de recursos acessíveis para as Pessoas com Deficiência nos boletins, foi identificada a necessidade de buscar entender como essas pessoas, que são excluídas pelas produções jornalísticas, conseguem consumir esses produtos mesmo inacessíveis. Outro ponto que incentivou a escolha desse objeto, foi o fato de não haver nenhuma pesquisa que destaque a falta de acessibilidade em boletins de previsão do tempo, que como já foi abordado, são informações de interesse público.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Segundo Efendy Maldonado (2011), a contextualização é uma etapa fundamental, no qual permite uma reflexão e aprofundamento do objeto de pesquisa, levando em consideração seus múltiplos contextos. Ela permite uma visão abrangente e particular do tema investigado, além disso “situa o contexto do problema como articulador dos outros contextos na estruturação da pesquisa” (MALDONADO, 2011, p. 281). Outro fator necessário na contextualização, é a perspectiva histórica que ajuda a compreender os fatores envolvidos no processo do fenômeno investigado (BONIN, 2011).

A meteorologia é uma ciência que estuda as condições e o comportamento físico da atmosfera (INMET, 2019). O termo surgiu na Grécia Antiga, cerca de 350 a.C, quando Aristóteles, considerado o “pai” da meteorologia, escreveu o livro de filosofia natural chamado “*Meteorológica*”, no qual alguns tópicos citados são sobre nuvens, chuva, granizo, neve, furacões e trovões (IAG, 2019). Entretanto, conforme apresenta Coutinho (2016), antes da meteorologia surgir como ciência, povos antigos já buscavam entender as informações sobre o tempo e clima, através de observações celestes.

De acordo com Coutinho (2016), a ciência meteorológica foi se desenvolvendo pelo mundo com o surgimento dos instrumentos meteorológicos. Em 1441 surgiu o pluviômetro, responsável pela medição da chuva e em 1450 foi criado o anemômetro, um equipamento que indica a velocidade do vento. Já os termômetros só foram surgir a partir do século XV e um tempo depois, com a chegada do século XIX, “foram estabelecidas as equações que permitiriam prever o tempo não de forma empírica, mas literal” (COUTINHO, 2016, p.22).

Com o passar dos anos, a meteorologia foi ganhando mais espaço, principalmente com a criação, em 1873, da Organização Internacional de Meteorologia (OMI), que mais tarde, em 1950, mudaria o nome para Organização Meteorológica Mundial (OMM). A criação da OMM possibilitou a troca de dados e informações entre os países, assim, avançando na previsão do tempo. Segundo Coutinho (2016), no século XX, as guerras entre países foram importantes para o desenvolvimento da ciência meteorológica, pois exigiram uma projeção mais precisa de previsão de tempo.

Contudo, a meteorologia começou a avançar com efetividade graças ao surgimento dos computadores e com o lançamento, em 1960, do primeiro satélite meteorológico.

Conforme Coutinho (2016), com os supercomputadores e com os dados do satélite, foi possível conhecer melhor a atmosfera e com isso, ter uma maior amplitude de dados para a produção da previsão. Então, a partir daqui, com o apoio da tecnologia, surgem os modelos de previsão do tempo.

Já no Brasil, em 1808, foi criado o primeiro observatório meteorológico, entretanto, é válido ressaltar que o ano de 1781 também foi marcante no país, pois foram realizadas as primeiras medições meteorológicas nos estados do Rio de Janeiro e em São Paulo. Ainda no Brasil, em 1909, foi criada a Diretoria de Meteorologia e Astronomia, que era vinculada ao Ministério da Agricultura e foi só em 1917, que iniciou-se a previsão do tempo no país, porém, essa previsão era apenas feita para o estado do Rio de Janeiro e cidade, na época, capital do Brasil. No livro “Entrando no clima”, a jornalista Maju Coutinho fala sobre os avanços da ciência a partir de 1921:

Após 1921, houve grandes avanços a partir da instalação de novos observatórios, implementação de radiossondas e previsão numérica do tempo. Nesse período, a Diretoria de Meteorologia se desmembrou da Astronomia e originou, mais tarde, o atual Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) (COUTINHO, 2016. p.23).

O Instituto Nacional de Meteorologia, o Inmet, foi fundado em 18 de novembro, sendo um órgão administrado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. O Inmet fornece previsões climáticas, previsão do tempo, monitoramento climático, informações de climatologia, além de apresentar dados sobre a agrometeorologia, que estuda o impacto de fenômenos meteorológicos no sistema agropecuário (INEMA, 2019). Além disso, em 2009, o Instituto disponibilizou um livro que contou com a colaboração de mais de 100 pesquisadores, onde aborda o fator meteorológico no cultivo de produção agrícola pelo Brasil.

Após a criação do Inmet, em 1958, surgiu a Sociedade Brasileira de Meteorologia (SBMET), que tinha como objetivo unir os profissionais e regulamentar a profissão de meteorologista. Na época, não havia curso superior de meteorologia no Brasil, ou seja, para quem queria ser um profissional na área, era necessário sair do país. De acordo com a SBMET, o primeiro curso de graduação na ciência, surgiu em 1965, na Universidade do Brasil, hoje a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Entretanto, a Sociedade Brasileira de Meteorologia passou por muitas dificuldades depois de instituída e seus ideais perderam força. Em 1962, antes do primeiro curso de graduação surgir, a SBMET foi desativada e só conseguiu voltar em 1976. A volta da sociedade de meteorologia se deve muito ao fato do desenvolvimento do curso de graduação da ciência no Brasil e seus professores:

A Meteorologia havia experimentado durante alguns anos uma certa estagnação. Os profissionais ainda eram poucos, não havia representatividade e tampouco incentivos significativos à pesquisa. O mesmo grupo que lutou pela reativação, também promoveu a I Semana de Meteorologia da UFRJ. Tido para muitos como embrião dos congressos bienais da SBMET, o encontro reuniu estudantes, profissionais da área e entidades governamentais para palestras de pesquisadores brasileiros e estrangeiros (SBMET, 2019).

A segunda fase da Sociedade Brasileira de Meteorologia alcançou diversas conquistas, uma delas foi a regulamentação da profissão no Brasil, em 1980. Além do mais, a SBMET também idealizou o Congresso Brasileiro de Meteorologia e Simpósios Internacionais de Climatologia. Contudo, durante o surgimento da SBMET, ainda foi criado o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o Inpe, em 1961, estimulado pela corrida espacial entre União Soviética e Estados Unidos. O instituto tem como objetivo, impulsionar o desenvolvimento acadêmico e também científico da meteorologia. A partir da instalação do Inpe no Brasil, surgiu a primeira pós-graduação da ciência.

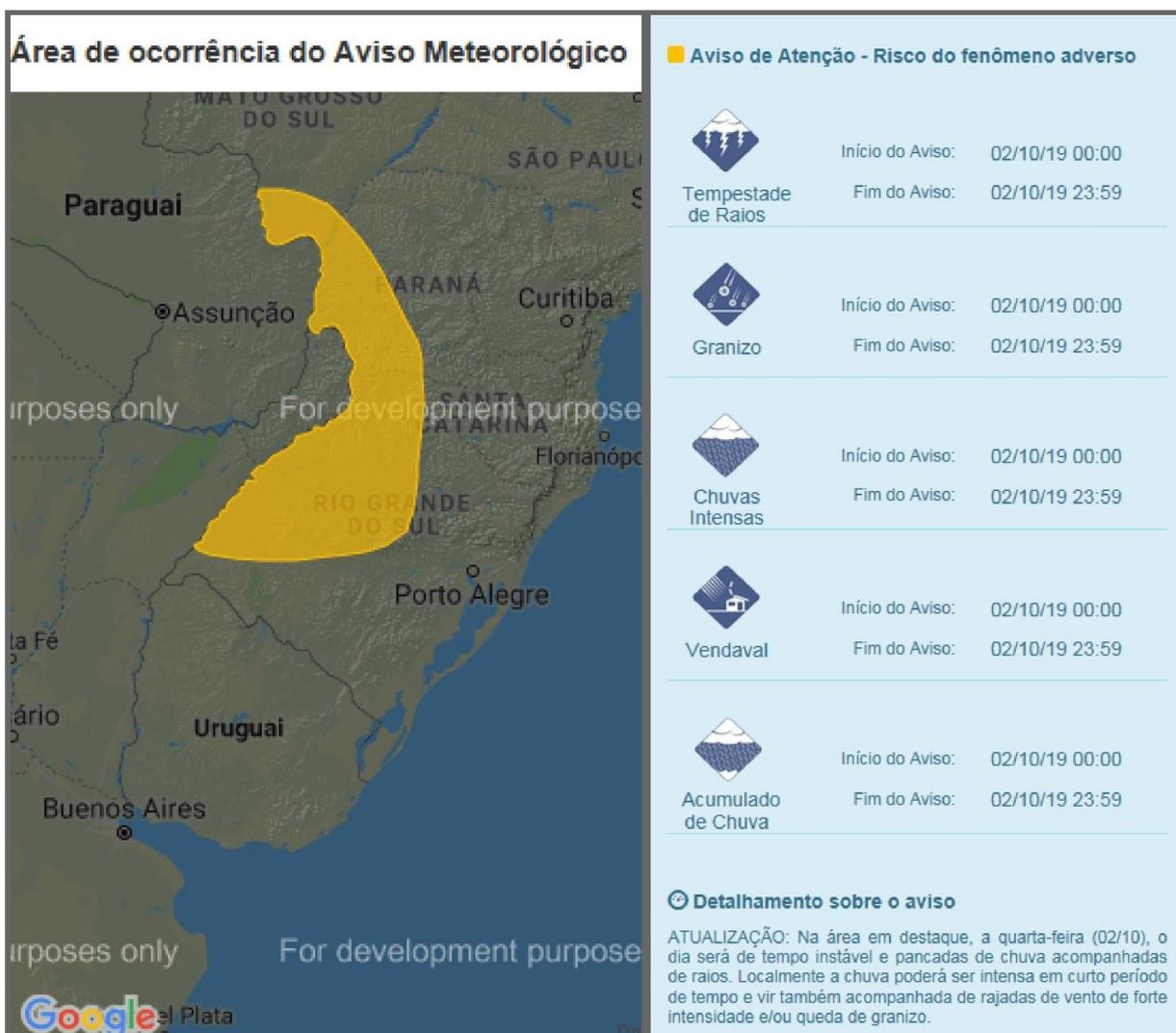
Com a criação dos cursos de graduação e também do Inpe, a meteorologia foi ganhando força no Brasil. Em 1994, foi inaugurada a sede do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos, o CPTEC, localizado na cidade de Cachoeira Paulista, em São Paulo. O CPTEC é ligado ao Inpe, sendo considerado o centro mais avançado em previsão numérica de clima e tempo da América Latina. Em seu site, o centro explica a forma da coleta dos dados meteorológicos:

O sistema de computação é alimentado por informações derivadas dos satélites Meteosat e Goes, da rede de dados da Organização Meteorológica Mundial (WMO) e das redes nacionais sob a responsabilidade do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia do Ministério da Agricultura). Outras informações vêm do DEPV (Diretoria de Eletrônica e Proteção ao Voo do Ministério da Aeronáutica), DHN (Diretoria de Hidrografia e Navegação do Ministério da Marinha), centros estaduais de meteorologia e de outros centros internacionais. O satélite brasileiro (SCD-1), que coleta dados ambientais, também desempenha papel importante no levantamento de informações necessárias à pesquisa meteorológica no INPE (CPTEC, 2019).

Atualmente, o CPTEC possui diversas pesquisas em desenvolvimento e disponibiliza o acesso a dados de satélite, imagens e mapas em seu site. Além disso, o centro também emite alertas, quando necessário, para determinadas regiões (como é possível ver na figura 1). Todos os avisos meteorológicos divulgados pelo CPTEC, que envolvem o Rio Grande do Sul, são informados no boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço. Entretanto, no site do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos, também não há acessibilidade para Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva, nos vídeos de previsão de tempo e clima.

Na imagem a seguir, é possível observar como é divulgado o alerta meteorológico pelo CPTEC/INPE.

Figura 1: A ilustração abaixo, apresenta um alerta de tempo severo para parte dos estados do Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A imagem foi reproduzida da página do Facebook do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC/Inpe):



Fonte: Página do CPTEC/Inpe no Facebook (2019)

2.1 Pessoas com Deficiência visual e auditiva

Em 2015, visando assegurar os direitos das Pessoas com Deficiência, além de promover sua cidadania, o Brasil instituiu a lei de nº 131.46 de inclusão das PcD. Tal lei foi estabelecida com base na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, além de que, é válido recordar que no país cerca de 24% da população possui alguma deficiência. No Rio Grande do Sul, segundo o IBGE, de uma população de 10 milhões de pessoas, dois milhões possuem alguma deficiência. Tanto no país como no estado, a deficiência visual é a que mais atinge a população, principalmente mulheres. Uma das aplicações da lei, segundo o Art. 3º, está relacionada com a acessibilidade:

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (CONGRESSO NACIONAL, 2015. Disposições Gerais, cap. I, art. 3º).

Como é possível observar, o Art. 3º trata da acessibilidade em várias questões, desde mobilidade até informação e comunicação. O primeiro capítulo da lei, ainda fala sobre barreiras que podem impedir o livre direito de expressão, de independência e de acesso à comunicação, ou seja, de ações que impedem o exercício de cidadania dessas pessoas. Já o capítulo II, aborda sobre igualdade e discriminação:

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas (CONGRESSO NACIONAL, 2015. Da igualdade e da não Discriminação, cap. II. art. 4º).

Quando analisamos as formas de discriminação apresentadas no capítulo II, do Art. 4º, é possível afirmar que grande parte dos veículos jornalísticos excluem as Pessoas com Deficiência, já que praticamente não disponibilizam nenhum recurso acessível em seus conteúdos, em especial, ao boletim de previsão do tempo. Para as Pessoas com Deficiência

Visual (PDV), seria necessário a utilização da audiodescrição no boletim meteorológico. Sem o recurso acessível, não há outra forma da PDV ter acesso pleno ao conteúdo. Porém, é importante destacar que a audiodescrição não é o único recurso para as Pessoas com Deficiência Visual, ainda há o braille e a comunicação tátil, além da ferramenta de ampliação em dispositivos multimídia e a legenda descritiva em páginas da Internet.

Por outro lado, as Pessoas com Deficiência Auditiva (PDA) e surdos também são excluídos da comunicação, já que na grande maioria dos programas jornalísticos não há ferramentas acessíveis para elas. Aqui, é necessário ressaltar que há uma diferença entre deficiência auditiva e surdez. Conforme o site *Hand Talk*⁴, Pessoas com Deficiência Auditiva (PDA) sentem alguma dificuldade em ouvir, ao contrário do surdo, que teve uma perda profunda e não consegue escutar. Além disso, pessoas surdas possuem a Libras como primeiro idioma.

No boletim de previsão do tempo, para que as PDA não fossem excluídas das informações meteorológicas, seria necessário ter uma legenda oculta que fosse descritiva, mas que também acompanhasse a apresentação do quadro em sincronia e claro, a janela de LIBRAS, para assim, atender também a população surda. No livro sobre a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, disponibilizado pelo governo, é feita uma reflexão sobre a discriminação sofrida pelas PcD:

Quanto mais a pessoa com deficiência estiver num ambiente que lhe restrinja a mobilidade, a comunicação, o acesso à informação e aos bens sociais para uma vida plena e autônoma, mais vai encontrar-se numa situação de desvantagem. Se revertermos o cenário, representando-o como mais favorável às realizações da pessoa com deficiência, a desvantagem que experimenta modifica-se, relativizando, portanto, a condição de incapacidade com a qual a desvantagem é confundida. O não reconhecimento dos direitos humanos que devem ser assegurados aos segmentos sociais que sinalizam mais concretamente a diversidade humana, como as pessoas com deficiência, é uma forma da sociedade praticar a discriminação contra estes segmentos sociais, excluindo-os do acesso às oportunidades e aos bens sociais que lhe são devidos por direito (RESENDE & VITAL, 2008. p.29).

Segundo as autoras, quando nossa sociedade se torna menos excludente, conseqüentemente, se tornará inclusiva e isso só irá acontecer quando reconhecermos as diversidades humanas. Além do mais, o texto também aborda as formas erradas de se dirigir às Pessoas com Deficiência:

⁴ O Hand Talk é um site com informações sobre acessibilidade para pessoas surdas.

É nas pessoas com deficiência que podemos observar com mais nitidez as várias formas de ser como pessoa, pelo que são erroneamente reconhecidas como especiais ou extraordinárias, mas realizando apenas a condição humana de estar no mundo de um modo diferente. Se analisarmos com mais profundidade a questão, vamos verificar que a diferença é apenas o modo como podemos exercer outras formas de ser (RESENDE & VITAL, 2008, p.30).

Não é correto chamar qualquer PcD de “especial”, “portador de deficiência” e muito menos “extraordinária”. Isso vale para todas as Pessoas com Deficiência, não apenas visual ou auditiva. Por fim, outro ponto destacado no texto sobre a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, é o fato de que não se pode decidir nada por essas pessoas sem a participação delas (FAVERO, 2004). É por esse motivo, que o lema do movimento internacional das PcD é: nada sobre Pessoas com Deficiência, sem às Pessoas com Deficiência.

2.2 A meteorologia no telejornalismo

Assim como no Brasil, a meteorologia foi ganhando espaço aos poucos no telejornalismo. As informações meteorológicas, segundo Barbeiro e Lima (2002), possuem características de prestação de serviço dentro do jornalismo e por esse motivo, acabam ganhando destaque nos telejornais. O gênero de “prestação de serviço” também é conhecido como “utilitário” e se caracteriza pela “divulgação de informações úteis pelo veículo jornalístico. São as mensagens de caráter utilitário que auxiliam o público em resoluções de problemas e decisões práticas do cotidiano” (VAZ, 2019, p.02). As informações sobre o trânsito e boletins de previsão do tempo, por exemplo, estão relacionadas com este gênero. Já o autor do livro *Telejornalismo*, fala que “onde se há notícia, espera-se que se fale do tempo” (YORKE, 2006, p. 241). Segundo Ivor Yorke, logo que começou a ser apresentada, as informações meteorológicas eram curtas e nem sempre apresentadas com apoio de mapas:

Muitos anos atrás, era suficiente o apresentador ler uma previsão curta, como último item do jornal - com ou sem auxílio de mapas - ou passar a tarefa para um funcionário do Serviço de Meteorologia. Hoje, a inserção da previsão do tempo, com 1 a 2 minutos de duração, pode ser um dos principais ingredientes de sucesso de um telejornal (YORKE, 2006, p.241).

Logo que os boletins meteorológicos foram inseridos no telejornalismo brasileiro, a previsão do tempo era apresentada em forma de nota (MORAIS e REIS, 2010). A maioria dessas informações eram repassadas pelos órgãos de serviços públicos ou privados, por esse motivo, o desenvolvimento dos institutos nacionais de meteorologia e da criação de cursos de graduação e pós-graduação, foram importantes também para a inserção dessas notícias no telejornalismo. Para os autores Barbeiro e Lima (2002), quando um telejornal oferece o boletim meteorológico, ele precisa oferecer o melhor serviço possível:

Se a emissora se dispõe a prestar o serviço, o telespectador deve ter facilidade na obtenção das informações caso perca algum detalhe no telejornalismo. As informações meteorológicas podem ser colocadas no site da emissora ou estar disponíveis por meio de contato telefônico (BARBEIRO e LIMA, 2002. p. 114).

O boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço, telejornal da RBS TV, por exemplo, disponibiliza o quadro meteorológico em seu site na Internet, minutos após sua apresentação na televisão. Agora, voltando ao início da meteorologia no telejornalismo, muitas foram as dificuldades encontradas tanto pela produção, como pelos jornalistas que apresentavam os telejornais. Uma das complicações era a questão de narrativa e diversidades regionais:

Nos primeiros anos, no boletim do Jornal Nacional “tempo bom” significava dia de sol e “mau tempo” dia de chuva, até que alguns telespectadores passaram a reclamar. No nordeste, castigado pela seca, “sol” queria dizer tempo ruim. A partir de então, passou-se a ter o cuidado de não empregar o adjetivo “bom” ou “mau” para se referir ao tempo, usando no lugar as expressões “dia ensolarado” e “dia chuvoso” (MEMÓRIA GLOBO, 2004. p.39).

Atualmente, o Jornal Nacional ganha destaque com seu boletim de previsão do tempo, porque não tem como objetivo apenas informar se vai chover ou fazer calor. Hoje, o quadro também tem como intuito ensinar um pouco de meteorologia para os telespectadores, através de explicações sobre os diversos fenômenos que conseqüentemente atingem o Brasil, conforme Coutinho (2016) aborda no livro *Entrando no Clima*.

Outro ponto sobre os quadros de previsão do tempo, é o fato das “moças do tempo”, como são chamadas as jornalistas que apresentam o boletim. Segundo Yorke (2006), com a chegada dos boletins meteorológicos, criou-se uma “raça de moças do tempo”, pois já que na maioria dos casos, os quadros são apresentados por mulheres. No Jornal Nacional, por exemplo, a jornalista Sandra Annenberg foi a primeira mulher a apresentar e estreiar o quadro

meteorológico fixo do telejornal, o que aconteceu em 1991. Em *Jornal Nacional - a notícia faz história*, há um trecho sobre como era a produção da previsão do tempo na época:

O quadro de previsão do tempo era produzido em São Paulo e gerado para o Rio por volta das 19h. Mas, naquela época, os equipamentos meteorológicos no Brasil eram ainda precários e o índice de erro nas previsões, muito grande. Sandra Annenberg comenta: “Não se fazia previsão com cinco dias de antecedência. Mal se conseguia acertar da manhã para a noite. Aquilo era muito duro porque a gente levava a sério, e era pra ser levado a sério” (MEMÓRIA GLOBO, 2002. p. 232).

Nessa época, a previsão do tempo era apresentada de uma forma diferente da atual. No período em que Sandra Annenberg comandava o boletim, ela não ficava todo o tempo de frente para o telespectador, ou seja, para a câmera. De acordo com o depoimento da jornalista para o livro *Jornal Nacional - a notícia faz história*, acreditava-se que ao ficar o tempo todo de frente, ela iria dividir a atenção do público, que não saberia se prestaria atenção nos mapas ou nela. A ideia com a jornalista virando de costa, era que assim, ela levaria o público até o mapa.

Entretanto, mesmo que em sua maioria, a previsão do tempo seja apresentada por mulheres, alguns homens ganharam destaque apresentando o boletim. É o caso do radialista Narciso Vernizzi, que ficou conhecido como o “Homem do Tempo” da Rádio Jovem Pan. Além da rádio, Vernizzi também ganhou atenção ao ser o primeiro profissional a falar da previsão do tempo na TV Record. Já na TV Globo, em 1995, o meteorologista Carlos Magno, apresentou o boletim meteorológico do JN até o início dos anos 2000. Outro profissional que também participou do quadro de previsão do tempo, foi o jornalista Evaristo Costa. Atualmente, Tiago Scheuer também tem ganhado destaque comandando o boletim do Hora 1, Jornal Hoje e também do Jornal Nacional.

Com os avanços tecnológicos, foi possível melhorar a previsão de tempo, clima e também o próprio boletim dos telejornais. Se no início eles eram curtos e priorizavam as capitais dos estados, hoje, o quadro conta com um tempo maior de duração, além de uma previsão meteorológica mais precisa. É possível, por exemplo, apresentar a previsão do tempo para o final de semana numa sexta-feira, tendo grandes chances de acerto. Outro fator que fez a diferença no quadro, são os infográficos e ilustrações, que acabam facilitando a narrativa e tornando-a didática, fazendo com que seja possível explicar termos técnicos da meteorologia de forma mais simples com o auxílio da arte. Por fim, não se pode esquecer da interatividade

com o telespectador, que ajuda na produção dos boletins de previsão, além de auxiliar com vídeos e fotos da situação do tempo em determinada região.

2.4 O boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço

No tópico anterior apresentamos, conforme os autores Barbeiro e Lima (2002) e também Ivor Yorke (2006), que a meteorologia foi ganhando espaço no telejornalismo e passou por diversas reformulações no quadro ao longo dos anos. Isso também ocorreu com o boletim meteorológico do Jornal do Almoço, telejornal da RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, e que faz parte do objeto de estudo deste trabalho. Contudo, antes de tratar sobre as informações meteorológicas deste telejornal, é necessário fazer uma breve contextualização do programa.

No ar desde 1975, segundo informação do site da emissora⁵, o Jornal do Almoço, também conhecido como “JA”, é um dos telejornais mais tradicionais do estado gaúcho. O programa vai ao ar de segunda a sábado, em todo o Rio Grande do Sul, trazendo informações de todas as regiões do estado, além de contar com minutos dedicado a economia, política, futebol e claro, a previsão do tempo. Outro ponto sobre o Jornal do Almoço, é que o telejornal conta com um bloco regional de curta duração, que na maioria das vezes, inicia ao vivo na volta do primeiro intervalo da edição transmitida para todo o estado. Além disso, nos últimos anos, uma característica que está crescendo cada vez mais no programa, é a interatividade com os telespectadores, que acontece por meio de recursos de comunicação instantânea como o *WhatsApp*.

Após realizar essa pequena apresentação sobre o Jornal do Almoço, iremos fazer algumas observações sobre o quadro meteorológico do telejornal. Ressaltamos que não foi possível encontrar uma data específica da estreia da previsão do tempo no JA, aliás, nem mesmo em contato com a empresa conseguimos chegar em uma data exata. Entretanto, através de uma busca no perfil da RBS TV no Instagram, encontramos uma publicação onde a emissora relembra o início da inclusão das informações meteorológicas nos seus telejornais. De acordo com o conteúdo reproduzido no Instagram, a previsão do tempo foi adicionada nos programas em 1991, sendo apresentada pela jornalista Analice Bolzan, conforme a Figura 2.

⁵ Informação sobre a data de estreia do Jornal do Almoço está disponível neste link: <http://www.gruporbs.com.br/noticias/2017/03/06/jornal-do-almoco-completa-45-anos-ao-lado-dos-gauchos/>

Na época, o boletim meteorológico era produzido com as informações do *AccuWeather*, um serviço de meteorologia dos Estados Unidos conhecido mundialmente.

Figura 2 - Na imagem a seguir, observe a estética do quadro de previsão do tempo da RBS TV, apresentado pela jornalista Analice Bolzan, em 1991. Nesta cena reproduzida, também é possível ver que o crédito para o serviço que fornece as informações, o *AccuWeather*, fica no canto direito da tela durante toda a transmissão do boletim, o que já não acontece hoje.



Fonte: Reprodução Instagram/RBS TV

Conforme as informações do vídeo⁶ publicado pela RBS TV em seu Instagram, existia uma divisão na previsão do tempo na época, que acontecia da seguinte maneira: o telejornal da manhã, o Bom Dia Rio Grande, tratava somente de como seria as condições do tempo no restante do dia e apenas o RBS Notícias, programa da noite, apresentava a previsão para as primeiras horas do dia seguinte. Se lembrarmos do começo deste capítulo, onde falamos sobre o início da meteorologia no Brasil e logo em seguida no jornalismo, podemos entender o motivo de não haver na época, uma previsão completa para o dia seguinte. Em 1991, ainda não existia o Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos no país e a ciência meteorológica ainda estava em fase de desenvolvimento, ou seja, com os recursos disponíveis naquele momento, era difícil fazer uma previsão completa para o dia seguinte com uma alta probabilidade de acerto.

Porém, ao longo dos anos, com mais tecnologias disponíveis, não foi possível apenas melhorar a previsão, como também investir na estética do quadro meteorológico e aprimorar sua narrativa. Na figura 2, por exemplo, é possível observar que poucas cidades são marcadas no mapa, entretanto, é necessário ressaltar que o tempo de duração do boletim era muito menor comparado ao de hoje. Além disso, outro ponto importante é o enquadramento do apresentador, que geralmente inicia o boletim em um plano médio e logo depois, o

⁶ O vídeo publicado no perfil da RBS TV no Instagram está disponível neste link: <https://www.instagram.com/p/BiVUQ0HHMjw/?igshid=mn3jvwi3x4lk>

enquadramento muda para um plano americano. No entanto, na figura 3 (abaixo), conseguimos ver que o quadro de previsão do tempo já começava a proporcionar mais dados de outras cidades no mapa. Por outro lado, a narrativa ainda era simples e na maioria das vezes, trazia apenas dois ou três destaques da imagem de satélite.

Figura 3 - Ao lado esquerdo, o quadro de previsão do tempo do Jornal do Almoço de 1998, apresentado pela Barbara Wolvenbuthel, já com uma mudança em sua estética. No lado direito da imagem, o boletim meteorológico do JA de dezembro de 2005, com apresentação de Paulo Borges.



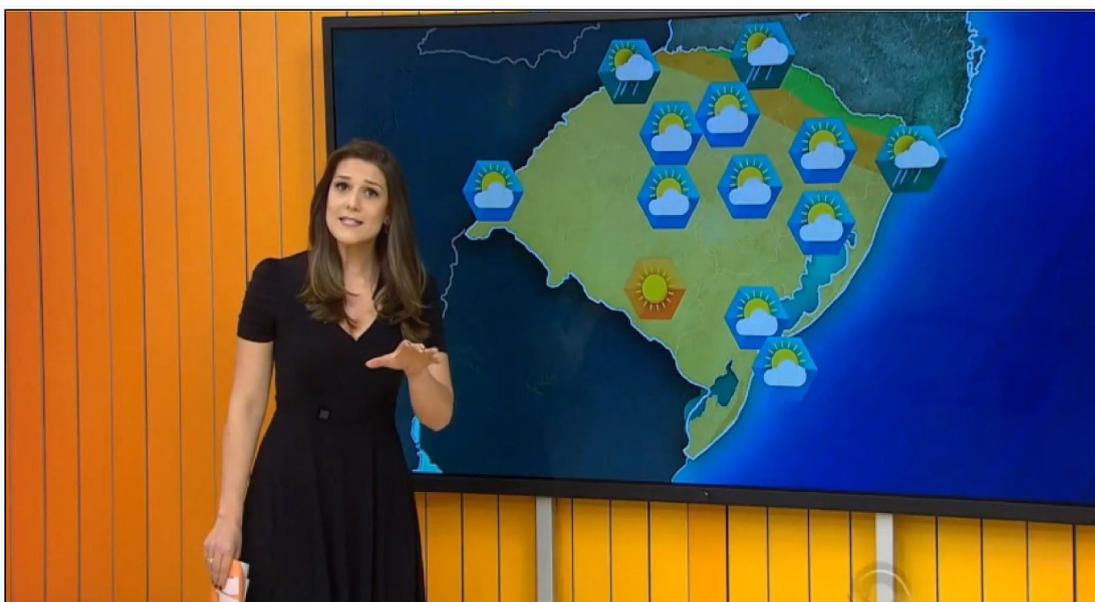
Fonte: Reprodução/RBS TV.

Com a imagem da previsão do tempo do JA de 1998, destacamos a reformulação do mapa, que agora além de contar com mais informações de cidades, também está esteticamente mais visível e o enquadramento da jornalista ainda segue a sequência de plano médio para plano americano. Por outro lado, no mapa de 2005 existe uma grande mudança, especialmente estética. O quadro de previsão do tempo desta época, já nem sempre contava com a apresentação na frente do mapa, em alguns casos, o apresentador estava fora do estúdio em um ponto conhecido de Porto Alegre, apenas lendo as informações da previsão, enquanto a arte do mapa iria aparecendo na tela. Aliás, outra característica dessa arte era que, quando o jornalista ia começar a falar da previsão, era exibida uma arte animada da imagem do satélite e se havia previsão de chuva, além de mostrar o ícone da nuvem com chuva nas cidades, a ilustração utilizada fazia aparecer “chuva” caindo no mapa. Ainda há vídeos dessa previsão do tempo no *YouTube*.

A partir disso, o quadro de previsão do tempo do Jornal do Almoço foi crescendo ainda mais e se reformulando. Hoje, o boletim meteorológico do JA segue uma proposta de não só informar a previsão do tempo, como também tentar deixar a narrativa didática e

próxima dos telespectadores. Sendo apresentado desde 2015 pela jornalista Brunna Colossi (Figura 4), o quadro busca a cada dia, uma apresentação em forma de diálogo com o público. Segundo Brunna, durante uma entrevista⁷ realizada para este TCC, ela não segue um texto durante a apresentação do boletim, “hoje a gente não faz um texto totalmente fechado/escrito, porque a ideia é justamente a gente conversar com o telespectador”, destaca Brunna.

Figura 4 - A jornalista Brunna Colossi, em 2015, apresentando o boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço. Pouca coisa mudou em relação a estética do quadro de 2015 para 2019.



Fonte: Reprodução/RBS TV

Quando analisamos o atual modelo de apresentação do quadro e comparamos com os de anos anteriores, o ponto que chama atenção além da arte, obviamente, é o enquadramento do jornalista durante a exposição do boletim meteorológico. Os primeiros boletins tinham um enquadramento no máximo de um plano médio para um plano americano. Nos dias atuais, na previsão do JA, é possível ver ao menos quatro enquadramentos diferentes ao longo da exposição, sendo introduzido e encerrado com um plano geral. Além disto, nos primeiros boletins, observamos que o crédito ao serviço que passava as informações, era colocado na tela durante todo o quadro, o que já não acontece, pois o crédito é anunciado logo no início do boletim. Há quatro anos, segundo Brunna, a RBS TV tem contrato com a empresa Somar

⁷ Na fase de produção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi realizada uma entrevista com a jornalista Brunna Colossi, estando disponível nos apêndices desta monografia.

Meteorologia⁸, que passa diariamente informações meteorológicas atualizadas. Antes da Somar, a emissora tinha contrato com a Climatempo, que hoje presta serviço para o Jornal Nacional.

No início deste tópico, comentamos que logo que foi inserida no telejornalismo, as informações meteorológicas não tinham tanto destaque, pois o quadro não contava com um tempo de duração suficiente para a produção de uma previsão mais informativa. Para Barbeiro e Lima (2002) quando um telejornal decide adicionar a previsão do tempo, precisa fazer um serviço bem feito, pois se trata de uma prestação de serviço. De acordo com Brunna Colossi, nos últimos anos, o JA disponibiliza diariamente um tempo aproximado de três minutos para a exibição do boletim, o que pode variar conforme a necessidade do dia. Ou seja, se foi registrada uma tempestade severa em parte do Rio Grande do Sul, é possível que o quadro ganhe mais tempo do que o normal.

Agora, tratando sobre a produção do boletim de previsão do tempo, procuramos entender como é a preparação do jornalista para apresentar tais informações da forma mais clara e didática possível. Durante a entrevista, a jornalista Brunna Colossi revelou que não realizou nenhum curso de especialização. Segundo ela, antes de iniciar no comando do quadro meteorológico, acompanhou durante três dias, a rotina das duas jornalistas que apresentavam o boletim na emissora antes de sua chegada e foi com a ajuda delas que Brunna se preparou para apresentar. Já sobre a relação com os meteorologistas, a jornalista ressalta que é importante contar com o suporte desses profissionais, e que no caso dos telejornais da RBS TV, sempre há um meteorologista de plantão no telefone ou *WhatsApp*, para auxiliá-la no decorrer do dia.

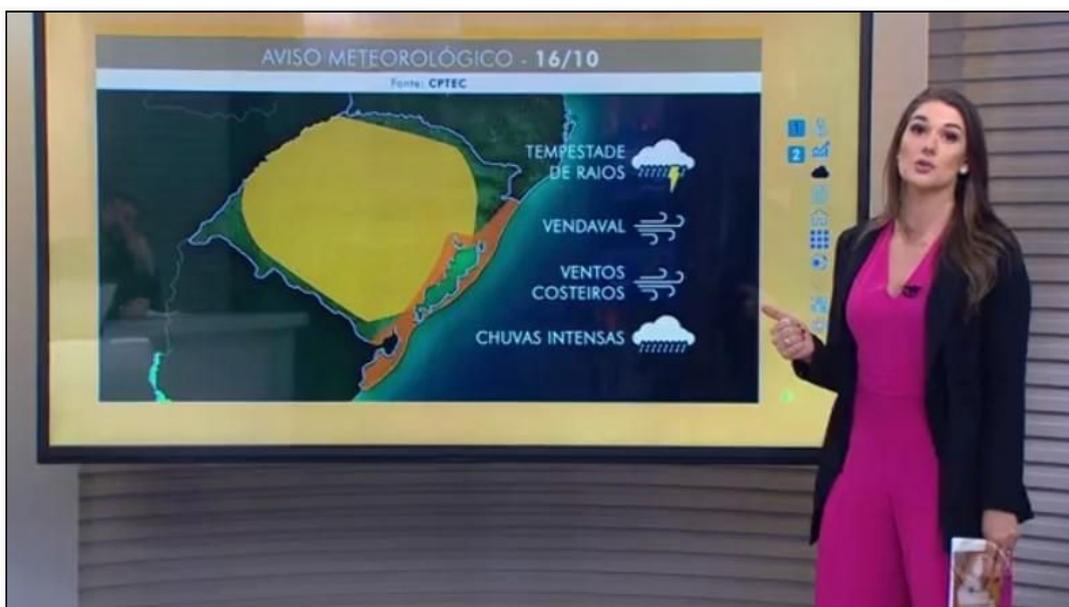
Aliás, falando ainda na produção, as equipes da emissora que ficam espalhadas pelas regiões do estado, também são importantes para a previsão do tempo. Como o Rio Grande do Sul é uma região que registra com frequência episódios de tempo severo, esses jornalistas acabam dando suporte, pois estão no interior e podem ir onde a equipe de Porto Alegre não consegue. O que torna o quadro de previsão do tempo ainda mais completo, porque é possível mostrar a situação de determinado local com imagens e até mesmo informações apuradas pelos repórteres antes da exibição do boletim. Aqui, também é incluso o telespectador, pois já se tornou comum a reprodução de vídeos e fotos enviadas através da interatividade do

⁸ A Somar Meteorologia é uma empresa privada que presta serviços meteorológicos, localizada em São Paulo.

programa, no qual o morador pode mostrar a situação da sua cidade, o que é “uma forma de estar presente em diferentes regiões, pelos olhos de quem nos assiste”, afirma Brunna Colossi.

Se no início deste tópico, abordamos a dificuldade de fazer a previsão do tempo, pelo fato da ciência ainda estar se desenvolvendo no Brasil, atualmente o quadro do JA apresenta diariamente informações com mais de dois dias com antecedência, sem falar na previsão completa para os finais de semana. Mesmo que a RBS TV conte com uma empresa que forneça informações meteorológicas, a jornalista Brunna Colossi ressalta que no momento de produção do boletim, ela procura visitar sites como o do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), o Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC) e até mesmo o radar da aeronáutica, para assim, comparar as informações e ver se não há necessidade de acrescentar nenhum alerta meteorológico para alguma região do estado (figura 5)⁹. Através de toda essa análise e atualização constante, se torna viável a produção de um quadro de previsão do tempo mais completo, já que se pode pensar na melhor forma de apresentar determinada informação, ou seja, será que é necessário utilizar arte para esse fenômeno ou apenas explicar oralmente? Questões como essa podem ser decididas depois de fazer uma boa apuração.

Figura 5 - Na imagem, a jornalista Brunna Colossi apresenta dois alertas meteorológicos informados pelo CPTEC/Inpe para o Rio Grande do Sul.



Fonte: Reprodução/RBS TV

⁹ A imagem reproduzida foi feita através de uma captura de tela (print) do site da Globo Play, onde é publicado o conteúdo do telejornal na íntegra. O print foi feito no dia 16 de outubro de 2019.

Então, após realizarmos essas observações em cima das mudanças do boletim meteorológico do JA ao longo dos anos, precisamos refletir sobre a questão da acessibilidade comunicativa do quadro. Até conseguimos compreender que nos primeiros anos, com poucos recursos tecnológicos para a produção infográfica e também da própria ciência meteorológica ainda estar em fase de desenvolvimento no país, poderia ser difícil a inclusão de ferramentas acessíveis no boletim. Entretanto, como foi possível analisar, a previsão do tempo evoluiu muito nos últimos anos em diversos aspectos, tanto de linguagem como de visual, ou seja, quais são os obstáculos para a inclusão da acessibilidade comunicativa?

Atualmente, o único recurso acessível disponível no quadro meteorológico do Jornal do Almoço é o *closed caption*/legenda oculta. Porém, nem todas as Pessoas com Deficiência Auditiva (PDA) são alfabetizadas em português e indo além disso, Pessoas com Deficiência Visual (PDV) são completamente excluídas das informações sobre tempo e clima. Ao refletir sobre essa questão com Brunna Colossi, a jornalista destacou que a emissora busca pela acessibilidade, mas que sabe que ainda está longe e que “é uma busca constante que, por enquanto, não temos a melhor resposta para atender todas essas pessoas”. Por outro lado, segundo Bonito (2015), os meios de comunicação “não demonstram interesse para que a acessibilidade comunicativa vigore”, pois isso irá impactar no ritmo de produção de um telejornal/redação, além do provável investimento em especialistas para a implementação dos recursos acessíveis nos conteúdos.

2.3 As mudanças climáticas

A proposta de incluir um tópico para falar sobre mudanças climáticas surgiu através da reflexão de que, ao tratar sobre a contextualização desta pesquisa, é fundamental apresentar discussões que estão ganhando cada vez mais visibilidade e que tem ligação direta com a meteorologia. Atualmente, é possível observar um grande debate em torno do tema, no qual o principal ponto discutido, é se o homem possui ou não influência direta sobre essas mudanças. Em 2019, no dia 20 de setembro, por exemplo, aconteceu a Greve Global pelo Clima¹⁰, onde

¹⁰ Algumas cidades brasileiras apoiaram a Greve Global pelo Clima, que contou com a participação de muitos jovens inspirados pela sueca Greta Thunberg. <https://exame.abril.com.br/brasil/greve-global-pelo-clima-cidades-brasileiras-aderem-a-protetos/>

mais de 150 países, incluindo o Brasil, registraram manifestações pedindo por ações para combater o aquecimento do planeta.

O que podemos destacar dessa discussão é que a maioria dos cientistas concordam que existe sim, uma influência direta do homem sobre as mudanças climáticas. Um desses fatores, conforme Coutinho (2016), está relacionado com o aumento da queima de combustíveis fósseis (como o carvão e o petróleo) e da agropecuária. Segundo a autora, em 2014, essas atividades foram responsáveis por 70% da emissão de gases de efeito estufa. Entretanto, quando falamos sobre essa questão, é necessário compreender que esse fenômeno possui um lado importante para o planeta, pois sem ele “a Terra seria uma bola de gelo girando em torno do Sol, com média de -18°C ” (COUTINHO, 2016, p.169). No livro “Entrando no clima”, Maria Júlia Coutinho detalha a relação dos gases com o efeito estufa:

O dióxido de carbono, também conhecido como gás carbônico (CO_2), e o vapor de água (H_2O) são as principais substâncias causadoras do efeito estufa. Há também o metano (CH_4), o óxido nitroso (N_2O) e outros gases com menor concentração na atmosfera. Esses gases funcionam como uma espécie de “cobertor”, que impede o calor de escapar da atmosfera da Terra para o espaço - exatamente como acontece conosco quando, em noites frias, nos cobrimos para manter a temperatura do corpo. Se o cobertor esquentar demais, porém, nos sentimos mal e não pensamos duas vezes em jogá-lo longe (COUTINHO, 2016, p. 169).

De acordo com a autora, podemos dizer que o “cobertor está cada vez mais grosso” e por essa razão, é preciso diminuir a emissão desses gases causadores do aquecimento da Terra. Porém, um dos maiores obstáculos e um dos objetivos do Acordo de Paris¹¹ é buscar reduzir a queima de carvão e derivados do petróleo (os combustíveis fósseis), que desde a Revolução Industrial, ainda é visto como “essencial” para diversas atividades da indústria. Hoje, segundo matéria da BBC Brasil, a China é a maior emissora de gases do efeito estufa, chegando em 26,6%, seguida dos Estados Unidos com 13,1%, Índia (7,1%), Rússia (4,6%), Japão (2,9%) e Brasil (2,4%).

Entretanto, como ressaltamos no início deste tópico, há cientistas que não concordam que há influência da atividade humana no aquecimento do planeta. Em nosso país, o meteorologista aposentado Luiz Carlos Molion, ex-pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) é bastante conhecido por suas opiniões contrárias ao aquecimento global. Em uma reportagem produzida pela jornalista Patrícia Campos Mello, para o jornal

¹¹ O Acordo de Paris é um tratado da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima, que visa estipular metas para a reduzir a emissão de gases de efeito estufa.

Folha de São Paulo¹², o meteorologista destacou que apresenta em suas palestras, que são voltadas para agricultores, neste caso da Bahia, que não há influência do desmatamento na estiagem de chuva da região. Além de Molion, o senador Zequinha Marinho (PSC - PA), responsável pela Comissão de Mudanças Climáticas do Congresso, também não concorda que as atividades humanas possuem impacto no clima e disse em entrevista¹³ para a BBC Brasil, que “tem muita coisa que é muito folclórica nessa questão de mudança climática”. Conforme aponta Coutinho (2016), essas pessoas são chamadas de “climacéticos ou negacionistas” e são minoria.

Após essas informações, precisamos entender quais são os impactos dessas alterações climáticas. Em relação aos estudos que refletem sobre o aquecimento global e mudanças no clima, os cientistas dizem que não é possível afirmar, por exemplo, que determinado fenômeno meteorológico aconteceu por causa da temperatura cada vez mais elevada do planeta. Contudo, há um consenso, entre os cientistas, de que as mudanças climáticas estão intensificando diversos episódios, como os furacões, por exemplo. Além disso, Coutinho (2016), destaca outras questões que também estão relacionadas com essas alterações:

O tempo daqui para frente tende a oscilar mais em extremos. Muitas dessas consequências, já estão sendo sentidas pela humanidade: desconforto em dias mais quentes ou muito frios e aumento de doenças transmitidas por vetores, como a malária e a leishmaniose, já que mudanças no regime de chuva e a elevação da temperatura podem interferir no ciclo reprodutivo de insetos transmissores de doenças. As mudanças climáticas ameaçam também a produção de alimentos. O gradual aquecimento global acelera os ciclos hidrológico e de energia na atmosfera, que consequentemente podem alterar a frequência e a intensidade de eventos extremos (COUTINHO, 2016, p. 172).

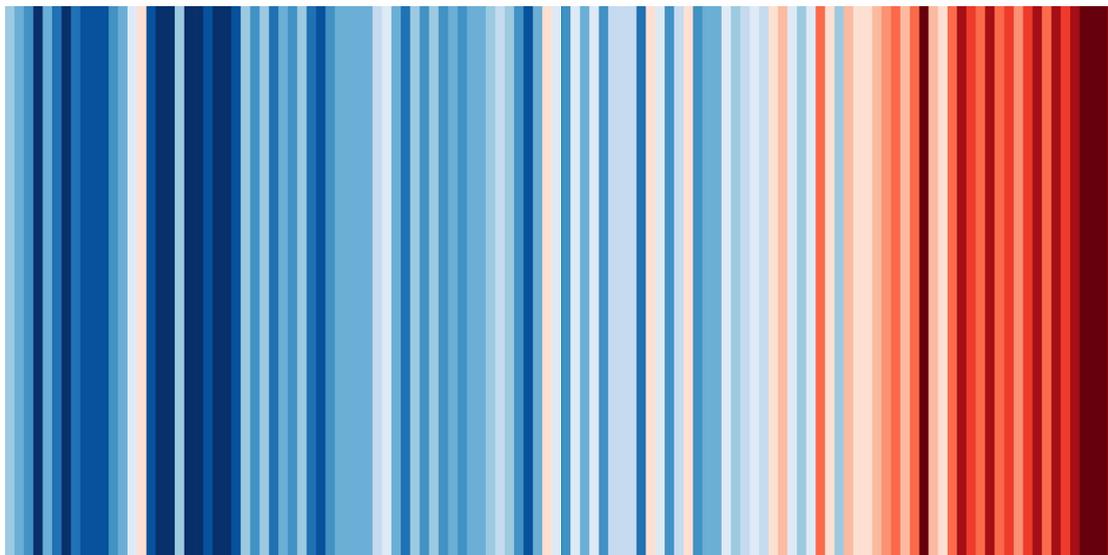
Em setembro de 2019, foram divulgados gráficos criados pelo cientista Ed Hawkins, que mostra o aumento da temperatura do planeta de 1901 a 2018. Na imagem, é possível observar que nos últimos anos, todos os países estão aquecendo. Para a divulgação deste trabalho, foi criado um site onde está disponível gráficos para cada país. As ilustrações foram feitas em duas cores: azul e vermelho. Quanto maior for a variação da tonalidade, maior é a

¹² A reportagem completa do jornal Folha de São Paulo está disponível neste link: <https://arte.folha.uol.com.br/ciencia/2018/crise-do-clima/cerrado/agronegocio-banca-palestras-de-cetico-sobre-mudanca-climatica-para-ruralistas-no-matopiba/>

¹³ A matéria sobre a Comissão de Mudanças Climáticas no Congresso pode ser acessada neste link: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49683893>

diferença relacionada a temperatura média. A seguir (figura 6), podemos observar claramente o aumento da temperatura nos últimos anos no Brasil:

Figura 6 - Gráfico disponível para download¹⁴, criado pelo cientista Ed Hawkins, no qual demonstra o aumento da temperatura no Brasil. Quanto mais intensa a cor, maior é a variação relacionada a temperatura média.



Fonte: Ed Hawkins

Como apontou Coutinho (2016), as mudanças climáticas já estão trazendo consequências para o nosso planeta e com o aumento do calor, é possível que diversas pessoas pelo mundo sofram com tempestades severas e furacões cada vez mais intensos. Um exemplo disso é uma matéria¹⁵ da BBC, onde o cientista Michael Mann, da Universidade Estadual da Pensilvânia, afirmou que os 20 anos mais quentes da história foram registrados nos últimos 22 anos, sendo que 2018 foi o quarto ano mais quente desde o início das medições, em 1850.

Por fim, ao refletir sobre a discussão envolvendo a temática de mudanças climáticas, podemos constatar que o assunto está ganhando cada vez mais relevância e destaque mundialmente. O clima no mundo já está mudando, como foi possível analisar na Figura 6, e isso irá afetar diretamente nossas vidas. Neste cenário, é fundamental termos investimento em pesquisas na área de meteorologia/climatologia e também de comunicação, pois é essencial que a sociedade compreenda como essas mudanças irão impactar nas condições climáticas de

¹⁴ Neste site, é possível ver o gráfico de temperatura do planeta e também de cada país: <https://showyourstripes.info/>

¹⁵ Matéria completa traduzida pela BBC Brasil, está disponível no site: https://www.bbc.com/portuguese/amp/geral-50019998?_twitter_impression=true

sua região e, por exemplo, como isso pode influenciar na agricultura. Então, entendemos que este assunto só reforça ainda mais a relevância desta monografia, que busca entender como Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva consomem as informações de previsão do tempo.

3. PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA

Nos próximos tópicos deste capítulo, apresentamos os principais conceitos e teorias problematizadas durante a produção desta monografia. O primeiro trata sobre o jornalismo meteorológico, este termo é uma proposta nossa já que a meteorologia, dentro do jornalismo, pode se relacionar tanto com a editoria científica como ambiental. Após isso, refletimos sobre os conceitos de comunicação e cidadania, sujeitos comunicantes, acessibilidade comunicativa, estratégias e táticas do cotidiano e meios e mediações, relacionando os mesmos com o objeto de estudo dessa pesquisa.

3.1 Jornalismo meteorológico

Em primeiro lugar, antes de iniciar a reflexão deste tópico, vamos lembrar que a ciência meteorológica estuda diversos processos que ocorrem na nossa atmosfera. Seu estudo vai muito além da previsão do tempo, como é o caso da previsão climática, que através de dados coletados e analisados, pode produzir uma projeção de clima para um período maior de tempo como, por exemplo, de um trimestre inteiro. A climatologia é de grande importância para a sociedade, pois possui influência direta em várias áreas:

Na agricultura, a climatologia é útil no planejamento das etapas de manejo da terra, na antecipação de semeaduras e colheitas ou nas escolhas de espécies compatíveis com o clima da região. O estudo do clima é fonte de informação para os especialistas calcularem o tamanho dos reservatórios para o abastecimento de água potável e das represas para a geração de energia elétrica, de acordo com o regime de chuvas da região (COUTINHO, 2016. p.20).

As previsões climáticas também são apresentadas nos telejornais, quando suas projeções são disponibilizadas pelos institutos de pesquisa. Para um estado como o Rio Grande do Sul, especialmente a fronteira oeste, que tem toda sua economia baseada na agricultura, ter acesso amplo e detalhado dessas informações fazem a diferença na hora de planejar o plantio da safra de arroz e soja. Esse é um dos motivos que nos leva a entender, que a meteorologia vai muito além da previsão do tempo e que seus dados devem ser amplamente divulgados para a sociedade, assim como suas pesquisas.

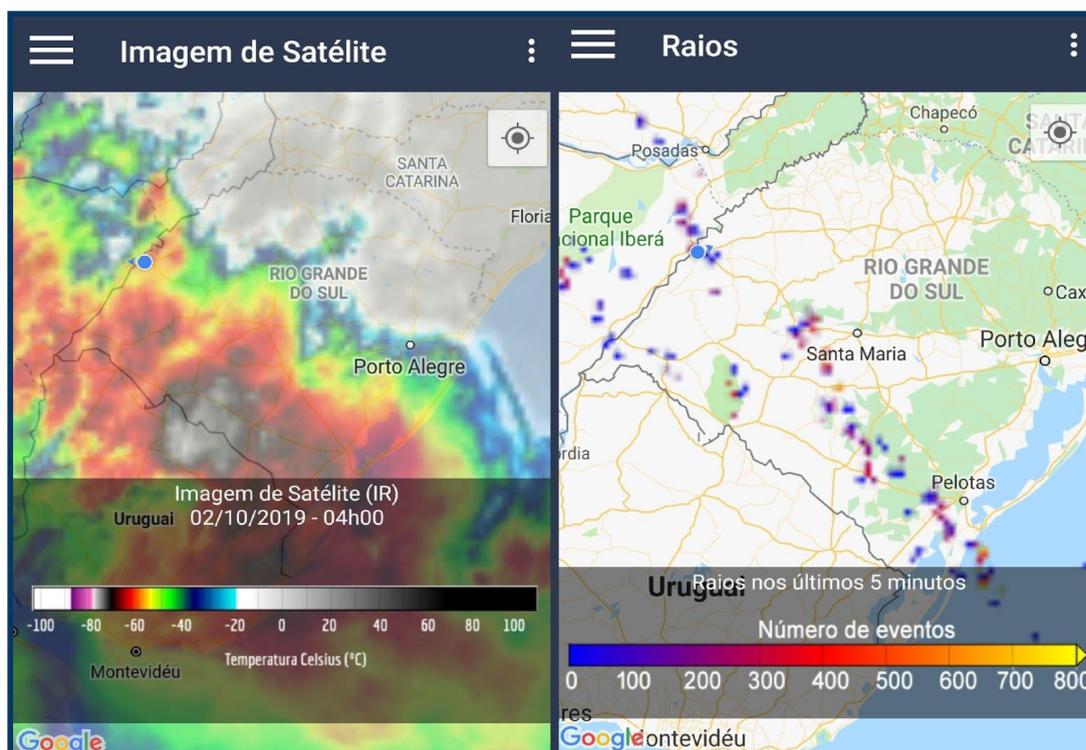
Como já vimos a diferença e a importância da previsão climática, também é necessário destacar um ramo “relativamente” novo na meteorologia, como bem destaca Maju Coutinho em seu livro *Entrando no Clima*, tal novidade seria a previsão imediata ou de curto prazo. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) divulgou em 2016, o SOS Chuva, um programa que disponibiliza informações imediatas sobre chuva, granizo e até raios:

Para criar uma previsão a mais precisa possível, pesquisadores estudaram os processos físicos que ocorrem dentro das nuvens, definindo a severidade das tempestades. Um assunto que ainda desafia a ciência. Um radar especial, com capacidade para cobrir uma área de cem quilômetros, sensores, pluviômetros e novos algoritmos são a base do projeto (COUTINHO, 2016. p.21)

Atualmente, o projeto SOS Chuva já possui um aplicativo gratuito para smartphones, onde a população pode ter acesso em tempo real, ao que está acontecendo na atmosfera. Sendo assim, é possível se preparar antes de sair de casa, tendo a informação dos locais onde irá chover nos próximos minutos, além de dados sobre raios e ventos. Entretanto, o aplicativo ainda não disponibiliza recursos de acessibilidade para Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva.

Na figura a seguir, observe a interface do aplicativo SOS Chuva para smartphone. Nesta reprodução, pode-se notar que o programa permite que você identifique sua localização.

Figura 7 - Interface do aplicativo SOS Chuva, mostrando de um lado instabilidade e do outro raios, com foco no Rio Grande do Sul. As imagens foram capturadas no dia 02 de outubro de 2019. O ponto azul em ambos os mapas, se refere a localização de São Borja:



Fonte: SOS Chuva (aplicativo/Inpe)

Depois de relembrar conceitos e também alguns termos meteorológicos, já podemos relacionar a ciência com o jornalismo. Como apresentado nos capítulos iniciais desta monografia, as informações relacionadas ao tempo e clima, fazem parte do gênero de prestação de serviço dentro do jornalismo. Porém, a ciência meteorológica também está ligada com o jornalismo científico e o ambiental. Essas duas áreas, fazem parte do jornalismo especializado, uma editoria que permite ao jornalista, se especializar em um determinado assunto, tendo o objetivo de transmitir as informações, por exemplo, as científicas, de forma clara e sem a utilização de termos técnicos. No livro *Jornalismo Científico*, a autora ressalta a importância da sociedade ter acesso às informações científicas, o que podemos, claramente, relacionar com a meteorologia:

O que nos importa aqui é tratar das necessidades de as pessoas, o maior número possível delas dentro de uma sociedade, terem acesso a informações científicas. Em particular, as que lhe afetam diariamente a vida, que tem efeitos políticos, econômicos e sociais imperceptíveis às pessoas não informadas (OLIVEIRA, 2010. p. 11)

A meteorologia possui diversos termos técnicos e até pouco tempo atrás, eles não eram levados em consideração pelos jornalistas na hora de produzir um boletim de previsão do tempo. Essa situação acontecia, porque acreditava-se que o público não iria compreender, entretanto, isso está mudando e não há como não destacar a jornalista Maria Júlia Coutinho, apresentadora do quadro meteorológico do Jornal Nacional. Em seu livro, Coutinho (2016) destaca que, ao começar a apresentar o boletim, percebeu a importância que a meteorologia tem na vida das pessoas, então pensou que seria importante “ensinar” mais sobre a ciência diariamente para os telespectadores.

Nos dias de hoje, já é comum ver termos como a Zona de Convergência do Atlântico Sul, a famosa ZCAS, e também os fenômenos El Niño e La Niña, que mexem tanto com o clima no Brasil, sendo explicados nos quadros meteorológicos dos telejornais. Entretanto, é válido ressaltar que a inclusão de termos mais técnicos, nem sempre foi bem vista por alguns meteorologistas. Em um artigo publicado na Revista Comunicação Midiática, pelas pesquisadoras Márcia Amaral e Anaqueli Rubin (2012), é possível observar uma certa tensão entre meteorologistas e jornalistas. No trabalho, as pesquisadoras relatam entrevistas feitas com profissionais da ciência meteorológica, que em alguns casos, criticam a falta de contextualização por parte dos jornalistas sobre eventos climáticos. Um dos meteorologistas, até comenta a questão de jargões técnicos que, de acordo com o texto das autoras, a ideia de simplificar a linguagem da meteorologia “distorce, na maioria das vezes, o processo científico descrito” (AMARAL e RUBIN, 2012, p.76).

Antes de falar sobre a relação da meteorologia com o jornalismo ambiental, é preciso lembrar que o jornalista científico deve ter uma abordagem para o seu público, “voltada mais para educar e informar” (OLIVEIRA, 2010, p. 70). Então, quando pensamos na proposta do termo “jornalismo meteorológico” é porque entendemos que a meteorologia vai muito além do jornalismo científico. O profissional que trabalha com essa editoria precisa estudar e se aproximar da temática, para assim, ter sucesso na transmissão das informações. Entretanto, ressaltamos que deve haver uma relação próxima entre o jornalista e o meteorologista, pois é impossível realizar uma produção sem ter apoio do pesquisador da área, que tem amplo domínio dos termos científicos.

Uma parceria entre ambos profissionais, da comunicação e da meteorologia, pode resultar em uma melhor divulgação das informações de tempo e clima, além de ajudar a inserir a ciência na vida das pessoas. É preciso diálogo e consenso entre ambos profissionais

na questão de termos técnicos, para que não tenha significados distorcidos ou descontentamento de um lado. Segundo Renzo Taddei (2008), em um artigo produzido para a Sociedade Brasileira de Meteorologia (SBMET), a comunicação social sempre foi negligenciada dentro dos institutos de meteorologia:

Uma avaliação da presença da comunicação dentro dos institutos de meteorologia e agências que produzem informação de clima revela que, em geral, a comunicação tem o mesmo status dos departamentos de recursos humanos ou jurídico, restringindo-se a um assessor de imprensa produzindo, de forma quase mecânica, material a ser enviado aos meios de comunicação (TADDEI, 2008. p.77).

Para o autor, os meteorologistas ganham mais destaque dentro da área se forem “vistos como pesquisadores eficientes do que como comunicadores eficientes” (TADDEI, 2008, p.78). Aqui, podemos refletir a importância que a comunicação social possui para auxiliar nas informações meteorológicas:

À medida que a informação viaja pela sociedade, a cada momento ela encontra o desafio da compreensão e da aplicabilidade: se essa informação não for compreendida, ou se os usuários não souberem como aplicá-la às suas atividades e seus problemas, isso é equivalente à inexistência da informação. Do ponto de vista do usuário, receber uma informação que não é entendida é a mesma coisa que não receber informação (TADDEI, 2008. p.79).

Uma parceria sólida entre meteorologistas e jornalistas, pode fazer com que essas informações cheguem até o telespectador de forma coerente e didática. É necessário que exista um consenso de que alguns jargões precisam ser substituídos, mas apenas visando uma melhor forma de comunicação. O “jornalista meteorológico” estuda diariamente informações ligadas à meteorologia, ou seja, entende-se que o profissional pode a cada dia, melhorar sua forma de apresentar tais dados, trazendo uma reflexão crítica e uma contextualização sobre a atual situação do clima e como ele pode afetar a vida de toda sociedade.

Por outro lado, destaco que relacionar a meteorologia com o jornalismo ambiental não é o suficiente. Dentro dos telejornais, por exemplo, reportagens envolvendo o meio ambiente sempre são ligadas ao boletim meteorológico e em vários casos, elas são exibidas antes do quadro, para assim, na hora em que a apresentadora inicia o boletim, seja possível trazer informações sobre tal situação exibida. Porém, o jornalismo ambiental precisa explorar mais nichos dentro da sua editoria, como a questão das mudanças climáticas, abordando de forma crítica e reflexiva.

Por fim, entendendo que a ciência meteorológica está relacionada tanto com a editoria de informações científicas e ambientais, podemos pensar o termo “jornalismo meteorológico” como uma junção de ambas editorias, já que meteorologia aborda questões ambientais e também científicas. Podemos pensar no jornalista meteorológico, como um profissional que possui um domínio no assunto e que vai além de informar se irá chover ou fazer sol, mas que também procura ensinar a meteorologia no dia-a-dia da população, de forma didática e acessível para todas as pessoas, incluindo Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva.

3.2 Comunicação e cidadania

Quando o objeto/problema desta pesquisa foi definido, constatamos que seria necessário trazer para a problematização teórica, questões sobre comunicação e cidadania. Como já abordado em capítulos anteriores da presente monografia, as informações meteorológicas são de interesse público. Além disso, o seu caráter científico agrega ainda mais valor, pelo fato de que as pessoas precisam ter o pleno acesso aos dados divulgados, tanto de previsão do tempo, quanto do investimento em pesquisas na área pois, afinal de contas, envolve dinheiro público.

Para Renzo Taddei (2008) a comunicação dos meteorologistas é falha, pois eles acabam se dedicando mais em ser bons pesquisadores e deixam de lado o exercício de comunicar. A partir disso, podemos pensar no jornalismo como uma ponte entre as informações meteorológicas e as pessoas. A jornalista Brunna Colossi, apresentadora do quadro de previsão do tempo do Jornal do Almoço, durante entrevista para este TCC, destaca que o público sempre busca pelas informações no boletim meteorológico da televisão, por conta da explicação. Segundo a jornalista, os aplicativos dos smartphones não conseguem suprir as dúvidas do público como, por exemplo, o que significa chover 30 milímetros em 24 horas? Isso é pouco ou é muito? Esse tipo de dado é explicado nos boletins dos telejornais.

Contudo, como é para uma Pessoa com Deficiência Visual e Auditiva? Alguns aplicativos de celulares disponibilizam recursos de acessibilidade, porém, segundo Pessoas com Deficiência Visual que contatamos, tais ferramentas não trazem dados além do que é apresentado por determinado aplicativo, por exemplo, apenas avisam se irá chover e quantos milímetros se projeta, além de avisar sobre temperatura mínima e máxima. O fato do quadro

meteorológico do telejornal não possuir acessibilidade, acaba por excluir essas pessoas da comunicação.

De acordo com Ivor Yorke (2006), a temática da previsão do tempo é um assunto que faz parte de conversas entre amigos e conhecidos. Quando não incluímos as PcD nessas informações, também estamos excluindo, de alguma forma, sua interação social. Para Signates e Moraes (2016), não há cidadania sem comunicação:

Sem comunicação, não há cidadania. Conforme as concepções de direito abstraídas da noção de cidadania e aplicadas à noção de comunicação especificada, é possível trabalhar com a hipótese de que não existe cidadania, sequer como possibilidade, fora de um processo comunicacional que a viabilize, estabeleça e desenvolva (SIGNATES e MORAES, 2016. p. 10).

De acordo com os autores, é a comunicação que demonstra o “desejo por igualdade e afirmação”. Para eles, é possível propor seis tipos de cidadania relacionados com a comunicação. Um deles é a subcidadania comunicacional, onde o sujeito é “silenciado no processo comunicacional”, sendo inserido como “falado e não como falante” (SIGNATES e MORAES, 2016). Outro tipo é a cidadania como incomunicabilidade, onde o sujeito não tem fala e nem é falado.

Para a pesquisadora Cristina Mata (2006), o conceito de cidadania está relacionado com a capacidade do sujeito ter direito e demanda no campo da comunicação pública. Ela ainda destaca que “o exercício da "cidadania comunicativa" torna-se essencial para a existência de uma sociedade de cidadãos” (MATA, 2006, p. 14). Já segundo Bonin e Saggin (2017), refletir sobre o conceito de cidadania comunicativa, inclui “pensá-la como um exercício e um direito humano essencial de requerer e reelaborar outros mundos possíveis, voltados à emancipação social em múltiplas dimensões” (BONIN e SAGGIN, 2017, p. 106). Depois de pensar sobre esse conceito, podemos afirmar que as Pessoas com Deficiência são impedidas de exercer sua cidadania comunicativa e excluídas da interação social, já que os conteúdos meteorológicos não possuem acessibilidade para que essas pessoas tenham acesso de forma independente.

3.3 Sujeitos comunicantes

Os sujeitos comunicantes, conforme Bonin e Saggin (2017), são “sujeitos que estabelecem vínculos com as mídias”. Essas pessoas deixam de ser receptores e criam, reconstruem e modificam as práticas sociais e comunicacionais (BONNIN e SAGGIN, 2017). O motivo de tratarmos sobre sujeitos comunicantes na problematização teórica, se dá pelo entendimento de que a comunicação é um exercício fundamental para ampliar a cidadania. Abaixo, as autoras falam sobre a compreensão pelo termo de sujeito comunicante:

Na compreensão medular desta proposta, eles não são nem receptores reprodutores de lógicas comunicacionais/midiáticas hegemônicas, nem dotados de soberania integral sobre as mesmas. Configuram-se num jogo multidimensional complexo, em que ora podem ser reprodutores, ora inventores e transgressores comunicacionais (BONNIN e SAGGIN, 2017. p. 101).

A partir disso, é necessário pensar nas Pessoas com Deficiência (PcD) como sujeitos comunicantes. Primeiramente, temos que lembrar que elas não são meras receptoras, aliás, são poucos conteúdos jornalísticos que as mesmas conseguem ter pleno acesso. Por outro lado, esse público precisa arranjar formas e táticas para ter acesso a informações, pois existem diversas barreiras no processo comunicacional. Então, as Pessoas com Deficiência, ora são inventoras de táticas para conseguir determinadas informações. As pesquisadoras ainda refletem sobre a ação comunicacional e o seu papel de transformação social:

Compreendemos que é na ação comunicacional cotidiana que o trabalho para a emancipação crítica se realiza, a partir de práticas comunicativas que propiciem o debate, a reflexão e a transformação social; que levem os sujeitos a desenvolverem possibilidades emancipatórias em âmbitos político, cultural e social, bem como viabilizem seu direito à expressão, à informação e à comunicação (BONIN e SAGGIN, 2017. p. 107)

Precisamos compreender e pensar como Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva, podem exercer seus direitos à expressão, informação e à comunicação. E por isso, antes de qualquer coisa, é necessário incluir ferramentas nas produções jornalísticas, pois isso permitiria que as PcD desenvolvessem “possibilidades emancipatórias” em diversas áreas e assim, ampliando cada vez mais sua cidadania.

3.4 Acessibilidade comunicativa

O conceito de acessibilidade comunicativa está sendo inserido nesta problematização teórica, pois possui tanta relevância como os tópicos anteriores, aliás, podemos pensar que ambos estão ligados. Compreendemos que a acessibilidade na comunicação, é essencial para “promover o respeito ao Direito Humano à comunicação e a cidadania comunicativa das pessoas com deficiência” (BONITO, 2016, 191). Quando tratamos dessa acessibilidade, estamos falando sobre recursos que tornem a comunicação acessível para as Pessoas com Deficiência, tanto visual quanto auditiva. Esses recursos seriam, por exemplo, no telejornalismo, a utilização da janela de LIBRAS, legenda oculta ou *closed caption* e audiodescrição.

Ao analisar o boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço, só foi identificado o recurso de legenda. Tal ferramenta é disponível da seguinte forma: a pessoa precisa, através do controle remoto do seu televisor, ativar a *closed caption*. Entretanto, o ponto negativo da legenda, é a falta de sincronização com a fala da jornalista, o que pode confundir as Pessoas com Deficiência Auditiva na compreensão do conteúdo sobre o tempo que está sendo apresentado.

Como refletimos anteriormente, ao excluir as PcD de terem acesso à informação, estamos tirando seu direito de cidadania, porque “a prática da cidadania comunicativa se dá num processo em que se reconhece a comunicação como alicerce para o exercício da cidadania” (BONITO, 2016, p.188). É por essa razão, que ao tratar sobre Pessoas com Deficiência, compreendemos a necessidade de trazer para a problematização teórica, conceitos envolvendo cidadania, comunicação, sujeitos comunicantes e acessibilidade comunicativa. Esses termos acabam por destacar ainda mais um dos problemas deste trabalho: o fato das PcD estarem sendo excluídas e impedidas de exercer sua cidadania.

Já tratamos nesta monografia, que a tecnologia possibilitou muitas mudanças no quadro de previsão do tempo dos telejornais, mas por qual motivo essas tecnologias não podem ajudar na acessibilidade comunicativa dos conteúdos meteorológicos? Por que as Pessoas com Deficiência nunca são lembradas nas produções jornalísticas? Fora isso, ainda existe a relevância desse tipo de informação. Por qual razão as PcD não podem ter acesso à

emissão de alertas meteorológicos de forma independente? São questões que precisamos refletir e buscar por respostas enquanto pesquisadores.

3.5 Estratégias e táticas do cotidiano

Assim como foi abordado no tópico anterior, o conceito de estratégias e táticas também está relacionado com os demais. A problematização em cima dessa teoria, surgiu após uma reflexão, onde buscamos entender como um sujeito, que é comunicante, mas que tem seu direito de exercer sua cidadania excluído pela falta de acessibilidade comunicativa, nas informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço, consegue burlar essa barreira comunicacional e ter acesso ao conteúdo.

Foi através desta reflexão, que pensamos no conceito de estratégias e táticas de Michel Certeau (1998) para fazer parte dessa problematização teórica. Segundo o autor, “trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das “ações” que o fraco pode empreender” (CERTEAU, 1998, p. 97). Para Certeau, a estratégia, que também pode ser entendida como manipulação, está relacionada com o querer e poder de um determinado sujeito, que pode ser tanto uma empresa, como uma cidade ou até mesmo uma instituição científica. Podemos entender aqui como estratégia, os veículos jornalísticos que não produzem conteúdos acessíveis para toda a população.

Por outro lado, o significado de tática está ligado com a ausência de poder. É quando o sujeito está indefeso diante de uma determinada força e sem autonomia. Ou seja, ele encontra uma “brecha” e se aproveita dela, para burlar um sistema e ter acesso à informação. Em sua obra, *A invenção do cotidiano* (1980), Certeau diz que a tática é a arte do fraco. Neste Trabalho de Conclusão de Curso, a compreensão do conceito de tática será relacionada com a forma em que as Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva, encontraram para consumir as informações dos boletins de previsão do tempo.

Então, ao contrário das estratégias, as táticas do cotidiano aproveitam as “ocasiões” e delas dependem (CERTEAU, 1998). De acordo com o autor, “quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia. Traduzindo: tanto mais se torna tática” (CERTEAU, 1998, p. 101). Foi através do conceito de Michel Certeau, que a pergunta problema que guiou essa pesquisa surgiu: Quais são as táticas do cotidiano

utilizadas pelas Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva, para consumir as informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço?

3.6 Dos meios às mediações

Por fim, como essa monografia possui como principal estratégia metodológica a pesquisa de recepção, o conceito de meios e mediações de Jesus-Mártin Barbero (1987) também está relacionado nesta problematização. Para o autor, a recepção é um processo de interação entre o emissor e receptor. De acordo com ele, os processos de comunicação devem ser pensados a partir da cultura, o que “significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios” (BARBERO, 1997, p. 285).

Com isso, não é possível fazer uma pesquisa de recepção, apenas tendo o sujeito como receptor passivo, pois ele não é “um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor” (BARBERO, 1997, P. 287). Segundo o autor, é necessário levar em consideração os aspectos sociais e culturais nessa investigação.

Além disso, em seu livro *Dos meios às mediações*, Barbero (1987) reflete sobre o meio, a televisão, e como as diversas mudanças que o mesmo vem sofrendo ao longo dos anos só está relacionada com questões tecnológicas e não com suas mediações, para ele “se o meio sofre o processo de numerosas mudanças, a mediação, a partir da qual esse meio opera social e culturalmente não parece estar sofrendo na América Latina modificações de fundo” (BARBERO, 1997, p. 292).

Para Barbero, isso acontece porque para os produtores e programadores de tecnologias de vídeo, a única coisa que realmente importa é a inovação tecnológica. Aqui podemos fazer uma relação com o quadro de previsão do tempo, pois o mesmo passou por diversas reformulações visuais e tecnológicas ao longo dos anos, entretanto, ainda não há recursos nessa narrativa que torne o conteúdo acessível para Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva. Aliás, é fundamental ressaltar que o autor divide o conceito de mediações em três tópicos: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência social. De acordo com Barbero, ambos possuem relação com a forma em que o indivíduo se apropria das informações.

4. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Neste capítulo, iremos tratar das estratégias metodológicas, que são procedimentos fundamentais para atingir os objetivos de uma pesquisa. Segundo os autores Duarte e Barros (2010), neste momento é essencial que o pesquisador saiba exatamente o que pretende investigar. Tendo em vista o propósito que deseja alcançar com a pesquisa, é necessário pensar nas técnicas que serão utilizadas, pois “nunca se utiliza apenas um método ou técnica, e nem somente aqueles que se conhece, mas todos os que forem necessários ou apropriados para determinado caso (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 164). Já para Jiani Bonin (2011), podemos pensar na metodologia como uma dimensão norteadora do processo de construção de uma pesquisa. A partir deste tópico, será apresentado todos os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a construção desta monografia e também para atingir os seus objetivos.

4.1 Pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória pode ser entendida como “um movimento de aproximação ao fenômeno concreto a ser investigado, buscando perceber seus contornos, suas especificidades, suas singularidades” (BONIN, 2011, p. 39). Ainda de acordo com Bonin (2011), o procedimento exploratório pode implicar em um levantamento de dados existentes ou na observação de algum produto midiático, sendo que ambos devem ter alguma relação com o objeto/problema da pesquisa. Além do mais, é válido ressaltar que a fase exploratória é fundamental em um trabalho científico, pois contribui para a construção de sua problemática.

Sobre o procedimento de pesquisa exploratória deste trabalho, foi produzido um artigo para o Intercom Sul 2019, onde apresentamos como foi feita a coleta de dados e refletimos sobre os resultados encontrados. Primeiramente, conforme (ANDRADES e BONITO, 2019), é necessário destacar que esta fase foi dividida em duas etapas: a pesquisa acadêmica e a não acadêmica. Na exploratória acadêmica, realizamos buscas no Google Acadêmico e também no repositório das revistas Rumores e Anagrama, ambas da Universidade de São Paulo (USP).

Com a utilização de palavras-chave como “acessibilidade/telejornalismo” e “telejornalismo/meteorologia” buscamos por artigos científicos que ajudassem na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Após concluir a fase acadêmica, iniciamos a etapa de pesquisa não acadêmica, onde as mesmas palavras-chave foram usadas, porém, desta vez, a busca aconteceu em redes sociais como *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*. Contudo, não só procuramos conteúdos em redes sociais, como também em sites de veículos de comunicação, de empresas e institutos de meteorologia, canais no *YouTube* e por fim, analisamos boletins de previsão do tempo em telejornais da televisão aberta e também por assinatura.

Depois de realizar a fase de exploratória acadêmica e não acadêmica, criamos uma tabela¹⁶ (ANDRADES e BONITO, 2019), onde apresentamos os resultados obtidos. No Google Acadêmico, foram encontrados 2.900 trabalhos com as palavras-chave “acessibilidade/telejornalismo”, no qual analisamos os 40 primeiros artigos e destacamos dez em nossa tabela (que está nos anexos desta monografia). Já com as palavras “telejornalismo/meteorologia” encontramos 1.190 pesquisas e também analisamos as 40 primeiras e destacamos dez.

Além da busca no Google Acadêmico, como apresentado anteriormente, procuramos também no repositório da revista Rumores, pois foi encontrado em alguns trabalhos, referências bibliográficas de pesquisas publicadas pela revista. Nela, conseguimos encontrar em nossa busca seis trabalhos com a palavra-chave “acessibilidade/telejornalismo” e dois com “telejornalismo/meteorologia”. Visando encontrar pesquisas mais recentes, procuramos também no repositório da revista Anagrama, onde através da palavra-chave “acessibilidade/telejornalismo”, encontramos oito artigos, já quando fomos realizar a busca com “telejornalismo/meteorologia”, não foi encontrado nenhum trabalho. Aliás, ressaltamos que a escolha pelos portais de busca foi guiada pelo acesso gratuito sem restrições nas pesquisas.

Sobre a etapa não acadêmica da pesquisa exploratória, encontramos diversos perfis nas redes sociais, principalmente no *Twitter*, que tratam de assuntos meteorológicos, entretanto, nenhum possui acessibilidade para Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva em seus conteúdos. A respeito dos boletins de previsão do tempo na televisão, não foi encontrado nenhum com recursos além da legenda oculta ou *closed caption*. No entanto, a legenda é

¹⁶ A tabela com os resultados encontrados na pesquisa exploratória se encontra nos apêndices desta monografia.

esquecida quando o quadro de previsão do telejornal vai para as redes sociais ou para o site das emissoras. É o que acontece com o boletim do Jornal do Almoço, da RBS TV, que não possui legenda no site e nem nas redes sociais. Só o quadro meteorológico do telejornal “Café com Jornal”, da emissora Bandeirantes, disponibiliza o vídeo na íntegra nas redes com o recurso da legenda.

Já no YouTube, observamos que nem mesmo o Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC), disponibiliza ferramentas de acessibilidade em seus vídeos sobre previsão do tempo, clima e alertas meteorológicos. O mesmo caso segue na TV Brasil, que conta com dois telejornais para Pessoas com Deficiência: o Repórter Brasil, que possui janela de LIBRAS, e o Repórter Visual, com audiodescrição. Porém, no caso do Repórter Brasil, não há janela de LIBRAS no quadro de previsão do tempo, pois “*há recursos visuais que indicam as temperaturas*”¹⁷, caso diferente do Repórter Visual, que nem possui o boletim meteorológico.

Por fim, através desta pesquisa exploratória, acadêmica e não acadêmica, foi possível fazer um levantamento de conteúdo e dados sobre informações meteorológicas para Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva. Com os resultados encontrados, podemos afirmar que não há pesquisas sobre acessibilidade no quadro de previsão do tempo dos telejornais e também não há conteúdos com acessibilidade, tanto na televisão, quanto em redes sociais e sites na internet.

4.2 Pesquisa da pesquisa

O procedimento metodológico de pesquisa pode ser compreendido como “um mapeamento geral das pesquisas realizadas” (BONIN, 2011, p. 34). Tal mapeamento deve ser realizado buscando por trabalhos científicos que tenham alguma relação com o tema investigado. Segundo Bonin (2011), a pesquisa da pesquisa é fundamental para tomar conhecimento das produções, para que “novas investigações contemplem e considerem esses desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar com e a partir deles” (BONIN, 2011, p. 34).

¹⁷ Contato realizado com a Central de Pesquisas da Empresa Brasil de Comunicação/EBC. O trecho em destaque, faz parte da resposta de Fernanda Buarque, ao questionarmos a falta de acessibilidade no boletim de previsão do tempo da TV Brasil. A entrevista foi realizada em maio de 2019.

Para a autora, quando realizamos a pesquisa da pesquisa, podemos enxergar os problemas já enfrentados por outros pesquisadores. Através desse procedimento, podemos compreender os conhecimentos obtidos, o que irá ajudar na formulação de questionamentos para os novos desafios a serem investigados dentro de determinado objeto. Essa fase foi de grande importância para a construção deste TCC, a pesquisa desenvolvida por Renzo Taddei (2008), por exemplo, sobre a comunicação social de informações de tempo e clima, buscando entender o ponto de vista do usuário, foi esclarecedora para compreender como a comunicação é vista e entendida dentro dos institutos e também pelos meteorologistas.

4.3 Pesquisa bibliográfica

Entende-se que a pesquisa bibliográfica compreende o planejamento inicial de um trabalho de pesquisa, tendo como objetivo “identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos” (DUARTE e BARROS, 2010, p. 51). Já as autoras Marconi e Lakatos (2003), afirmam que não podemos pensar na pesquisa bibliográfica como uma repetição do que já foi escrito, pois ela nos permite enxergar o tema investigado sob uma nova perspectiva.

Durante essa etapa, pesquisamos nos artigos da fase exploratória acadêmica, suas bibliografias. No trabalho “Acessibilidade e Telejornalismo: A experiência do webjornal Pampa News da Unipampa”, encontramos referências aos livros “*Manual do Telejornalismo*” de Barbeiro e “*O texto na TV*” de Paternostro. Tais obras foram importantes durante a produção da presente investigação, já que apresentam muitas informações sobre a produção de um telejornal. Já no artigo “A meteorologia no telejornalismo contemporâneo: Um estudo de caso do programa Jornal Hoje”, foi possível encontrar em sua bibliografia, referências como a obra de Jesús-Martin Barbero “Dos meios às mediações”, “Jornal Nacional: modo de fazer”, o livro “Jornalismo Científico” de Fabíola Oliveira e novamente os trabalhos de Barbeiro e Paternostro sobre telejornalismo. Todas essas leituras, incluindo o artigo, foram selecionadas para ajudar na reflexão deste trabalho.

Além disso, no resumo científico “Jornalismo e Meteorologia: avanços e desafios da Previsão do Tempo no telejornalismo brasileiro”, apresentado no Intercom Nordeste em 2017, apresentou em sua bibliografia um trabalho que foi essencial para a compreensão e reflexão

sobre a comunicação na ciência meteorológica. A pesquisa realizada pelo professor Renzo Taddei, da Universidade de São Paulo (USP) e apresentada no Congresso Brasileiro de Meteorologia de 2008, coloca em crise a comunicação social dentro dos institutos de meteorologia.

Outro artigo selecionado para ajudar nesta monografia, foi o trabalho das professoras Márcia Amaral e Rejane Pozobon, publicado na revista Rumores, intitulado “Entre o céu e a terra: a cobertura das catástrofes e o discurso das autoridades”. No texto, as autoras fazem uma reflexão sobre a forma como são apresentadas as informações meteorológicas no jornal Zero Hora, além de conter entrevistas com meteorologistas, que fazem uma crítica quanto a forma dos jornalistas comunicarem as informações do tempo. Durante a busca bibliográfica nesses trabalhos, observamos que todos trazem ao menos três leituras em comum.

Por fim, quando refletimos sobre Pessoas com Deficiência (PcD), foi essencial ir além dos livros. Nos artigos já citados, encontramos em suas bibliografias, referências sobre leis brasileiras para as PcD. É por essa razão que, ao longo dessa pesquisa, refletimos a respeito de leis brasileiras que visam a inclusão social das Pessoas com Deficiência, para assim, terem o direito de exercer sua cidadania dentro da sociedade. Além disso, também foi necessário analisar e utilizar os dados do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva no Rio Grande do Sul. Tais dados proporcionaram uma dimensão de como ambas deficiências, visual e auditiva, atingem os gaúchos e assim, delimitar o recorte deste trabalho.

4.4 Pesquisa teórica e conceitual

Para Efendy Maldonado, a pesquisa teórica é um processo fundamental, tanto na iniciação científica como na pós-graduação, visto que ela é um requisito em qualquer investigação científica para “fundamentar uma proposta”. Para o autor, a pesquisa teórica “não pode ser reduzida a mera revisão de literatura para ser editada em resenhas rápidas e repetitivas” (MALDONADO, 2011, p. 294). Durante este momento, foi feita uma problematização de várias ideias e pensamentos, para assim, articular com o problema/objeto desta monografia.

Através desse exercício de reflexão, foi definido os conceitos teóricos conceituais que foram utilizados nesta pesquisa. O principal desta investigação, é a ideia de Acessibilidade

Comunicativa (BONITO, 2015). Conforme o autor, o conceito é fundamental para a promoção do direito humano à comunicação e também a cidadania. Sua compreensão foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho, pois quando tratamos de acessibilidade comunicativa, estamos falando sobre recursos que tornem a comunicação acessível para Pessoas com Deficiência (PcD) e assim, conseqüentemente, torne possível o exercício de sua cidadania. A partir desse conhecimento, observamos questões de acessibilidade nos boletins de previsão do tempo dos telejornais, para elaborar essa monografia e também seu recorte.

O conceito sobre sujeitos comunicantes também é importante para este trabalho. Segundo as autoras Bonin e Saggin (2017), o público não é um mero receptor das mensagens, já que eles criam, reconstróem e modificam práticas comunicacionais. Neste momento, buscamos refletir nas PcD como sujeitos comunicantes e como elas superam a barreira comunicacional, já que tais informações meteorológicas não possuem recursos de acessibilidade comunicativa como audiodescrição e janela de LIBRAS.

Foi através de uma reflexão, onde buscamos entender como as Pessoas com Deficiência consomem as informações do quadro meteorológico, que incluímos na problematização teórica, a ideia de estratégias e táticas do cotidiano (CERTEAU, 1998). Neste conceito, o autor entende que a estratégia é como uma manipulação e está relacionada com o poder, já a ideia de tática é referente a ausência de poder. Aqui é necessário fazer uma relação com os conceitos já apresentados, ou seja, entendemos que os sujeitos não são meros receptores, mas sim comunicantes. Além disso, compreendemos a ideia de acessibilidade comunicativa, que visa a inclusão de recursos comunicacionais acessíveis para as PcD, fundamentais para o exercício de cidadania dessas pessoas. Então, chegamos na proposta de Certeau (1998), onde refletimos sobre quais são as táticas utilizadas pelas Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva para consumirem as informações do quadro de previsão do tempo, já que o mesmo é inacessível.

Uma ideia proposta nesta pesquisa e problematizada no capítulo 3, referente a problematização teórica, é o termo “jornalismo meteorológico”. Levando em consideração que muitos profissionais da área do jornalismo acabam buscando por especializações ao trabalhar com a previsão do tempo, compreendemos que a temática faz parte do especializado, ligando tanto o jornalismo ambiental como o científico. Primeiro, precisamos relembrar o conceito de jornalismo ambiental, que pode ser visto como um processo de produção de informações “comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo,

não especializado” (BUENO, 2007,p. 35). A intenção do termo “jornalismo meteorológico” surgiu com a reflexão sobre os conceitos de ambiental e científico, já que assim como o jornalismo ambiental, a editoria científica também tem como objetivo, apresentar informações didáticas, sem termos técnicos, para que qualquer pessoa entenda (OLIVEIRA, 2010).

4.5 Pesquisa empírica

É possível compreender a pesquisa empírica, de acordo com Maldonado (2011), como um procedimento metodológico que resulta em propostas e também estratégias para a transformação da produção midiática. Para o autor, “o empírico na produção midiática exige a realização de atividades de pesquisa que permitam entrar na lógica interna do meio, nas práticas profissionais” (MALDONADO, 2011, p. 286). Considerando o pensamento de Efendy Maldonado, durante essa fase da pesquisa, foi realizada várias aproximações com o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Segundo o autor, no procedimento empírico há necessidade de se “aproximar, observar, reconhecer, excluir, selecionar, registrar, organizar, experimentar e sistematizar” (MALDONADO, 2011, p. 292). Essas etapas são importantes em uma investigação, porém, não podemos esquecer que cada objeto/problema, irá demandar determinadas técnicas de aproximações. Por fim, ressaltamos que os procedimentos empíricos realizados neste TCC, serão apresentados de forma detalhada no próximo capítulo: Descrição do campo empírico.

4.6 Pesquisa de campo

O método de pesquisa de campo foi indispensável para a realização desta pesquisa. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa de campo é uma técnica usada para obter informações e/ou conhecimentos que envolvem um objeto investigado. É por essa razão, que vamos relembrar a pergunta problema que norteia este trabalho: Quais são as táticas utilizadas pelas Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva para consumir as informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço?

Esse procedimento metodológico foi essencial para coletar os dados e responder o questionamento acima. Contudo, antes de sair a campo, consideramos os números do último Censo (2010), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados analisados

foram de Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva no Rio Grande do Sul, pois foi levado em consideração que o boletim de previsão do tempo, que faz parte do recorte deste trabalho, é de nível estadual. Através das informações do Censo, foi possível delimitar as características de cada pessoa que fez parte desta pesquisa de forma voluntária.

O tipo de pesquisa de campo realizada é a quantitativa-descritiva, que utiliza da técnica de entrevista como forma de coleta de dados. Todos os encontros foram devidamente registrados em um diário de campo, que consta detalhes da entrevista, incluindo as reações dos voluntários, enquanto assistiam ao boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço. No próximo capítulo, será apresentado mais detalhes sobre como foram realizados os encontros com as Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva.

4.7 Observação participante

Para realizar a pesquisa de recepção, utilizamos do princípio da observação participante. Conforme é abordado no livro “*Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*”, o pesquisador que utiliza dessa metodologia, deve estar atento quanto ao seu papel no grupo em que está inserido. Além do mais, de acordo com Duarte e Barros (2010), não existe regra e nem códigos de comportamento do que se pode e o que não se deve fazer, pois muitas coisas irão depender da sensibilidade do pesquisador em questão.

Porém, segundo os autores, é importante não se tornar o “porta voz” do grupo investigado e sempre buscar agir de forma ética e profissional. Além da observação participante, também utilizamos da técnica de entrevista em profundidade, que pode ser entendida como “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte” (DUARTE e BARROS, 2010, p. 62). Segundo os autores, essa metodologia permite explorar e aprofundar um determinado assunto, além de observar diferentes maneiras de descrever fenômenos. Usamos a técnica de entrevista em profundidade com os voluntários deste trabalho e também com a jornalista Brunna Colossi. O capítulo 5 irá apresentar de forma mais descritiva, como foi a observação participante com os voluntários.

4.8 Pesquisa de recepção

Por fim, tratamos da pesquisa de recepção, o principal recurso metodológico utilizado nesta monografia. Segundo Maria Immacolata Lopes, “a recepção não é um processo redutível ao psicológico e ao cotidiano, mas é profundamente cultural e político” (LOPES, 1993, p. 89). Já para Jensen (1990, p. 218, apud LOPES, 1993, p. 82), o estudo de recepção seria uma análise comparativa dos discursos dos meios com o da audiência. Tal procedimento foi empregado nesta pesquisa, para compreender como as Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva, consomem as informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço, que não possui ferramentas acessíveis além da legenda oculta.

Outro ponto importante sobre essa metodologia, é que as características socioculturais dos sujeitos, conforme Lopes (1993), devem ser integradas na análise. Aliás, a autora ainda destaca que a recepção é “um contexto complexo e contraditório, multidimensional em que as pessoas vivem o seu cotidiano” (LOPES, 1993, p. 85). A pesquisa de recepção foi o principal recurso para atingir o objetivo geral desta monografia. Além disso, tornou possível a utilização da observação participante, técnicas como a entrevista em profundidade e também a produção de um diário de campo, para assim, organizar a coleta dos dados e conseguir responder a pergunta problema que norteia este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Para realizar esse procedimento metodológico, primeiramente, foi necessário traçar um perfil para cada pessoa. Segundo o IBGE, a deficiência visual é a que atinge mais os gaúchos e por essa razão, três das cinco pessoas voluntárias, são deficientes visuais. Entre essas três pessoas, duas são mulheres, porque tanto a deficiência visual como a auditiva, atinge mais o público feminino (são mais de 1.440 mulheres para 1.100 homens), outro ponto que foi levado em consideração é a alfabetização e ocupação. As mulheres geralmente conseguem terminar os estudos, mas acabam não trabalhando, diferente dos homens, e por esse motivo, isso foi utilizado como critério para a seleção dos voluntários. Os mesmos critérios usados para a seleção de Pessoas com Deficiência Visual, foi utilizado para encontrar as duas Pessoas com Deficiência Auditiva. A seguir, no próximo capítulo, será melhor detalhado como foi o processo de recepção e a observação dos voluntários.

5. DESCRIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO

Neste capítulo, de forma descritiva, será apresentado como foram os encontros com os voluntários durante a pesquisa de campo. Nesse momento, relembramos que para a realização da pesquisa de recepção, buscamos por cinco voluntários, sendo três Pessoas com Deficiência Visual (PDV) e duas Pessoas com Deficiência Auditiva (PDA). O perfil dos participantes foi produzido através dos dados sobre Pessoas com Deficiência no Rio Grande do Sul, divulgados pelo Censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE.

Para organizar os encontros com os voluntários, delimitamos três visitas com cada pessoa onde assistimos ao boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço. É necessário destacar que os quadros meteorológicos assistidos não foram selecionados por critérios, pois dependemos da disponibilidade de cada pessoa. O que não foi um problema, já que todos os boletins que acompanhamos mostraram condições meteorológicas diversas.

Também é importante ressaltar que para o contato com as Pessoas com Deficiência Auditiva, contamos com o apoio do estudante de jornalismo Victor Eduardo, que não é um intérprete profissional, mas já aprendeu a língua de sinais e por essa razão, prestou todo auxílio para a realização da entrevista em profundidade. Outra questão que devemos salientar, é que tivemos um voluntário extra, que faz parte da comunidade universitária e que compreendemos que seria importante estar presente nesta pesquisa.

Por fim, enfatizamos que para proteger a identidade de todos os voluntários deste trabalho, todos os nomes apresentados a seguir são pseudônimos de cada fonte. Além disso, salientamos que essa monografia passou pelo conselho de ética da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), sendo cadastrada na Plataforma Brasil dentro do projeto com nome “*Processos Comunicacionais inclusivos: Narrativas Midiáticas com Acessibilidade Comunicativa*”. Por fim, visando deixar os relatos organizados, cada pessoa será apresentada de forma separada e por encontro, iniciando pelas Pessoas com Deficiência Visual e finalizando com as Pessoas com Deficiência Auditiva.

5.1.1 Aline Silveira

O primeiro contato com Aline foi por uma ligação de celular, onde consegui seu número por indicação de outra voluntária desta pesquisa. Neste primeiro momento, apresentei a ideia do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e Aline pareceu empolgada em participar, então marcamos a data do primeiro encontro em sua casa. Atualmente, ela tem 36 anos e é a única que possui baixa visão das três Pessoas com Deficiência Visual (PDV) que aceitaram ser voluntárias neste trabalho.

Durante nossa primeira conversa, descobri que Aline tinha uma doença em seus olhos e que com o tempo, acabou ficando com baixa visão, isso, segundo ela, aconteceu em sua adolescência. A realização dos encontros foi possível, porque Aline se encaixa no perfil estipulado para as fontes deste TCC, ou seja, é alfabetizada, porém por causa de sua condição, não trabalha e é aposentada. Ainda sobre nosso contato inicial, fiquei sabendo que ela é casada e mora com o marido e filho, uma criança, em um bairro um pouco distante do centro da cidade de São Borja (RS). O fato de morar em um local mais afastado da cidade, prejudica a mobilidade independente de Aline, já que na rua onde mora, quase não há calçadas.

Outro ponto que observei em nossos encontros, é que ela busca ser bastante participativa nas atividades diárias, tanto escolares como de lazer, de seu filho. Entretanto, em uma conversa, Aline me confidenciou que não sai sozinha, pois sente medo já que praticamente não enxerga nada além de “imagens borradas” e vultos. Além disso, ela também ressaltou que depois que seu filho nasceu, por ter baixa visão, começou a ficar deprimida por se sentir dependente, mas então resolveu fazer atividades e sair mais vezes para não acabar ficando depressiva.

Durante as visitas que realizei na casa de Aline, observei que ela é uma mulher que busca sempre estar de bom humor e presente na vida do filho, porém ainda é dependente de sua família em diversas atividades como, por exemplo, na preparação do almoço. O seu marido, em um dos encontros, disse que tem medo de Aline se queimar ou se cortar por ter baixa visão. Além disso, também notei que ela possui dificuldades em utilizar softwares acessíveis no computador. Por fim, duas das características que destaco em Aline, é que ela

adora conversar de tudo, inclusive sobre a previsão do tempo e também é uma ouvinte assídua de uma rádio local.

5.1.2 Primeiro encontro

O primeiro encontro com Aline foi realizado em sua casa, no início do mês de setembro. Neste dia, assistimos ao vivo o boletim de previsão do tempo, que não possuía nenhum alerta meteorológico e nem previsão de chuva. Durante todo o quadro, Aline se mostrou agitada e conversou o tempo todo, contando de suas dificuldades. Em um momento, ela se sentou em uma distância de uma palma da mão do monitor de televisão, para dizer que mesmo com esse espaço, não conseguia ver o mapa com clareza.

Quando perguntei se Aline acompanha os boletins de previsão do tempo do Jornal do Almoço, ela respondeu que sempre está com a televisão ligada na hora do telejornal, mas que nem sempre presta atenção. O fato de praticamente não enxergar, acaba fazendo com que ela perca o interesse em assistir televisão, por esse motivo, sempre busca ouvir o rádio. Então, questionei sobre o que ela entende e acha da previsão apresentada na rádio local que ela costuma ouvir, Aline então respondeu que compreende, mas que na maioria das vezes é muito rápida.

Outro ponto que observei em nosso primeiro encontro, é que ela sente dificuldade em se localizar no mapa. Quando paramos para assistir ao boletim, Aline me questionou se São Borja fazia parte da região da campanha e também perguntou onde era ao certo, a localização dos “vales” que com frequência escuta no quadro do telejornal.

5.1.3 Segundo encontro

Nosso segundo encontro foi realizado no dia 02 de outubro, após uma forte chuva que atingiu São Borja pela madrugada. Nessa data, foram registrados ventos de mais de 100 km/h no município, fazendo da cidade um dos destaques do quadro meteorológico do Jornal do Almoço (JA). No caminho para a residência de Aline, foi possível observar diversos estragos feito pelo vento forte, principalmente em árvores, pois havia várias equipes da empresa responsável pela energia elétrica no município, recolhendo os galhos, cortando e arrumando os fios de energia. Além da falta de luz em alguns pontos de São Borja, segundo informações

apresentadas no bloco local do JA, a ventania também deixou ao menos três casas destelhadas.

Quando cheguei na casa de Aline, após me desejar um bom dia, ela logo começou a conversar sobre o temporal da madrugada. Contou que desde cedo estava acordada ouvindo as informações do rádio e me pareceu ansiosa pelo boletim de previsão do tempo do JA, tudo isso só para saber se São Borja apareceria na previsão. Nesse dia não deu outra e o município recebeu destaque, principalmente, por causa da ventania. Entretanto, pouco antes de iniciar o quadro meteorológico, Aline ressaltou algo que me deixou curiosa: disse que desde o nosso primeiro encontro mudou sua forma de assistir ao boletim de meteorologia. Segundo ela, agora está procurando prestar mais atenção nas informações, para assim, entender suas principais dificuldades.

Após o encerramento do quadro meteorológico, comecei a questionar Aline sobre o conteúdo do dia, buscando compreender o que ela havia entendido e o que não compreendeu. Foi nesse momento, que ela destacou algo que achei relevante: a narrativa da apresentadora do boletim é rápida e isso dificulta seu entendimento. Quando lhe questionei sobre isso, Aline disse que por não enxergar e a fala da apresentadora ser “muito rápida”, ela acaba se perdendo na informação e além disso, sente “dor de cabeça” pela fala ser tão rápida e ela não conseguir acompanhar.

5.1.4. Terceiro encontro

Em nosso último encontro, assistimos ao quadro de previsão do tempo do Jornal do Almoço, publicado na íntegra no site da Globo Play na internet. Neste dia, observei que Aline já ficava mais concentrada durante a exibição do vídeo, porém, mais uma vez, ela reclamou da narrativa que é rápida e disse que isso acaba lhe “cansando”. Quando iniciei as perguntas sobre o conteúdo do dia, Aline começou a apontar suas dificuldades diárias que observou ao longo desses encontros.

Ao questionar se ela compreendia o que era um ciclone¹⁸, algo que foi abordado no boletim deste encontro, Aline respondeu que havia uma relação com chuva, mas não soube

¹⁸ O ciclone é um centro de baixa pressão que se forma no oceano em forma de “espiral” e pode ser facilmente observado por imagens de satélite. Mesmo com um nome diferente, o ciclone é a mesma coisa que um “furacão” e um “tufão”. A variação do nome se dá pela localização onde a tempestade se forma. O ciclone Catarina, que atingiu a região sul do Brasil em 2004, é um exemplo.

dizer sua intensidade e nem se deveria ficar em alerta. Outra questão que observei, é que ela não compreende os avisos de “atenção” divulgados pelo CPTEC que, em alguns momentos, aparece na previsão do tempo. Aqui, posso ressaltar como já fiz em um tópico anterior, que Aline não consegue se localizar com clareza no mapa.

Por fim, compreendi que visualizar o quadro meteorológico do JA pelo celular aumentou ainda mais a dificuldade de Aline na compreensão das informações. Aliás, neste encontro ela destacou que não consegue utilizar smartphones e só consome notícias, de forma geral, pelo rádio e televisão.

5.2.1 Tatiana Cardoso

Das três Pessoas com Deficiência Visual (PDV) que participaram desta pesquisa de recepção, Tatiana foi a que demonstrou maior concentração e atenção em todos os encontros. Já havia tido um contato com ela em 2016, quando produzi com colegas do Grupo de Pesquisa T3xto e nosso orientador, um material sobre a Semana da Pessoa com Deficiência¹⁹. Nessa ocasião, Tatiana saiu conosco pelas ruas de São Borja, onde buscou andar pela calçada com piso tátil e demonstrar seus problemas, já que a mesma foi planejada de forma totalmente errada. Desta vez, voltei a ter contato com Tatiana através da indicação de Paulo Molinos, ex-presidente da Associação dos Deficientes Visuais e Amigos de São Borja (Adevasb), associação no qual Tatiana faz parte e frequenta.

Nosso primeiro contato em 2019 foi intermediado por sua mãe, já que Tatiana não utiliza smartphone. De forma muito atenciosa, ela aceitou participar desta pesquisa e sempre estava disponível para realizarmos os encontros. Agora, falando sobre sua história, Tatiana é casada, tem uma filha e mora aos fundos da casa de sua mãe com o marido e sua menina em São Borja (RS). Entretanto, há nove anos atrás, ela ainda enxergava e já havia concluído seus estudos, mas tudo mudou durante a gravidez, quando por causa de uma complicação com a diabetes, Tatiana acabou ficando completamente cega.

Contudo, em nossos três encontros, ela demonstrou ser uma pessoa bem independente, sendo que seu único medo é sair sozinha pela cidade, já que a mesma não conta com muitos recursos acessíveis para sua mobilidade. Inicialmente, perguntei para Tatiana se ela assistia ao

¹⁹ A Semana da Pessoa com Deficiência acontece nos dias 21 a 28 de agosto.

quadro de previsão do tempo do Jornal do Almoço (JA), após responder que sim, também acrescentou que assiste diariamente com sua família durante o almoço e também as versões no estilo “drops”, que vai ao ar de noite no intervalo da novela das 21h da Rede Globo.

5.2.2 Primeiro encontro

A primeira observação participante deste trabalho foi feita com Tatiana, no dia 20 de setembro de 2019, em sua residência. Depois de compartilhar comigo sua história, assistimos ao boletim meteorológico. Aqui, já destaco que em todos os encontros, ela se mostrou muito concentrada e atenciosa na exibição do quadro de previsão do tempo. Ao fim das informações meteorológicas, perguntei para Tatiana sobre suas dificuldades em entender a previsão. Nesse momento ela destacou, principalmente, termos mais visuais da linguagem como, por exemplo, “nesta faixa do mapa” e “em parte da fronteira oeste”.

Neste primeiro encontro, Tatiana demonstrou que conhece e entende o mapa do Rio Grande do Sul, entretanto, sente dificuldade de compreender as informações quando não é falado o nome de São Borja ou Uruguaiana e Itaqui, que são cidades próximas. Segundo ela, quando nosso município não é destacado no mapa, procura se basear pelas cidades próximas, ou seja, se o município vizinho for apresentado na previsão, ela pensa que por ser próximo de São Borja, isso quer dizer que aqui também irá chover, por exemplo.

Ainda sobre esse contato, Tatiana compartilhou comigo que acompanha diariamente os telejornais, mas que sente falta da audiodescrição (AD). Neste dia em questão, 20 de setembro, feriado no Rio Grande do Sul, ela me contou que ficou curiosa em saber como eram os vestidos das prendas que aparecem dançando em uma reportagem exibida pelo JA. Além do mais, ressaltou que anda acompanhando os filmes com AD na televisão aberta, mas que não possui muito interesse em filmes quanto em telejornais.

5.2.3 Segundo encontro

Nossa segunda reunião aconteceu uma semana após a primeira entrevista e neste dia, havia previsão de chuva para o Rio Grande do Sul. Quando cheguei na casa de Tatiana, que pediu para fazermos o encontro pela parte da manhã, pois estava muito quente e no horário do

almoço seria ainda mais desconfortável andar no sol, ela já comentou que o vento estava vindo de norte e pela sensação de calor já naquele horário do dia, com certeza viria chuva.

Assim como no último dia, Tatiana ficou o tempo todo em silêncio durante a exibição do boletim meteorológico. Ao fim da apresentação, quando iniciei os questionamentos sobre quais eram suas dificuldades de entender as informações apresentadas de forma “visual”, ela disse que gostaria de saber como eram as cores no mapa e suas variações. Além disso, me contou que tem a sensação de que as imagens da arte mudam em pouco tempo.

Também ressalto que ao final da previsão, Tatiana pediu ajuda para compreender algumas informações sobre a chuva, já que não foi citado São Borja e nenhuma das cidades próximas. É necessário destacar que assistimos ao quadro de previsão do tempo do dia anterior, que apresentou a previsão para os três dias seguintes e que isso ocorreu por conta do horário do encontro.

5.2.4 Terceiro encontro

Em nosso último encontro, depois de assistir ao boletim de previsão do tempo, fiz questões relacionadas com o conteúdo que foi apresentado, se ela compreendia termos mais técnicos como ‘centro de baixa pressão’, e também perguntas mais gerais como, por exemplo, se Tatiana entendia o que significa amplitude térmica. Quando tratei sobre coisas específicas do quadro meteorológico que assistimos, Tatiana afirmou que gostaria de entender as trocas do mapa e sua arte, quais são as mudanças e cidades destacadas que não são ditas pela apresentadora.

Durante o boletim neste dia, também não foi destacado nenhum município da fronteira oeste, o que mais uma vez, foi apontado por Tatiana. Outro tópico ressaltado por ela, é que sempre está atenta aos avisos de atenção para temporais, que são divulgados também no quadro meteorológico do JA. Além disso, Tatiana compartilhou que sente medo de tempestades, principalmente de vendaval.

Logo após realizar as perguntas, comentei em um momento com ela, sobre sua concentração assistindo ao boletim de previsão do tempo. Com uma expressão contente, Tatiana respondeu que sempre procura ficar atenta, para assim, tentar compreender o máximo que pode das informações. Porém, em episódios como o desse encontro, onde não foi falado

sobre nenhuma cidade próxima a São Borja, ela procura se informar com sua mãe ou marido, pois nesses momentos apenas com a narrativa, não consegue entender os dados da previsão.

Quando fizemos um levantamento de todos os três encontros, Tatiana ressaltou que em alguns casos, achou a narrativa do boletim um pouco rápida e que isso dificulta seu entendimento. Por fim, ela destacou o quanto o recurso de audiodescrição ajudaria no consumo dos conteúdos jornalísticos. Na previsão do tempo, Tatiana afirmou que com a inclusão da AD, poderia ter acesso ao mapa sem depender de alguém ao seu lado para auxiliar.

5.3.1 Guilherme Martins

O Guilherme Martins representa todos os homens com deficiência visual nessa pesquisa, pois como foi apresentado anteriormente, foi decidido que seriam três Pessoas com Deficiência Visual, sendo duas mulheres e um homem. Essa divisão foi feita com base nos dados do Rio Grande do Sul, divulgados pelo Censo (2010) do IBGE, onde é possível observar que a deficiência visual atinge mais mulheres do que o público masculino. Atualmente, Guilherme é acadêmico e possui 22 anos, sendo natural da cidade de Ijuí (RS), noroeste do estado. Em São Borja, ele mora com um casal em um bairro um pouco distante do centro da cidade. Aliás, não há nenhum tipo de acessibilidade neste local, fazendo com que Guilherme seja extremamente dependente de pessoas para a sua mobilidade.

O meu primeiro contato com ele foi feito com ajuda do meu orientador, que acabou me passando seu contato de *WhatsApp*, assim que conversei com Guilherme por áudio, contando sobre minha pesquisa e objetivo, ele me respondeu de forma muito animada aceitando participar do meu trabalho. A partir disso, começamos a marcar nossos encontros para assistir ao quadro de previsão do tempo do Jornal do Almoço.

5.3.1 Primeiro encontro

Em nossa primeira reunião para assistir ao boletim, que aconteceu no final de outubro, indaguei se Guilherme costumava acompanhar a previsão do tempo do Jornal do Almoço (JA) ou se assistia de outro telejornal, ele me respondeu que nunca parou para assistir ao boletim e só via por mensagem do próprio celular. Perguntei então como era a previsão informada no

celular e Guilherme me respondeu que apenas era informado se iria chover e a temperatura. Depois disso, questionei se ele não se importaria em ver o quadro meteorológico do JA, o que ele negou.

A previsão do tempo neste nesse dia, informava que havia uma projeção de chuva para o dia seguinte. No boletim, a jornalista disse que a mudança já chegaria ao estado no final daquele dia e atingiria parte da fronteira oeste. Depois que o quadro meteorológico acabou, questionei se Guilherme tinha entendido onde poderia chover já naquele mesmo dia, ele me respondeu que não havia compreendido exatamente o local, porque a apresentadora disse “em parte da fronteira oeste” e como ele não consegue ver o mapa, não sabia exatamente se a cidade de São Borja fazia parte da região onde já poderia chover.

Além disso, observei que Guilherme conhece o mapa do Rio Grande do Sul, mas fica confuso quando a jornalista diz que haverá, por exemplo, sol ou chuva em “parte” de uma região. Para ele, isso só evidencia a linguagem visual do boletim meteorológico, ou seja, o conteúdo é produzido pensando apenas nas pessoas que conseguem enxergar, já que elas vão poder entender quais cidades podem ser atingidas pela instabilidade e quais terão tempo firme. Neste encontro, Guilherme compartilhou comigo que até então, nunca tinha parado para observar como era a narrativa dos quadros de previsão do tempo

5.3.2 Segundo encontro

O nosso segundo encontro foi realizado no início do mês de novembro e havia previsão de chuva e também aviso de atenção divulgado pelo Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC). Logo no início do boletim meteorológico do Jornal do Almoço, a apresentadora disse que tinha previsão de mudança no tempo e por essa razão, desde manhã já podíamos sentir uma sensação de abafamento. Quando a jornalista começou a mostrar o mapa, disse algumas vezes “a gente pode ver” e observei que Guilherme deu uma risada um tanto contida nesses momentos.

Outra questão interessante em nossa segunda reunião, foi que o boletim mostrou imagens de satélite. Então, após acabar o quadro, perguntei se Guilherme havia compreendido essa parte da previsão e se ele tinha uma ideia de como eram essas imagens, pois a jornalista Brunna Colossi ao destacar as figuras do satélite, indagou: “estão vendo todas essas manchas coloridas e avermelhadas que estão vindo em direção ao nosso estado?”. Ele me respondeu

que tentou se orientar, porque Brunna disse que eram instabilidades e que estavam vindo do país vizinho, ou seja, essas manchas ou chegavam pelo sul do estado (vindas do Uruguai) ou pelo Oeste (Argentina). Expliquei para Guilherme que elas estavam vindo da Argentina e também falei sobre a variação das cores e o que significa. Por fim, também perguntei se ele achava a narrativa do quadro rápida, ele me disse que o tempo para ele é normal, mas não acha didática a linguagem.

5.3.4 Terceiro encontro

A previsão do tempo do JA que assistimos em nosso último encontro, dia 10 de novembro, já falava sobre tempo firme e temperaturas em elevação em todo o Rio Grande do Sul. O principal destaque deste dia, era a volta do sol no estado e o calor, inclusive, a temperatura de São Borja foi apresentada no quadro. Mais uma vez, observei que Guilherme deu um sorriso ao ouvir expressões como “vamos ver no mapa”, então ao final do boletim meteorológico, questionei sobre a linguagem e ele ressaltou novamente que era bastante visual, “não é produzido para deficientes visuais” afirmou.

No decorrer da entrevista, Guilherme contou que desde o nosso primeiro encontro começou a prestar mais atenção na previsão do tempo dos telejornais, pois era algo que ele nunca havia parado para observar. Foi então que destacou Tiago Scheurer, jornalista da Rede Globo, que costuma apresentar os boletins de previsão do tempo do telejornal Hora 1, Jornal Hoje e também Jornal Nacional. Para Guilherme, foi muito mais fácil compreender as informações do tempo apresentadas por Scheurer, pois ele é mais didático.

Por fim, observei que em todos os encontros, Guilherme sempre se manteve concentrado e as pequenas reações que esboçou como, por exemplo as risadas curtas, eram sempre relacionadas a linguagem do “vamos ver no mapa”. Posso afirmar que o ponto mais destacado por ele em nossas reuniões, foi a questão da narrativa do quadro ser produzida pensando apenas nas pessoas que podem enxergar. Ao acompanhar Guilherme assistindo ao boletim, também constatei que ele sente dificuldade ao ouvir termos técnicos, por exemplo, centro de baixa pressão e pré-frontal, e também quando nenhuma cidade da fronteira oeste é falada.

5.4.1 Kátia Kirinus

A Kátia representa todas as mulheres surdas nesta pesquisa, que segundo os dados do Censo de 2010 do IBGE²⁰ no Rio Grande do Sul, é um número menor que de homens. Contudo, ela não se encaixa exatamente no perfil estipulado no início deste trabalho, que leva em consideração a escolaridade e ocupação, pois Kátia trabalha em uma universidade. Neste momento, recordo que segundo os dados do IBGE, no estado gaúcho, as mulheres com deficiência (aqui não se trata apenas de Pessoas com Deficiência Auditiva e surdas) são mais alfabetizadas²¹ e possuem um nível de ensino maior, diferente dos homens, porém, o público masculino consegue mais espaço no mercado de trabalho do que as mulheres. Entretanto, a ideia inicial da pesquisa era acompanhar um casal com deficiência auditiva ou surdez, mas não foi possível encontrar outra mulher em São Borja (RS), que se encaixasse exatamente neste perfil, acreditei que não haveria problema em chamar Kátia, de 37 anos, para participar.

O primeiro contato com ela, aconteceu através de uma visita em sua sala na universidade, local que divide com outro professor. Foi neste ambiente onde marcamos todos os encontros, visando não atrapalhar a rotina de aulas e pesquisas da professora. É fundamental destacar que, para a realização das entrevistas com pessoas surdas ou Pessoas com Deficiência Auditiva (PDA) que participaram da minha pesquisa, contei com o apoio de um estudante do curso de jornalismo da Unipampa Campus São Borja, Victor Eduardo, que aprendeu Libras.

5.4.2 Primeiro encontro

Em nosso primeiro encontro, compartilhei o objetivo desta pesquisa e questionei se a professora acompanhava com frequência os boletins de previsão do tempo do Jornal do Almoço (JA), o que segundo ela, acontece com certa frequência. Isso foi possível constatar, também pelo fato de que todos os quadros que assistimos juntas, Kátia já havia acompanhado

²⁰ Segundo os dados do IBGE, mais de 57 mil mulheres responderam ao censo que sentem grande dificuldade em ouvir. O número é um pouco menor do que de homens, que somam mais de 62 mil. De acordo com os dados, ao todo, 18 mil gaúchos informaram ao censo de 2010 que não conseguem ouvir de maneira alguma.

²¹ De acordo com os dados do Censo 2010 (IBGE) no Rio Grande do Sul, mais de um milhão (1.285.039) de mulheres com deficiência são alfabetizadas. Já o número de homens é de mais de 900 mil (979.549).

em casa. Nessa primeira reunião, observei que ela fica atenta durante toda a exibição do quadro e procura apontar questões que dificultam o entendimento das informações.

Quando comecei a fazer perguntas, em uma das respostas, Kátia destacou que consegue compreender tudo que aparece na tela, ou seja, toda a arte e infografia do quadro. Porém, no momento em que fiz considerações sobre informações que não apareceram na tela, mas que foram faladas pela apresentadora, a professora já chamou minha atenção para essa situação, onde uma PDA ou surda é excluída da comunicação. Neste encontro, ela ainda ressaltou a importância de buscar ouvir Pessoas com Deficiência Auditiva e surdas para entender quais são as dificuldades de consumir essas informações.

A previsão do tempo no dia em que realizamos nosso primeiro encontro, apresentava um aviso do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos. Na arte reproduzida na tela, havia duas cores diferentes: um amarelo e um laranja. A primeira, estava tratando de um aviso de observação e atingia praticamente todo o Rio Grande do Sul, pois havia projeção de chuva intensa. Já a segunda, era um aviso de atenção para o litoral gaúcho, pela previsão dos chamados “ventos costeiros”.

Os dados que comentei com Kátia, não foram divididos na arte e somente falado pela jornalista. A figura 5 que está presente no tópico “O boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço”, do capítulo 2, é um bom exemplo dessa situação. Todo o conteúdo visual da previsão foi entendido pela professora, que nesta primeira entrevista, se mostrou envolvida com a temática e também atenta.

5.4.3 Segundo encontro

O segundo encontro, realizado no dia 22 de outubro, talvez tenha sido o meu preferido com Kátia, porque neste dia, havia vários dados meteorológicos no boletim do Jornal do Almoço. O conteúdo foi assistido diretamente da página do JA no site da Globo Play, um tempo depois de sua publicação pela emissora. A previsão do tempo que assistimos, deu um destaque maior para a amplitude térmica das temperaturas no Rio Grande do Sul.

Após terminar de ver o quadro meteorológico, iniciei os questionamentos para a professora. Tudo estava ocorrendo da mesma forma como o encontro anterior, entretanto, ao comentar sobre a previsão de vento forte para o litoral do estado, Kátia observou logo de cara que essa informação não constava no mapa da tela. Além disso, perguntei para a professora se

ela sabia o que era um ciclone, fenômeno que naquela semana, estava acontecendo no Uruguai e que acabou trazendo áreas de instabilidade no sul do estado gaúcho. Aconteceu que, depois do intérprete apresentar a palavra em libras, Kátia ainda ficou sem compreender o que era e em algum momento, fez o sinal em libras que representa um tornado.

Através dessa observação, notei que é necessário buscar sempre apresentar o significado e o impacto de fenômenos como o ciclone, mesmo que nesse comentário do boletim, era algo que não estava influenciando de forma intensa e direta o tempo da região sul, mas já que foi citado, deveria ter sido explicado, para assim, lembrar as pessoas do que se trata e não haver confusões com outros fenômenos como o tornado.

5.4.4 Terceiro encontro

Em nossa última entrevista, o boletim apresentado no Jornal do Almoço não trazia muitas informações, já que não tinha previsão de chuva para o Rio Grande do Sul. Por essa razão, aproveitei para fazer indagações mais gerais sobre os conteúdos e Kátia acabou falando sobre sua experiência com a *closed caption*/legenda oculta. Uma das questões que levantei sobre a legenda, é que no site onde é publicada a previsão do tempo do JA na íntegra, existe no vídeo o sinal de que a legenda oculta está disponível, entrando, no site não é possível ativar o recurso no reprodutor do conteúdo audiovisual. Sobre essa questão, Kátia destacou que mesmo assistindo com a ferramenta do *closed caption* ativado, isso não é o suficiente. Segundo ela, as palavras não estão em sincronia com o que a jornalista está mostrando e em alguns momentos, as frases aparecem juntas, sem vírgulas ou pontos.

Além do mais, a professora ainda afirmou que ao disponibilizar essa legenda totalmente fora de sincronização e rápida, pois nem sempre é possível terminar de ler uma frase antes das palavras serem trocadas, é necessário lembrar também que nem todas as Pessoas com Deficiência Auditiva são alfabetizadas em português. Para a professora, esse público pode até mesmo não conhecer os numerais, ou seja, não irá entender as temperaturas que são apresentadas no mapa e indo além, também não irão compreender a arte, porque pode ter pessoas que não conhecem, por exemplo, a localização de São Borja no mapa do Rio Grande do Sul.

No final da entrevista, Kátia afirmou que o ideal seria a inclusão da janela de LIBRAS, para assim, até ela que é alfabetizada em português e que pode assistir com legenda

oculta, tenha total acesso ao que é apresentado para o público ouvinte. Por fim, nesses três encontros em que assisti ao quadro de previsão do tempo com a professora, observei que ela consegue compreender as informações mais básicas, como temperatura, se vai chover ou fazer sol, e que o recurso gráfico da tela auxilia muito já que a *closed caption* não é a ideal.

5.5.1 Eduardo Quoos

Conheci o Eduardo Quoos, deficiente auditivo, depois de uma indicação de Paulo Molinos, como já comentei anteriormente, Molinos foi presidente da Associação dos Deficientes Visuais e Amigos de São Borja (Adevasb). Entrei em contato com Eduardo por *WhatsApp*, que prontamente aceitou participar da pesquisa depois que expliquei do que se tratava e qual era o objetivo. Seria difícil apresentar um pouco sobre esse voluntário sem destacar o seu sinal de reconhecimento em Libras, que significa seu “sorriso”. Em todos os encontros que realizei com o auxílio de meu colega intérprete, Eduardo sempre nos recebeu com um grande sorriso no rosto, ele pareceu ser aquela pessoa no qual o tempo nunca está “fechado”.

Aos 38 anos, ele mora no bairro do Passo em São Borja (RS), ao lado da casa de seus pais com a namorada. Uma coisa que chamou minha atenção na história desse voluntário, é que Eduardo foi aprendendo Libras aos poucos e depois de adulto. Atualmente, ele trabalha de forma autônoma como freteiro e adora cachorros e gatos. Em todas as visitas que fiz em sua casa, Eduardo sempre estava sentado próximo a porta, esperando nossa chegada para a entrevista, quando abria o portão, seus dois cachorros sempre foram nos receber com festa.

Nos encontros com ele, observei que o mesmo adorava ensinar sinais em Libras e a cada final de entrevista, dedicamos um tempo para Eduardo nos mostrar alguns sinais para usar no dia a dia, ele ficava bastante contente nesses momentos. Também acho relevante destacar que sua namorada não possui fluência em Libras e está aprendendo diariamente com Eduardo, já que não conseguiu ajuda para aprender a língua de sinais no município.

5.5.2 Primeiro encontro

A primeira visita na residência de Eduardo foi a mais difícil, porque ainda não contava com o apoio do meu colega intérprete e atualmente o Campus São Borja não conta com uma

profissional. O primeiro encontro aconteceu no dia 30 de setembro, mesmo que sua namorada estivesse junto, sentimos muita dificuldade em conversar com Eduardo sobre a previsão do tempo, pois assim como eu, ela também não é fluente em Libras. Mesmo assim, ele foi paciente e se comunicou de forma lenta, utilizando seus dedos para representar as letras.

O boletim da previsão do tempo foi acompanhado ao vivo neste dia e Eduardo ativou o recurso da legenda oculta. Ele ficou bastante agitado durante todo o noticiário meteorológico, mostrando o que compreendia. Quando questionei sobre as informações apresentadas, Eduardo contou que só consegue entender o básico que aparece no mapa, também indaguei se ele conhecia a localização de São Borja, o que foi afirmado que sim. Porém, neste encontro, Eduardo comentou que não gosta da *closed caption* e que às vezes desiste de acompanhar, porque é muito rápida e ele não consegue ler a tempo. Nesses casos, afirmou que busca entender o que foi apresentado conversando com seus pais ou sua namorada.

5.5.3 Segundo encontro

Para a realização do segundo encontro, contei com a participação do intérprete, o que facilitou muito nossa comunicação. Quando chegamos na casa de Eduardo, ele ficou muito animado em poder conversar em Libras com uma pessoa. Contudo, o boletim do dia 10 de outubro não tinha muito conteúdo, pois não havia projeção de mudança no tempo. Neste encontro, Eduardo destacou que sente dificuldade em acompanhar o boletim por não contar com a janela de Libras, pois em casos como o desse dia, ele achou que o quadro teve uma duração curta e acabou mostrando de forma rápida as imagens do mapa, o que dificultou seu entendimento.

Também questionei Eduardo se ele acompanhava as informações da previsão do tempo pelo celular através de algum aplicativo, por exemplo, o que ele negou. Disse que acompanha somente pela televisão e quando não entende as informações, procura pela ajuda de sua namorada, o que relatou que faz com frequência. Mas quais são os obstáculos dessa comunicação para Eduardo? Neste dia, observei que ele conhece a região da fronteira oeste, mas não possui um domínio completo do mapa. Esse foi um ponto que me chamou atenção, principalmente quando ele me contou na entrevista, que troca mensagens sobre o tempo com alguns amigos no *WhatsApp*.

5.5.4 Terceiro encontro

O nosso último encontro foi realizado no início de novembro, pois Eduardo esteve ocupado após nossa última reunião. Ao chegar em sua casa, juntamente com meu colega, ele já estava nos esperando em sua sala de estar e nos recebeu com um sorriso. Neste dia, assistimos ao boletim de previsão do tempo do JA pelo site da Globo Play, pois Eduardo ainda não havia acompanhado sem a *closed caption*. Para este dia, a projeção era de tempo firme, ou seja, o quadro meteorológico teve um tempo de duração menor e pouco conteúdo.

Logo que o vídeo começou e a jornalista Brunna Colossi iniciou a apresentação, Eduardo já comentou conosco que não estava entendendo nada e perguntou se não havia como ativar a legenda pelo site, respondi que não tinha essa opção, mesmo aparecendo a marca informando do *closed caption* no vídeo. Ao final do conteúdo, quando realizei os questionamentos, Eduardo me contou que conseguiu compreender apenas onde faria sol e as temperaturas. Outra coisa que destacou, foi que achou um pouco rápido a duração das artes para a troca, por exemplo, ele só conseguiu conferir as temperaturas das cidades que sempre busca olhar de início, não pode visualizar as demais regiões, pois o mapa já tinha mudado.

Visto que era nosso último encontro, procurei fazer indagações sobre informações que costumam aparecer no boletim, mas que infelizmente não tivemos a sorte de acompanhar juntos. Então, perguntei se Eduardo entendia as imagens de radar que em alguns momentos aparece na tela, ele me contou que não compreende e pediu para que eu explicasse o que significa. Após concluir minha explicação, Eduardo disse que já viu em alguns boletins as “manchas”, mas mesmo assistindo com a legenda ativada, ele não havia entendido.

Por fim, questionei se Eduardo compreendia termos como “centro de baixa pressão” ou fenômenos como granizo e nevoeiro. Ele me respondeu que sabe o que significa, mas não entende como, por exemplo, essa “baixa pressão” se origina. Quando lembrei Eduardo que este seria nosso último encontro, me agradeceu por ter conversado sobre imagens de radar com ele e disse que agora irá entender quando for mostrado no boletim meteorológico. Além disso, também nos contou que quando está assistindo ao quadro ou qualquer telejornal na televisão e percebe uma palavra que não conhece, busca anotar e depois pesquisar o significado dessa palavra e como é dita em Libras. Para encerrar, Eduardo comentou que gostou de conversar em Libras com meu colega intérprete e também revelou que ficou triste

quando sua filha, de 17 anos, falou para ele que não tinha interesse em aprender a linguagem de sinais. Nesse momento, ele contou que a menina é distante dele e mora com a mãe, uma antiga namorada de Eduardo. Essa foi a primeira vez em todos os encontros que o vi falar sobre algo sem sorrir.

5.6.1 Wesley Bernardes

O último voluntário deste trabalho é o professor Wesley, de 35 anos, ele é surdo e trabalha em uma universidade. Aqui, destaco que ele participou como uma fonte extra, como o mesmo está inserido em um ambiente acadêmico, pensamos que seria bacana contar com a participação dele nesta pesquisa. Todos os três encontros com Wesley foram realizados em sua sala dentro da faculdade.

Em nosso primeiro contato procurei pelo professor em sua sala, onde através de mensagens por *WhatsApp*, já que não tenho domínio na linguagem de sinais, conversamos sobre o meu trabalho e aproveitei para convidá-lo a participar. Acho importante ressaltar o quanto me senti incomodada nesta primeira visita, por não conseguir me comunicar em Libras com Wesley. Após explicar sobre a minha investigação, ele aceitou fazer parte como voluntário e daí por diante, realizamos os encontros para assistir ao boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço. As três entrevistas também contaram com o apoio do meu colega intérprete que inclusive, está aprendendo a linguagem de sinais com o professor Wesley.

5.6.2 Primeiro encontro

Nosso primeiro encontro aconteceu no dia 16 de outubro em sua sala e assistimos ao quadro meteorológico colocado na íntegra no site da Globo Play. O professor ficou concentrado durante todo o boletim, fazendo apenas considerações pontuais em alguns momentos. Quando o vídeo chegou ao fim, indaguei se Wesley conseguiu compreender o conteúdo apresentando, ele me respondeu que toda a parte visual foi possível entender. Além disso, em vários momentos o professor ressaltou que o fato de ser alfabetizado em português e também conhecer o mapa e as regiões do Rio Grande do Sul, facilita para ele entender as

informações visuais que estão na tela, mas isso pode não ser possível para uma Pessoa com Deficiência Auditiva (PDA) que não seja alfabetizada em português, por exemplo.

Outra coisa que foi apontada por Wesley é que, para quem sabe ler e conhece os numerais, a infografia utilizada no boletim é extremamente fundamental, já que a legenda oculta é rápida e fora de sincronização, o que pode confundir o público. Entretanto, durante nosso encontro, observei que existem diversas informações relevantes que são apenas apresentadas pela jornalista, mas não são mostradas no mapa, o que já exclui as PDA dessa comunicação.

5.6.3 Segundo encontro

A minha segunda entrevista com Wesley aconteceu uma semana após a primeira e neste dia, havia dois avisos meteorológicos para o Rio Grande do Sul. Depois que assistimos ao quadro meteorológico e iniciei meus questionamentos, o professor fez uma observação que me chamou muita atenção. Ao dizer que o ideal seria ter a janela de Libras no boletim, Wesley ressaltou que era necessário repensar o tamanho da mesma, pois a expressão é fundamental na comunicação da linguagem de sinais. Segundo ele, a medida atual do recurso não é a ideal, já que acaba ficando muito pequena e ruim de compreender a expressão do intérprete.

O encontro deste dia só reforçou minhas observações em relação a narrativa do quadro e sua infografia. Como assistimos ao boletim pelo site, mais uma vez, diversas informações apresentadas pela jornalista não estavam na tela, o que acaba passando pelo professor, já que ele é dependente dos dados apresentados no mapa. Assim como no encontro com Kátia, mais uma vez, os dois alertas meteorológicos não estavam especificados em tela, fazendo com que as informações de cada um estivessem misturadas e sendo apenas distinguidas pela fala da jornalista.

Neste dia, também indaguei para o professor se ele sabia o que era um ciclone, pois havia sido comentado pela jornalista no quadro. Eis então que aconteceu algo bastante interessante, Wesley não compreendeu o termo “ciclone” e meu colega intérprete teve dificuldade para explicar em Libras qual era o impacto deste fenômeno no tempo de uma determinada região.

5.6.4 Terceiro encontro

Em nosso último encontro, retomei algumas questões com o professor após assistirmos ao quadro meteorológico. Uma das coisas que observamos, é que apareceu o sinal da *closed caption* disponível no vídeo, entretanto, no site não há como ativar as legendas. A previsão do tempo apresentada no JA neste dia, mostrava que não havia projeção de chuva para o Rio Grande do Sul, ou seja, o boletim não teve uma duração muito longa.

Novamente Wesley destacou que para as Pessoas com Deficiência Auditiva que conseguem ler e conhecem os números, a imagem da infografia do quadro é o que ajuda na compreensão das informações. Além disso, ele fez uma observação pensando em quem não consegue ler ou conhece os numerais, neste momento o professor disse que pode ser difícil para uma PDA entender, por exemplo, que uma temperatura 30°C significa calor e que 15°C está relacionado com frio.

Como não tivemos sorte de assistir boletins com previsão de chuva, questionei se Wesley compreendia imagens de satélite e de radar. Após mostrar algumas para ele, observei que o mesmo possui uma boa noção das imagens e do que se refere a variação de cores em cada uma. Também destaco que o professor ressaltou a questão da falta de sincronização da legenda e a junção das palavras, o que acaba prejudicando a leitura das pessoas.

6. ANÁLISE DO CAMPO EMPÍRICO

Durante todo este capítulo, será apresentada de forma organizada e em ordem, toda análise realizada após a conclusão da pesquisa de campo. Assim como no tópico anterior, início pelas três Pessoas com Deficiência Visual (PDV) e logo depois, abordo sobre as Pessoas com Deficiência Auditiva (PDA).

Então, começando pelos encontros com Aline Silveira, refleti que sua maior dificuldade é na compreensão das informações que são mostradas no mapa. Como ela possui baixa visão e comentou que só consegue ver “borrões”, a infografia do boletim meteorológico acaba sendo complexa para ela compreender, pois em alguns momentos, a jornalista depende muito do que é mostrado no mapa para sua explicação. Também analisei a questão apontada por Aline sobre a velocidade da linguagem da apresentadora durante a previsão do tempo, era algo que nunca reparei e não fazia parte das minhas indagações com os voluntários até então. Depois que ela compartilhou que achava rápida a locução de Brunna Colossi, apresentadora do boletim meteorológico do Jornal do Almoço, comecei a perguntar para as outras pessoas que também participaram da pesquisa e exceto uma disse que não achava rápida a narrativa, mas que a jornalista parece “ansiosa” em falar tudo.

Ao realizar as entrevistas com Aline, constatei que ela consome com frequência os dados meteorológicos do telejornal, porém, por conta da falta de acessibilidade comunicativa, acaba perdendo a paciência em seguir atenta ao quadro de previsão do tempo e por essa razão, procura por ajuda de seu marido para tirar suas dúvidas. A partir disso, posso destacar que em todos os nossos encontros, senti que ela é uma pessoa bastante dependente para ter acesso pleno nessas informações e isso vai contra a ideia de cidadania comunicativa.

Contudo, Tatiana Cardoso, que foi minha segunda voluntária com deficiência visual, também apresentou uma certa dependência para compreender todos os dados. Entretanto, é necessário ressaltar que ela é completamente cega e procura de alguma forma, táticas para consumir o conteúdo da previsão do tempo do JA. O motivo se dá pelo fato de Tatiana conhecer o mapa do Rio Grande do Sul e suas regiões. Então, quando o município de São Borja não é destacado na previsão, o que acontece com muita frequência, ela busca se orientar pelas cidades próximas e faz uma relação pela distância: se há previsão de chuva para o município de Itaqui, também vai chover em São Borja por ser próximo.

Além disso, pude analisar que a linguagem meteorológica é familiar para Tatiana, porque ela acompanha diariamente e com atenção os quadros de previsão do tempo e também programas da rádio local, que de alguma forma, apresentam informações meteorológicas, mesmo que simples. Acredito que com a inclusão de audiodescrição nos conteúdos de previsão do tempo, dos três voluntários com deficiência visual, Tatiana seria a única que iria consumir todo o conteúdo sem obstáculos na comunicação e de forma independente.

Agora, refletindo sobre os encontros realizados com Guilherme Martins, analiso que um dos principais obstáculos nessa comunicação é o fato dele não ter familiaridade com o conteúdo, pois como o próprio disse, é algo que até então ele não acompanhava. No entanto, Guilherme destacou um ponto que também analisei com os demais entrevistados e considerei uma barreira na comunicação do quadro meteorológico: os termos mais “técnicos” da narrativa. Em dois dias que nos reunimos para assistir ao boletim do JA, a jornalista falou em “pré-frontal” e “baixa pressão”. Como são termos mais da área meteorológica, seria interessante que a apresentadora, de alguma forma, buscasse lembrar os telespectadores do significado deles, pois o público acaba esquecendo se não for lembrado.

A questão da utilização de palavras que são mais utilizadas por profissionais da área foi observada com todos os voluntários, ou seja, quando aparecia no boletim eles sempre ficavam confusos e comentavam que não entendiam totalmente. Por outro lado, analisei que o principal problema para os três voluntários com deficiência visual é a narrativa que depende da infografia e arte. Além disso, em todos os boletins que assistimos, a jornalista utiliza uma linguagem visual em vários momentos do quadro, são exemplos: “a gente pode ver no mapa”, “vamos olhar o mapa” e “essa mancha que atinge parte da região...”. É provável que isso passe batido por todos quando estão acompanhando a previsão do tempo, porém, para as Pessoas com Deficiência Visual (PDV) isso é marcante. Nos encontros com os três voluntários, cada vez que a apresentadora utilizava essas palavras, eu me sentia desconfortável junto das minhas fontes, pois as PDV não são lembradas quando a produção do boletim é feita e a linguagem é pensada.

Agora refletindo sobre as duas pessoas surdas e o deficiente auditivo que participaram dessa pesquisa, destaco que todos eles são dependentes da infografia do quadro meteorológico. Foi assim com Kátia, com Eduardo e também Wesley, tudo que é dito além do que está na arte apresentada na tela é inacessível. Como comentei em tópicos anteriores, a inclusão da legenda oculta já é vista como ideal pelos telejornais. Um exemplo é o programa

jornalístico Repórter Brasil, exibido na TV Brasil, e que conta com a janela de LIBRAS em suas reportagens, mas no quadro de previsão do tempo já não possui esse recurso, pois os dados que aparecem no mapa são compreendidos como essencial e dispensa o recurso da linguagem de sinais. O que pude analisar durante meus encontros com os três voluntários, é que esse pensamento é totalmente equivocado, porque mesmo que os dados estejam inseridos no mapa, essas pessoas ficam de fora da explicação feita pela jornalista, ou seja, são informações que se tornam inacessíveis.

Além do mais, todos os três relataram problemas com a legenda oculta. Aqui destaco Eduardo, porque observei que ele sente mais dificuldade com a *closed caption*. Em dois encontros ele praticamente não conseguiu acompanhar as frases e também existe a questão de que em vários momentos, as palavras acabam se juntando, o que dificulta ainda mais o entendimento. Por outro lado, em minha última entrevista com Kátia, ela ressaltou que notou diferença no tempo da *closed caption* em relação com o tamanho do monitor de televisão. Já nos encontros com Wesley, minha fonte extra, ele sempre recordou o fato de que existem Pessoas com Deficiência Auditiva (PDA) que não são alfabetizadas em português e sim na língua de sinais. Então para esse público, mesmo com uma arte moderna, os dados inseridos no mapa podem não serem compreendidos, inclusive os números que indicam as temperaturas.

De uma forma geral, analisei que o deficiente auditivo e as duas pessoas surdas conseguem se localizar no mapa e entender todas as informações apresentadas na infografia. Isso se dá também pelo fato de serem alfabetizadas e por terem o costume de acompanhar com alguma frequência o boletim meteorológico. Entretanto, em todos os encontros constatei que havia informações relevantes que não estavam colocadas na arte, o que já excluía os voluntários do acesso ao conteúdo. Outra coisa que também reparei, é que Kátia, Eduardo e Wesley também não possuem um domínio dos termos mais técnicos, isso observei ao questionar sobre o que era um centro de baixa pressão e como ele estava influenciando no tempo de uma região do Rio Grande do Sul, o que foi tratado em um dos boletins que assistimos.

Por fim, resalto que essa pesquisa de campo foi essencial para poder analisar e compreender as dificuldades que as Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva acabam encontrado para ter acesso às informações meteorológicas do boletim do Jornal do Almoço (JA). Com isso foi possível afirmar que nenhuma consegue entender o conteúdo completo de

forma independente e por essa razão, a inclusão de recursos acessíveis como audiodescrição e janela de LIBRAS é fundamental. Outro ponto importante, é que todos os voluntários demonstraram interesse pelas informações de previsão do tempo. No próximo capítulo, ao responder a pergunta problema que norteou minha investigação, irei apontar algumas táticas dos voluntários para consumir o conteúdo inacessível.

7. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A presente pesquisa buscou apresentar de forma sintetizada e cronológica, a história da ciência meteorológica e sua inclusão no telejornalismo brasileiro, especialmente no Jornal do Almoço (JA), telejornal da RBS TV, afiliada da emissora Rede Globo no Rio Grande do Sul. A proposta desta investigação era compreender como as Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva consomem as informações do boletim de previsão do tempo do JA, pois o mesmo não possui recursos acessíveis além da *closed caption*. Logo nos capítulos iniciais deste trabalho, destacamos a importância das informações sobre tempo e clima para diversos setores de nossa sociedade, além de lembrar que dentro do jornalismo, são notícias classificadas como prestação de serviço, conforme os autores Barbeiro e Lima (2002).

Por ter uma abrangência estadual e estar inserido no cotidiano dos gaúchos, o quadro meteorológico do Jornal do Almoço foi escolhido para fazer parte do objeto deste estudo. Por essa razão, optamos por utilizar os dados relacionados ao Rio Grande do Sul do Censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o IBGE, o Estado gaúcho possui uma população de mais de 10 milhões de pessoas, sendo que mais de dois milhões possuem alguma deficiência. O Censo também revelou que 28 mil gaúchos responderam que não conseguem enxergar e 18 mil são totalmente surdos. Após refletir sobre esses dados e realizar uma pesquisa exploratória acadêmica e não acadêmica, fizemos o recorte do objeto deste trabalho.

Com o recorte feito, apresentamos os argumentos para justificar essa investigação, partindo dos dados do IBGE e também das diversas leis que existem no país, que visam dar independência e cidadania para as Pessoas com Deficiência (PcD). Entretanto, constatamos que essas leis não são seguidas pelos veículos de comunicação e nem por instituições do governo. Outro ponto que reforçou a realização dessa monografia, foi o fato de não haver conteúdos de previsão do tempo com acessibilidade comunicativa para as PcD e nem pesquisas acadêmicas. Além disso, no Capítulo 2, citamos de forma breve, o debate atual envolvendo as mudanças climáticas e mostramos que há um consenso entre os cientistas sobre o tema que, inclusive, já está afetando o clima por todo o planeta e pode trazer diversos danos para nossa sociedade.

Neste capítulo, referente a contextualização, ainda refletimos sobre Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva, também diferenciando o deficiente auditivo do surdo, e comentamos de forma mais aprofundada sobre leis e conceitos que buscam dar independência e cidadania para as PcD. Além disso, falamos sobre o desenvolvimento da meteorologia dentro do telejornalismo, citando alguns programas que são considerados referências no quadro de previsão do tempo. Depois disso, colocamos em evidência o boletim meteorológico do Jornal do Almoço, procurando mostrar o desenvolvimento da produção ao longo dos anos. Aqui, foi possível observar as reformulações que a infografia da previsão do tempo foi sofrendo através dos prints feitos de vídeos encontrados no *YouTube*.

Também ressaltamos que o objetivo deste tópico não era realizar uma reflexão teórica, mas sim, procurar destacar a história da meteorologia no Jornal do Almoço. Para isso, contamos com a entrevista da jornalista Brunna Colossi, que apresenta desde 2015 os boletins meteorológicos da RBS TV. Todos os dados referentes ao quadro e sua produção, foram resultados da conversa com Brunna, que está disponível nos apêndices deste trabalho.

Após isso, discorremos no Capítulo 3 sobre os conceitos e teorias que problematizamos e relacionamos com o objeto de estudo desta monografia. Iniciamos com uma proposta de termo, o “jornalismo meteorológico”, pois entendemos que a meteorologia faz parte tanto do jornalismo científico como do ambiental, então pensamos nesta expressão como uma forma de mesclar os conceitos envolvidos nas duas editorias especializadas. Depois disto, tratamos de comunicação e cidadania (SIGNATES e MORAES; MATA) e também sujeitos comunicantes (BONIN e SAGGIN, 2017), pois compreendemos que ambos precisavam ser inseridos nesta problematização, já que abordam questões de cidadania comunicativa (MATA, 2006) e também independência. As Pessoas com Deficiência (PcD) Visual e Auditiva não são meras receptoras, porque produzem significações através do que consomem, porém não podem ser excluídas da comunicação, ainda mais de informações de prestação de serviço como está acontecendo.

Ainda neste capítulo, problematizamos a respeito de acessibilidade comunicativa (BONITO, 2015), que é o principal conceito desta monografia. Para realizar os encontros com os voluntários, foi preciso compreender o que significa a acessibilidade comunicativa e como ela pode mudar a forma das PcD consumirem as produções jornalísticas, pois ela consiste na inclusão de recursos acessíveis como a audiodescrição (AD) e a janela de LIBRAS. Por fim, buscamos refletir e problematizar sobre o conceito de táticas do cotidiano (CERTEAU, 1980)

e meios e mediações (BARBERO, 1987). Ambas teorias foram relacionadas com o recorte dado neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ou seja, sobre táticas do cotidiano, buscamos entender quais são as formas que as Pessoas com Deficiência procuram para “burlar” o conteúdo inacessível e assim, conseguir consumi-lo. Já sobre meios e mediações, constatamos que o meio em questão, a televisão, sofreu diversas mudanças, porém todas relacionadas com inovações tecnológicas. Além disso, buscamos entender como está sendo desenvolvido às mediações pelas PcD para acessar tal conteúdo, lembrando que elas não são meras receptoras e produzem significado ao participar da comunicação.

Já no Capítulo 4, indicamos quais estratégias metodológicas foram usadas para o desenvolvimento deste trabalho. Nesse momento ressaltamos que a pesquisa de recepção é a principal metodologia empregada, porque ela foi essencial para conseguirmos chegar em uma resposta para a pergunta problema que norteou este TCC. Ao todo foram utilizados oito processos metodológicos, sendo eles: pesquisa exploratória (acadêmica e não acadêmica), pesquisa da pesquisa, pesquisa bibliográfica, pesquisa teórica e conceitual, pesquisa empírica, pesquisa de campo, observação participante e pesquisa de recepção. De uma forma sintetizada, podemos dizer que todas foram essenciais para atingir os objetivos deste trabalho, além de ajudar em um recorte específico do tema, sua dimensão, aprofundamento e problematização.

Após apresentar as estratégias metodológicas discorremos sobre o campo empírico, no qual buscamos falar de forma descritiva, sobre os encontros realizados com os seis voluntários desta monografia. É necessário lembrar que inicialmente, foi proposto cinco voluntários, onde três seriam Pessoas com Deficiência Visual (PDV), duas mulheres e um homem, e do outro lado, um casal com deficiência auditiva. Porém, contamos com a participação de um voluntário extra com deficiência auditiva e por esse motivo, tivemos seis participantes na pesquisa de campo.

Para a construção do perfil dessas pessoas, analisamos novamente os dados do IBGE, referentes ao Rio Grande do Sul, delimitando da seguinte forma: seriam duas mulheres com deficiência visual, porque de acordo com os dados, a deficiência atinge mais o público feminino, ao contrário da deficiência auditiva que alcança mais os homens, entretanto, era importante contar com uma voluntária surda para representar o público feminino. Outro ponto que foi levado em consideração é a alfabetização e ocupação. Segundo o Censo de 2010, mais de um milhão de mulheres (1.285.039) com deficiência são alfabetizadas, já o público

masculino passa dos 900 mil (979.549). Entretanto, os homens com deficiência conseguem mais oportunidades no mercado de trabalho (632.164) comparado às mulheres (578.459).

A problemática dessa pesquisa se desenvolveu em cima da falta de recursos acessíveis nos conteúdos de previsão do tempo e clima, tanto jornalísticos como de institutos de meteorologia. Durante a fase exploratória deste trabalho, constatamos que não existe no Brasil nenhum telejornal com acessibilidade comunicativa para Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva nas produções meteorológicas. Além disso, observamos que na internet também não há acessibilidade nas informações sobre tempo e clima publicadas em sites e redes sociais. Por fim, também destacamos que não foi encontrada nenhuma pesquisa acadêmica que envolva a temática de meteorologia, jornalismo e acessibilidade comunicativa para PcD, o que ajuda na justificativa deste trabalho, levando em conta a relevância dessas informações para o cotidiano das pessoas.

A partir da sintetização feita até aqui, é necessário lembrar da pergunta problema que norteou essa pesquisa para respondê-la: *quais são as táticas utilizadas pelas Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva para consumir informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço (JA)?* Entendemos como tática, o raciocínio de se basear na questão de proximidade dos municípios. Segundo uma de nossas voluntárias, quando São Borja não é destacada na locução da jornalista, ela busca ouvir se alguma cidade próxima será destaque na previsão e se acontece, faz uma relação pela distância: se marca chuva para Itaqui, também deve chover aqui em São Borja.

Além disso, ter referências do mapa também é outro ponto compreendido por nós como tática para consumir as informações, principalmente de mudança no tempo. Para um dos voluntários, sempre que o tempo ‘vira’ em São Borja essa instabilidade chega da Argentina. Então quando Brunna Colossi, apresentadora do quadro meteorológico do JA, mostra imagens de satélite de uma frente fria e somente fala que está chegando do “país vizinho”, ele observa se a região de São Borja será atingida e imagina de que lado essa instabilidade está chegando.

Já falando sobre as Pessoas com Deficiência Auditiva, destaco outra tática que constatamos e que está relacionada com a legenda oculta do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço. Um dos voluntários afirmou que quando tenta acompanhar a legenda e nota uma palavra/termo que não entende, procura pesquisar na internet seu significado e depois tenta fazer em Libras. Fora isso, os três voluntários com deficiência auditiva usam os

seus conhecimentos sobre o mapa do Rio Grande do Sul para compreender as informações da previsão do tempo.

Porém, de uma forma geral, podemos afirmar que todos os voluntários acabam se tornando dependentes de outras pessoas para ter um acesso mais amplo ao boletim de previsão do tempo. O deficiente auditivo e as duas pessoas surdas são excluídas da comunicação quando a informação que está sendo apresentada pela jornalista não está na tela ou mapa, o que foi observado nos três encontros. Além do mais, existe o fato de que há PDA que não são alfabetizadas em português, ou seja, se comunicam apenas pela linguagem de sinais. Para essas pessoas ter ou não a legenda oculta não faz diferença e também existe outro ponto: algumas Pessoas com Deficiência Auditiva também podem não conhecer os numerais. Nesses casos, mesmo com os dados inseridos no mapa, não haveria entendimento nenhum de forma independente por essas pessoas.

Deste modo, também ressaltamos o problema encontrado no conteúdo meteorológico do Jornal do Almoço disponibilizado no site da Globo Play. Todo o programa é publicado na íntegra, mas também é possível ter acesso aos blocos do telejornal, como o da previsão do tempo. Entretanto, nem o site ou o reprodutor do vídeo disponibilizam recursos de acessibilidade comunicativa. Isso é estranho quando podemos constatar que a internet possibilita a inclusão de diversas ferramentas e mais, o conteúdo demora um tempo para ser publicado na Globo Play, então, também poderia contar com uma legenda sincronizada e menos rápida.

A observação participante realizada na presente pesquisa, tornou possível afirmar que cada pessoa possui sua tática baseada em seus conhecimentos e experiências sociais, mas em algum momento sempre acabam sendo dependentes de outros. Neste momento, ressaltamos que não consideramos como tática (CERTEAU, 1980) o auxílio de outras pessoas para a compreensão das informações meteorológicas pelos voluntários. Todos são sujeitos comunicantes (BONIN e SAGGIN, 2017), pois acabam reconstruindo formas comunicacionais, mas são impedidos de exercer sua cidadania comunicativa, conforme Mata (2006), ao serem excluídos da comunicação. Além disso, é importante ressaltar que a comunicação deve ser reconhecida “como um alicerce para o exercício da cidadania” (BONITO, 2015) e se as informações meteorológicas não forem compreendidas pelas pessoas ou se elas não conseguirem entender como aplicar tais dados em suas atividades diárias, é como se aquela informação não existisse. (TADDEI, 2008).

Por fim, salientamos que as reformulações que o boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço sofreu ao longo dos anos foram importantes, principalmente porque a produção atual consegue demonstrar a relevância das informações meteorológicas. Porém, é necessário repensar na acessibilidade comunicativa do quadro, ainda mais em tempos como o de hoje, que discutimos cada vez mais sobre mudanças climáticas. É fundamental que essas informações fiquem disponíveis para toda a sociedade de forma acessível, tanto no telejornal como no conteúdo da internet, sem tirar o direito das Pessoas com Deficiência de exercerem sua cidadania comunicativa.

POSFÁCIO: PROPOSIÇÕES FUTURAS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso possibilitou compreender toda problemática relacionada a falta de acessibilidade comunicativa nos conteúdos jornalísticos. Toda bagagem acadêmica construída até aqui proporcionou olhar de forma mais atenta para essas produções e assim, chamar atenção para a exclusão das Pessoas com Deficiência (PcD). Essa pesquisa utilizou dados do IBGE sobre PcD no Rio Grande do Sul, mas é necessário lembrar que no Brasil, 45 milhões de pessoas possuem alguma deficiência, isso equivale a 24% da população.

Como foi apresentado ao longo desta monografia, existem pesquisas que refletem sobre a meteorologia no jornalismo, mas ainda há muito o que explorar, tanto numa visão acadêmica como mercadológica. Durante a produção deste TCC, observei a importância das informações meteorológicas para a vida de toda sociedade, mas também constatei que existem poucas notícias jornalísticas destacando investigações acadêmicas da área meteorológica, o que pude relacionar com o que Oliveira (2010) aborda em seu livro, *Jornalismo Científico*. Segundo ela, todas as pesquisas científicas que se desenvolvem com dinheiro público precisam ser noticiadas para a população.

Acredito que essa monografia é um ‘ponta pé inicial’ para a exploração da questão envolvendo as informações de previsão do tempo e Pessoas com Deficiência. Conforme aponta Renzo Taddei (2008), se o público não consegue aplicar uma informação meteorológica no seu dia, é como se essa notícia não existisse. Por essa razão, com a produção deste TCC constatei que não há acessibilidade, além da legenda, em conteúdos sobre meteorologia.

Com isso em mente, produzi um pré-projeto para o Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), onde fiz a proposta de produzir conteúdos audiovisuais sobre previsão do tempo para as PcD. O projeto foi aprovado e em 2020 darei continuidade nesta pesquisa, agora, visando a criação de um produto. O objetivo deste trabalho não será apenas voltado para a produção acadêmica, mas também tentarei chamar atenção das pessoas, para que o público observe a importância da acessibilidade comunicativa para as Pessoas com Deficiência.

REFERÊNCIAS

A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência comentada / Coordenação de Ana Paula Crosara de Resende e Flavia Maria de Paiva Vital . _ **Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos**, 2008. p. : 164 cm

ANDRADES, Caroline; BONITO, Marco. **Mapeamento exploratório para o registro do clima sobre o jornalismo meteorológico no Brasil**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Porto Alegre - RS – 20 a 22/06/2019

AMARAL, Márcia Franz; RUBIN, Anaqueli. Jornalismo e meteorologia: tensões e distensões. **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.3, p.70-88, set./dez. 2012. Acesso em: 10 de agosto de 2019.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997

BBC BRASIL. **O que são mudanças climáticas e outras 14 perguntas para entender o fenômeno**. Publicada em 19 de outubro de 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/amp/geral-50019998?_twitter_impression=true. Acesso em: 27 de outubro de 2019.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 03 de maio de 2019.

BOGAS, João Vitor. **Surdo ou deficiente auditivo?** Blog HandTalk.me. Disponível em: <http://blog.handtalk.me/surdo-ou-deficiente-auditivo/> Acesso em 08 de dezembro de 2019.

BONIN, Jiani Adriana. **Metodologias de Pesquisa em comunicação: Olhares, trilhas e processos**. [et al.]. 2º ed – Porto Alegre: Sulina, 2011. Revisando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. p.19 - 42.

BONIN, Jiani Adriana; SAGGIN, Livia. **Perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 16, n. 32, jul./dez. 2017, p. 97-113

BONITO, Marco. **Processos de comunicação digital deficiente e invisível: Mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas Pessoas com Deficiência visual no Brasil**. Tese (doutorado) Universidade Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Comunicação, São Leopoldo, RS, 2015.

BONITO, Marco. **A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital.** Âncora Revista Latino-americana de Jornalismo | João Pessoa – Brasil | ANO 3 VOL.3 N.1 | JAN./JUN. 2016 | p. 175 a 193

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897/8391>

COUTINHO, Maria Julia. **Entrando no clima.** 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2016.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf> Acesso em: 15 de maio de 2019.

CPTEC. Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos. Disponível em: <https://www.cptec.inpe.br/sobreocptec/pt>. Acesso em: 29 de setembro de 2019.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano.** Editora Vozes; 3ª edição. Tradução: Erphaim Ferreira Alves. Petrópolis 1998.

DANTAS, José Guibson Delgado. **Teorias das Mediações Culturais: Uma proposta de Jesús Martín-Barbero para o estudo de recepção.** X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - São Luis, MA. 12 a 14 de junho, 2008.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

EXAME. **Greve Global pelo Clima: cidades brasileiras aderem a protestos.** Publicada em 20 de setembro de 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/greve-global-pelo-clima-cidades-brasileiras-aderem-a-protestos/>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

FAPESP. Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo. **Para entender as tempestades extremas.** Edição 732, novembro de 2018. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2018/11/14/para-entender-as-tempestades-extremas/>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

MELO, Patrícia Campos; PRADO, Avenner. Folha de São Paulo: **Cerrado - Agronegócio banca palestras de cético sobre mudança climática para ruralistas no Matopiba.** Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/ciencia/2018/crise-do-clima/cerrado/agronegocio-banca-palestras-de-cetico-sobre-mudanca-climatica-para-ruralistas-no-matopiba/>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

GRUPO RBS. **Jornal do Almoço completa 45 anos ao lado dos gaúchos.** Disponível em: <http://www.gruporbs.com.br/noticias/2017/03/06/jornal-do-almoco-completa-45-anos-ao-lado-dos-gauchos/>. Acesso em 10 de junho de 2019.

IAG. Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.iag.usp.br/siae97/meteo.htm>. Acesso em: 29 de agosto de 2019.

INEMA. Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Agrometeorologia**. Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br/monitoramento/agrometeorologia>. Acessado em 25 de agosto de 2019.

INMET. Instituto Nacional de Meteorologia. **Meteorologia Básica**. Disponível em: http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=home/page&page=meteorologia_basica. Acesso em: 29 de julho de 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 7ª ed. São Paulo. Edições Loyola, 2003.

MALDONADO. Alberto Efendy. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, trilhas e processos** [et al.]. 2º ed – Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277 - 297.

MATA, Maria. C. Comunicación y ciudadanía. problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, 2006. v. 8, n. 1. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/fronteiras/article/view/3125/2934>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo. Editora Atlas, 2003.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Editora Zahar, 2004.

MORAIS, Andréa Maria de; REIS, Heloiza Beatriz Cruz dos. **A meteorologia no telejornalismo contemporâneo: um estudo de caso do programa ‘Jornal Hoje’**. Caxias do Sul: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. 3. ed. - São Paulo: Contexto, 2010.

RELÂMPAGO. **Experimento São Borja**. Disponível em: <http://relampago.cptec.inpe.br/>. Acesso: 12 de outubro de 2019.

SBMET. Sociedade Brasileira de Meteorologia. **História da SBMET**; Disponível em: <http://www.sbmet.org.br/portal/sbmet/detalhe.php?id=38>. Acessado no dia 12 de outubro.

SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela. **A cidadania como comunicação: estudo sobre especificidade comunicacional do conceito de cidadania**. Maio 2016.

TADDEI, Renzo. **A comunicação social de informações sobre o tempo e clima: o ponto de vista do usuário**. São Paulo: XV Congresso Brasileiro de Meteorologia, 2008.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. **Jornalismo Utilitário: Primeiros indícios na imprensa brasileira**. XII Encontro Nacional de História da Mídia, Alcar 2019.

VILAS BOAS, Sergio (Org.). **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciantes e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. 4ª ed. Editora Roca; 2006.

APÊNDICES

Entrevista com a jornalista Brunna Colossi, responsável pela produção e apresentação do boletim meteorológico do JA:

Logo no início, como foi a sua preparação para apresentar o boletim? Você chegou a fazer algum curso para se especializar?

Brunna: Eu não tive uma grande preparação, nunca fiz nenhum curso de meteorologia. Eu vim pra cá e antes de assumir e de entrar no ar, acompanhei na época a Camila Martins e a Maíra Gato... acompanhei a rotina das gurias durantes uns três dias. Então elas que me passaram como funcionava, como era a nossa rotina, o nosso contato diário com os meteorologistas, que são da Somar Meteorologia lá de São Paulo, essa empresa que nos atende atualmente... então como é que a gente faz o contato com eles, alguns termos mais ‘básicos’ elas me passaram também... a baixa pressão, alta pressão e o que cada uma faz, o que cada uma influência no tempo, o que é uma frente fria... alguns termos mais básicos e também os sites. Os principais, que a gente pesquisa todos os dias, tipo: o Inmet, o CPTEC, RedeMet, Rindat, que são alguns dos sites que a gente consulta frequentemente para saber as informações do tempo.

No ano passado, em função também por alguns pedidos que eu já tinha feito aqui para a empresa, eu fui até São Paulo e acompanhei durante três/quatro dias a rotina das gurias que fazem a meteorologia na Globo, então as apresentadoras de lá. É uma rotina diferente da nossa. Por que? Porque a partir das três da manhã, agora antes, porque o Hora 1 começa mais cedo... acho que às 2h da manhã já há um meteorologista lá. Então ele fica até o último jornal, que é o Jornal Nacional... claro que eles ficam se revezando, mas ficam à disposição dos apresentadores e eles que ajudam a pautar o que são os assuntos mais pertinentes pro dia. Então eles dizem: olha, hoje vale destacar tal região, vale destacar tal cidade, temos tal sistema atuando... então, é uma preparação bem diferente da nossa, mas que foi bem legal pra mim também, porque eu pude acompanhar e conhecer também outras coisas e outras formas de pesquisa e também ver outras formas de fazer a previsão do tempo.

Você tem dificuldade de explicar algum fenômeno? Quais são os termos mais complexos pra você?

Brunna: Várias vezes eu tenho dificuldade em explicar fenômenos, até porque não é a minha área, eu não tenho uma especialização nisso e não estudei tanto pra isso. Então toda vez que surge uma expressão “sistema convectivo”, sei lá (risos)... alguma coisa diferente assim, ou o próprio cavado que é uma coisa sempre difícil de explicar, algum outro jato subtropical, algum termo diferente daquele usual de todos os dias, eu troco uma ideia sempre com os meteorologistas, mas se não é preciso usar eles eu não uso. Até porque se a gente tem que fazer essa explicação, se eu não entendo, eu tenho que deixar ainda mais claro para que o telespectador entenda...

Então se vai chover e não é tão importante falar o nome daquele sistema ou o nome original daquele sistema, a gente conta isso de uma outra forma que a pessoa entenda com mais clareza, mas sim, volta e meia eu tenho dificuldade em explicar algum fenômeno, muitas vezes a gente recorre as artes né, pra que a gente possa mostrar ‘ah, como é que funciona a sensação térmica, como funciona a queda de granizo, quando cai granizo, porque cai granizo, o que é amplitude térmica...’ algumas coisas nesse sentido a gente recorre aos artifícios do pessoal da equipe da arte aqui de Porto Alegre, que ajuda a deixar mais claro e mais didático...

Em episódios de temporais severos, quais são os desafios de apresentar o quadro?

Brunna: Em dias que a gente sabe que vai ter temporal, que nós já alertamos né... nós ficamos monitorando o tempo inteiro o radar da aeronáutica, o RedeMet, também monitoramos o Indaial, é um outro satélite que conseguimos ver um pouquinho de projeção de previsão de chuva. Então assim, em dias que a gente sabe que já deu temporal que vai dar temporal, nós costumamos vir um pouquinho mais cedo para a tevê, faz contato com todas as nossas praças do interior né, com todos os repórteres que estão no interior... liga para essas regiões para saber se já aconteceu chuva/se não tem chuva, pra saber se eles vão nos mandar imagens ilustras, para saber se a gente vai fazer ao vivos e aí definimos como será a apresentação daquele dia, com a entrada dos repórteres ao vivo de alguma região, se eles já

vão mandar imagens do que aconteceu, faz levantamento, liga pra defesa civil... então são algumas coisas que em dias de tempo mais severo, vamos monitorando e conversando para montar a previsão do tempo. E claro, sempre avaliando tudo, sempre analisando as imagens de satélite, para que possamos dar uma previsão mais completa pra quem está nos assistindo né...em contato com os meteorologistas para saber o quanto já choveu e o quanto isso significa da média do mês, porque às vezes falamos bastante em milímetros de chuva, “olha, já choveu 30 milímetros” e as pessoas não conseguem visualizar se isso é muito ou se isso é pouco. Então costumamos falar “olha, 30 milímetros é um terço da média do mês todo em apenas 24 horas” pra pessoa saber o quanto isso significa de chuva em apenas um dia ou em poucas horas.

Você pode contar um pouquinho como é a produção diária das informações para o boletim de previsão do tempo do JA?

Brunna: Bom, independente do horário que a gente chega, tanto para o Bom Dia Rio Grande ou pro Jornal do Almoço, a primeira coisa que a gente faz é abrir todos os sites. O Inmet, o CPTEC, o RedMet, para verificar se tem algum alerta feito por algum instituto ou órgão nacional né... algum instituto que nos diga que vai ter, sei lá, chuva intensa ou umidade relativa do ar baixa, se existe algum tipo de alerta feito por essas instituições, por esses órgãos que monitoram o tempo, e aí a gente vai para o nosso e-mail, que geralmente no Bom Dia Rio Grande, a partir das 04h20 os meteorologistas nos mostram, nos mandam o primeiro e-mail com as temperaturas que fazem na madrugada, temperaturas que estão acontecendo no momento... isso nas principais praças né, onde temos reportagens, repórteres no interior, são as cidades escolhidas que entram no nosso mapa e também no ‘relóginho’ do Bom Dia Rio Grande.

Então eles nos mandam as temperaturas e atualizamos naquele sistema, o ‘relóginho’, que entra no ar e eles nos mandam um resumo. Esse resumo eles falam basicamente como vai ser o tempo hoje, amanhã, depois de amanhã e uma tendência para os próximos dias. Então é um baita resumo que eles fazem da situação de cada dia. Colocam, por exemplo, algumas cidades, que são as que usamos no mapa, por exemplo: ‘ah capital, tempo nublado com pancadas de chuva, mínima de 18°C e máxima de 24°C’, é um exemplo. Daí eles descrevem algumas cidades, mas o que é importante e por isso que abrimos outros órgãos, outros institutos né, os

sites, para fazer uma comparação. Até porque às vezes, a Somar, que nos atende, a Somar Meteorologia é lá de São Paulo, daqui a pouco eles não fizeram algum alerta e observamos que lá no Instituto Nacional, no Inmet, eles estão dando chuva intensa para alguma região e aí a gente vai lá e questiona: ‘tal pessoa (instituto) tá dizendo que tem chuva, tem chuva tão forte ou não tem?’ Então várias vezes fizemos essa conversa com os meteorologistas e eles nos mandam, se ficamos com alguma dúvida, temos o contato deles por WhatsApp 24h ou a gente liga para eles, que a partir então das 04h30 da manhã eles já estão disponíveis para conversar conosco. E aí, por volta das 5 horas, no caso do Bom Dia, 05h15, vamos montar os mapas, que é um sistema que temos pronto num computador, um ‘sisteminha’, onde nós temos todas as regiões, o mapa separado por regiões, por estado, separado por sul e também por Brasil, que são os tipos de enquadramento que conseguimos pegar para mostrar as previsões. E aí, cada região, tem algumas cidades disponíveis para mostrar, não são todas, por isso eu não consigo falar de todas as cidades que eu gostaria, mas nesse caso, se a gente quer falar de uma cidade especial que não aparece no mapa, que temos como incluir no nosso mapa, pedimos para o departamento de arte e eles fazem essas telas pra gente...também temos essas telas de previsão de três, quatro dias de algumas cidades que são as que nós temos no sistema e também previsão de três cidades diferentes para o próximo dia... são recursos de arte que já vem pronto que nós temos no nosso sistema, conforme a previsão, conforme os indicativos né: muita chuva, calor, frio, umidade do ar, índice ultravioleta que usamos bastante também na questão do verão, que são mapas que recebemos pronto lá de São Paulo, mas é importante sempre bater: as informações que recebemos dos nossos meteorologistas, com o Inmet, com o CPTEC e também com outras empresas, por exemplo, o Climatempo... às vezes surge uma dúvida e tu vai lá e bate com outras fontes, para tentar ver quem está certo e conversar com os meteorologistas. Nós fizemos isso, montamos os mapas e fizemos no espelho do jornal uma pequena apresentação com alguns tópicos, por exemplo: chuva no norte e mais intensa no sul, algumas coisinhas assim para que a gente possa se guiar durante a apresentação. Hoje a gente não faz um texto totalmente fechado/escrito, porque a ideia é justamente conversar com o telespectador. Então nós dividimos os mapas e os tópicos de cada mapa.

Nós também fizemos essa montagem dos mapas e esses tópicos no nosso espelho de acordo com o tempo que nós recebemos todos os dias dos nossos editores, editores-chefe do jornal. Hoje o nosso editor chefe é o Jeferson Pacheco, então ele me diz “olha Brunna, tu tem três minutos” e eu organizo toda a previsão dentro desse tempo que ele me deu. Claro que em dias

que tem muita chuva, nós negociamos um tempo pra mais né...então há sempre uma negociação de acordo com as demandas do tempo. Tem também o quadro SOS São Pedro, quando ele entra colocamos pra mais, tem o quadro tempo na escola, que é aquele bate papo que eu faço com os estudantes, que também pedimos tempo pra mais, quando temos muitos casos de temporais, pedimos para usar ilustras ou vivos, tudo isso é negociável de acordo com a importância que tem a previsão do tempo naquele dia. Em dias que tu tem sol e calor para anunciar, que é uma situação mais tranquila que não tem nenhum alerta, conseguimos usar e fazer a previsão num tempo menor de duração.

Montado isso tudo, eu vou pro camarim, no caso do Bom Dia Rio Grande, quando é feito ele, viemos por volta de umas 5h/5h10, em meia hora a gente se arruma e faz cabelo e maquiagem, para umas 5h50min já estar no estúdio e pronta para entrar no ar. No caso do Jornal do Almoço, eu venho todos os dias por volta de umas 9h30min/10h me arrumar, em meia hora tô pronta, troco também o figurino e aí depois vou lá, faço as últimas atualizações, se não mudou nenhum alerta, me preparo para ir para o estúdio... e aí as programações, as previsões que entram na programação... antigamente o RBS Notícias tinha a previsão do tempo gravada, hoje com o novo formato dele, ele tem previsão ao vivo, por isso eu não faço mais a previsão do RBS Notícias, a não ser nos sábados, então a previsão é feita ao vivo, mas existem aquelas que entram no intervalo da novela e do jogo, durante a noite que são duas... Então essas programações eu costumo atualizar e escrevê-las no comecinho da tarde, lá pelas 16h eu atualizo tudo de novo, vejo se precisa de alguma arte ou coisa assim, volto para o estúdio, gravo essas programações né, essas duas entradas durante a noite, faço uma versão especial para as redes sociais, para o G1, para o Facebook e para o Instagram, que daí a gente contempla região por região, porque tem um tempo maior de duração.... a da programação tem 30 segundos, a do Insta, do Facebook passa de 1 minuto às vezes... faço essa gravação e aí basicamente termina meu horário de trabalho. Consigo projetar alguma coisa para o dia seguinte e termina meu horário. Meu horário normal de trabalho é das 9h às 17h.

Como é a relação com os meteorologistas durante a produção do quadro?

Brunna: Os meteorologistas nos auxiliam ao longo do dia o tempo inteiro através do WhatsApp ou pelo telefone, eles estão sempre à disposição. Várias vezes a gente precisa... “olha, vocês conseguem pra mim quais são as três cidades onde mais choveu nas últimas 24

horas e o que isso representa da média?” Eles fazem essa pesquisa para nós, mandam e a gente manda para o pessoal da arte, para fazer uma explicação, uma arte, uma tela para que a gente possa colocar no ar para deixar explicativo, mais dinâmico e mais didática a apresentação do tempo.

A interatividade com o telespectador (que envia fotos/vídeos) é importante para a produção do boletim nos dias de hoje?

Brunna: É completamente importante e por sorte hoje o jornal tá muito mais interativo. Hoje temos a possibilidade do WhatsApp que nos aproxima e facilita muito esse processo, porque muitas vezes temos como ver a chuva através do radar da aeronáutica, por exemplo, mas se alguns dos radares não estiver funcionando, não temos como saber se está chovendo lá no sul do Estado, a não ser nas cidades que temo conhecido para ligar. Então é muito legal, porque daqui a pouco tu tá falando de uma região e o telespectador já te manda uma foto dizendo “olha, aqui não choveu/aqui ainda tem sol/aqui tem muita neblina/aqui tem nevoeiro/aqui aconteceu tal situação...” muitas vezes eles nos relatam um fenômeno que pode ter acontecido “ah, tem uma nuvem funil que aconteceu aqui, Brunna... isso foi um tornado?”. Então a relação com os telespectadores é extremamente positiva e importante para nós, porque eles completam a nossa previsão do tempo né.

Hoje podemos usar todos os vídeos, as fotos que vem dos telespectadores e eles nos ajudam a construir a previsão do tempo. Assim como se eles nos mandam alguma dúvida, eles têm algum questionamento, tem alguma programação, nós conseguimos acrescentar no SOS São Pedro (se vem em um vídeo) ou podemos acrescentar no touch né, já que hoje a nossa tela é interativa...através das perguntas que eles mandam e responder esses telespectadores, ou usar mesmo as fotos e vídeos que eles fazem. Uma forma de estarmos presente em diferentes regiões pelos olhos de quem nos assiste. Então é realmente muito, muito, muito importante e bacana, e cada vez mais presente né... a participação dos telespectadores com a gente. Eu recebo muitas mensagens todos os dias no meu Instagram, nem todas eu consigo ver, mas eu sempre do uma passadinha. Então muitas vezes são informações bem legais, são fotos de previsão do tempo, são pessoas com questionamentos sobre a previsão do tempo...então isso é bem importante porque isso completa a nossa previsão. Nos faz ter olhos né, nos abre os olhos e nos faz ter olhos em regiões onde a gente não consegue chegar.

Desde a sua estreia no quadro, quais foram as mudanças que o boletim já sofreu?

Brunna: Na verdade quando eu cheguei em Porto Alegre, eu vim com uma proposta inicial que era só fazer o Jornal do Almoço. Então eu comecei fazendo só lá e depois disso, acabei assumindo todos os outros jornais. Também faço previsão do tempo pro Campo & Lavoura, que é uma previsão um pouco diferenciada (agrometeorológica), falamos de umidade no solo, quantidade de água disponível no solo... quando projetamos uma semana inteira, o que vai chover o que não vai chover, falamos também de estiagem agrícola. Então é uma previsão voltada para os agricultores, para quem depende do campo né e das plantações, enfim... Desde que eu cheguei, acabei assumindo esses outros jornais, nós mudamos logo na sequência a empresa, antes nós trabalhávamos com a Climatempo, que é quem hoje atende a Globo. Hoje nós trabalhamos com a Somar Meteorologia e a Globo com a Climatempo, mas sofremos algumas mudanças. Depois que eu cheguei nós começamos a colocar na programação, que antes não existia essas previsões do tempo no formato do Redação RS durante a programação... Então isso também foi uma coisa que depois que eu cheguei, acabou acontecendo, foi pedido da direção bem bacana né, para que a gente ocupasse esses espaços com informação, então começamos fazer isso... nós começamos também a tentar fazer de outros formatos, a tentar usar mais artes, vídeos, fazer uma previsão mais conversada, mais próxima das pessoas.... Assim numa linha como a Maju começou a fazer no Jornal Nacional, trouxemos também essa questão da interação, de fazer muita previsão ao vivo e essas foram as principais modificações. Hoje, a principal modificação que temos é de linguagem, porque tentamos todos os dias estar mais próximo dos nossos telespectadores, inclusive então, utilizando essas fotos e vídeos que eles nos mandam. Acho que essa é a mudança mais importante que nós estamos vivendo.

Em 2016, a Maju Coutinho lançou o livro “Entrando no clima”, onde conta que quando começou a comandar a previsão do tempo no JN, teve uma visão maior da importância da meteorologia e sentiu a necessidade das pessoas conhecerem mais sobre a ciência... você concorda com esse pensamento?

Brunna: Com certeza! A Maju é uma grande inspiração, porque ela realmente acabou mudando a previsão do tempo e acabou tornando ainda mais atrativa e importante, porque por

mais que as pessoas tenham todo dia o celular na mão e um aplicativo onde elas podem ver a previsão, elas param para assistir, porque elas querem saber de uma forma mais detalhada, como é que vai ser a previsão, se vai chover de manhã ou de tarde, por quê a umidade está tão baixa, quando que isso vai mudar, o que é um sistema de baixa pressão e o que ele interfere na natureza né, o que a umidade baixa pode fazer mal para minha saúde... então, esses fenômenos, explicar algumas coisas assim que acontecem, isso com certeza nos aproxima mais do público e é muito interessante e sim, a gente também tem essa busca né, nem sempre conseguimos em função do tempo do jornal, abrir tanto as informações assim... mas toda vez que acontece alguma coisa diferente ou nós temos a oportunidade de falar de uma forma diferente de alguma coisa que está acontecendo, algum fenômeno, alguma estação nova que está chegando... nós tentamos também abrir essas informações e tornar ela mais claras, sempre pensando que tem que ser uma informação acessível para diferentes pessoas, para a senhorinha, para a avó e para o adolescente que está nos assistindo, para que todas as faixas etárias consigam entender da mesma forma aquela informação. Então, se eu não precisar usar “o Sistema convectivo e tal”, uma palavra difícil e eu puder substituir por “um vento forte que vem do norte do Brasil” por exemplo, eu vou usar dessa forma, porque o importante é a pessoa entender a informação, entender o que vai acontecer e não usar termos técnicos, que acabam não deixando nada acessível na previsão.

A questão da acessibilidade já foi debatida na produção do telejornal? Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades em disponibilizar um conteúdo acessível?

Brunna: Esse é um grande desafio, uma luta que a gente ainda tem... muitas vezes já foi questionado isso e o que a gente conseguiu avançar até então... e a questão do *closed caption* né, que a gente tem todos os dias. Essa questão, claro, daí a pessoa também tem que ter né, essa televisão que traga essas informações, que torne a previsão informativa de uma forma que ela possa ler o que estamos falando, mas é claro que isso não é também acessível pra todos né... pessoa que tem algum outro tipo de deficiência, talvez não consiga entender o que está sendo dito na previsão do tempo, outros conseguem a partir da visão, só ver no mapa e entender o que está acontecendo, mas a gente sabe que ainda está longe do ideal, mas sim, isso é uma busca que se tem e é uma busca constante e que por enquanto, a gente não tem a melhor resposta para atender todas essas pessoas.

- Tabela construída no artigo do Intercom Sul 2019:

Rede social/ferramenta de busca/telejornais	Perfis de empresas de comunicação/artigos encontrados ou armazenados
Twitter:	Na busca feita através de tags nada relacionado ao tema foi encontrado. Já nos perfis, foram encontradas diversas contas que compartilham informações meteorológicas.
<p>Google Acadêmico: <i>acessibilidade telejornalismo</i></p>	<p>Encontrados: 2.900</p> <hr/> <p>Foram analisados os 40 primeiros trabalhos, entretanto nenhum deles aborda a temática de acessibilidade nos boletins de previsão do tempo.</p> <hr/> <p>Os dez primeiros artigos encontrados:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. TJ UFSC, o Telejornal diário da Universidade Federal de Santa Catarina 2. Legendas e janelas: questão de acessibilidade 3. TV digital, Acessibilidade e políticas públicas na América Latina 4. Acessibilidade e telejornalismo: a experiência do telejornal Pampa News da Unipampa 5. Acessibilidade em prática 6. Televisão e acessibilidade: o uso de recursos de inclusão para o surdo no telejornal brasileiro 7. Telejornalismo e audiência surda: um estudo sobre as estratégias de acessibilidade nas produções de TV em João Pessoa/Paraíba 8. Culturartes: telejornalismo cultural e de inclusão 9. Acessibilidade e transdisciplinaridade na comunicação: kit conscientização 10. Audiovisual produzido por jovens surdos: um roteiro de inclusão e acessibilidade
<p>Google Acadêmico: <i>telejornalismo meteorologia</i></p>	<p>Encontrados: 1.190</p> <hr/> <p>Foram analisados os 40 primeiros trabalhos, entretanto nenhum deles aborda a temática de acessibilidade nos boletins de previsão do tempo.</p> <hr/> <p>Os dez primeiros artigos encontrados:</p>

	<ol style="list-style-type: none"> 1. A meteorologia no telejornalismo contemporâneo: Um estudo de caso do programa “Jornal Hoje” 2. Entre mapas e moças do tempo: a meteorologia no Jornal Nacional e no Rural Notícias 3. Jornalismo e Meteorologia: avanços e desafios da Previsão do Tempo no telejornalismo brasileiro 4. Análise do jornalismo de meteorologia nos telejornais da Rede Globo 5. A estrutura do cenário para o quadro da previsão do tempo no telejornal 6. A confiabilidade dos produtores rurais do semiárido baiano nas previsões meteorológicas obtidas através da televisão 7. Aprendendo física com o telejornal 8. O papel da cultura na construção do gênero textual telejornal 9. Notícias de ordem interna nos telejornais de horário nobre em Portugal 2002-2006 10. O tempo e o trânsito: uma análise sobre telejornalismo, modernidade e espaço urbano
<p>Revista Anagrama USP: <i>acessibilidade telejornalismo</i></p>	<p>Encontrados: 8 artigos</p> <hr/> <p>Onde apenas dois tratam de questões de acessibilidade, nenhuma ligada ao tema desta pesquisa.</p> <hr/> <p>Os dois artigos que abordam acessibilidade:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Televisão e acessibilidade: o uso de recursos de inclusão para o surdo no telejornal brasileiro 2. Narrativas jornalísticas para o povo surdo
<p>Revista Anagrama USP: <i>jornalismo meteorologia</i></p>	<p>Não foi encontrado nenhuma pesquisa com a palavra chave.</p>
<p>Revista Rumores USP: <i>acessibilidade telejornalismo</i></p>	<p>Encontrados: 6 artigos</p> <hr/> <p>Dos seis artigos encontrados, apenas dois tratam de questões de acessibilidade, porém nenhuma envolvendo a temática deste trabalho.</p> <hr/> <p>Os dois artigos que abordam acessibilidade:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Telejornalismo universitário e acessibilidade

	<p>2. Os surdos na televisão: análise dos imaginários sociodiscursivos veiculados em reportagens do Jornal Visual</p>
<p>Revista Rumores USP: <i>jornalismo meteorologia</i></p>	<p>Encontrados: 2 artigos</p> <hr/> <p>Os dois artigos analisados não abordam questões de acessibilidade.</p> <hr/> <p>Os artigos encontrados:</p> <p>1. Entre o céu e a terra: a cobertura das catástrofes e o discurso das autoridades</p> <p>2. Análise crítica da cobertura da previsão do tempo em portais especializados</p>
<p>Boletins de previsão nos telejornais:</p>	<p>Nenhum deles disponibilizam o recurso de Audiodescrição e também janela de libras.</p>

ANEXOS

Comitê de Ética em Pesquisa
Campus Uruguaiana – BR 472, Km 502
Prédio Administrativo – Sala 23
Caixa Postal: 118
Uruguaiana – RS
CEP 97100-970
Telefones: (55) 3911 0200 – Ramal: 2289,
(55) 3911 0202.
E-mail: cep@unipampa.edu.br

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: As táticas utilizadas pelas Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva para consumir informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço

Pesquisador responsável: Caroline Fonseca Andrade

Campus/Curso: São Borja

Telefone para contato: (55) 99701-8495

Local da coleta de dados: durante encontros com voluntários

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade e o anonimato dos sujeitos cujos dados serão coletados através de encontros que serão realizadas, de preferência, na residência de cada sujeito. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas preservando o anonimato dos sujeitos e serão mantidas em poder do responsável pela pesquisa, Prof.(a) Pesquisador(a) Marco Bonito por um período de 5 anos. Após este período, os dados serão destruídos.

São Borja, 21 de agosto de 2019.

.....*Caroline Andrade*.....

Caroline Andrade

RG: 5102354031

Matrícula: 181152232

.....*Marco Bonito*.....

Marco Bonito

RG: 9.252.445

Siape: 1728808